

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

GISELE MACIEL

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS: AS CONTRIBUIÇÕES
FONOLÓGICAS PARA A SEMÂNTICA DA LIBRAS

PONTA GROSSA
2026

GISELE MACIEL

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS: AS CONTRIBUIÇÕES
FONOLÓGICAS PARA A SEMÂNTICA DA LIBRAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Rúbia Carla da Silva

PONTA GROSSA
2026

M152 Maciel, Gisele

 O ponto de articulação das línguas de sinais: as contribuições fonológicas para a semântica da libras / Gisele Maciel. Ponta Grossa, 2026.
 115 f.

 Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

 Orientadora: Profa. Dra. Rúbia Carla da Silva.

 1. Língua Brasileira de Sinais (Libras). 2. Línguas de sinais - Linguística. 3. Fonologia. 4. Semântica. 5. Parâmetros linguísticos. I. Silva, Rúbia Carla da. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 419

GISELE MACIEL

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS: AS
CONTRIBUIÇÕES FONOLÓGICAS PARA A SEMÂNTICA DA LIBRAS

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da
Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em
Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 03 de março de 2026

Documento assinado digitalmente
 RUBIA CARLA DA SILVA
Data: 11/03/2026 10:48:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dra Rúbia Carla da Silva – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente
 MARCIA CRISTINA DO CARMO
Data: 11/03/2026 20:51:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dra Márcia Cristina do Carmo - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente
 SHIRLEY VILHALVA
Data: 06/03/2026 17:41:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dra Shirley Vilhalva - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Documento assinado digitalmente
 TANIA APARECIDA MARTINS
Data: 06/03/2026 08:30-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dra Tânia Aparecida Martins – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

*Ao meu avô e minha avó que me guiam lá
de cima.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder força, saúde e serenidade em todos os momentos desta caminhada.

À minha família. Agradeço aos meus pais, que sempre acreditaram no meu potencial e me incentivaram a seguir adiante, mesmo quando as dificuldades pareciam maiores do que os sonhos. À minha irmã, pelo apoio, palavras de encorajamento e compreensão nos momentos em que precisei me ausentar para estudar. Cada conquista minha também é de vocês.

Aos meus amigos, que souberam respeitar minhas ausências, celebraram cada pequena vitória e estiveram presentes nos dias em que o cansaço e a insegurança tentaram me fazer desistir. Obrigada por tornarem o percurso mais leve e por me lembrarem constantemente do valor dessa jornada.

À minha orientadora, cujo conhecimento, sensibilidade e rigor acadêmico foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela paciência, leitura atenta, direcionamentos precisos e por acreditar neste projeto quando ele ainda era apenas uma ideia. Sua orientação ultrapassa o âmbito acadêmico e se torna inspiração profissional e pessoal.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, que contribuíram significativamente para minha formação, ampliando horizontes e instigando reflexões que se refletem diretamente nesta pesquisa. Cada disciplina, conversa e indicação bibliográfica deixou marcas importantes no caminho que percorri. Além dos membros da banca de qualificação e defesa que enriqueceram e avaliaram esta pesquisa. E a CAPES pela bolsa de estudos.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, participaram desta etapa, com palavras, gestos, ideias ou simplesmente com presença. Esta dissertação é resultado de uma caminhada coletiva, sustentada por muitos que torceram e acreditaram em mim.

RESUMO

Esta dissertação investiga a relação entre o ponto de articulação (PA) e a construção de significados semânticos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), considerando o papel central desse parâmetro na organização visuoespacial da língua. A pesquisa parte da concepção de língua como prática social e interacional e busca compreender de que modo a localização do sinal no corpo pode influenciar, distinguir ou reforçar sentidos na Libras. A pergunta que orienta o estudo é: de que modo o PA influencia os aspectos semânticos dos sinais da Libras e quais padrões podem ser identificados nessa interface? Para responder essa questão, estabelecemos como objetivo geral: analisar como o PA influencia na construção de significados na Libras, a partir da verificação de padrões fonológicos visuoespaciais. A partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, baseada na coleta e anotação de um corpus sinalizado, por meio do *software* ELAN, os sinais foram analisados segundo descrições fonológicas presentes na literatura clássica e contemporânea das línguas de sinais, além de serem agrupados por domínios semânticos. Nos resultados identificamos que houve 438 ocorrências de PAs, 300 anotações semânticas, somando com os demais elementos analisados 1.556 verificações. Na questão qualitativa, exerce parcialmente influência na categorização e diferenciação dos significados, demonstrando que certas regiões corporais apresentam maior recorrência em campos semânticos específicos. Conclui-se que compreender a interface entre fonologia e semântica na Libras contribui para o avanço da descrição linguística da língua, bem como para práticas pedagógicas e formativas que envolvem seu ensino e difusão.

Palavras-chave: Linguística das línguas de sinais; Fonologia; Semântica; Parâmetros linguísticos; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationship between the point of articulation (AP) and the construction of semantic meanings in the Brazilian Sign Language (Libras), considering the central role of this parameter in the visuospatial organization of the language. The research starts from the conception of language as a social and interactional practice and seeks to understand how the location of the signal in the body can influence, distinguish or reinforce meanings in Libras. The question that guides the study is: how does the PA influence the semantic aspects of Libras signals and what patterns can be identified in this interface? To answer this question, we established as a general objective: to analyze how PA influences the construction of meanings in Libras, from the verification of visuospatial phonological patterns. From a quantitative and qualitative approach, based on the collection and annotation of a signaled corpus, through the ELAN software, the signals were analyzed according to phonological descriptions present in the classical and contemporary literature of sign languages, in addition to being grouped by semantic domains. In the results we identified that there were 438 occurrences of PAs, 300 semantic annotations, adding with the other elements analyzed 1.556 checks. In the qualitative question, it partially exerts influence on the categorization and differentiation of meanings, demonstrating that certain body regions have greater recurrence in specific semantic fields. It is concluded that understanding the interface between phonology and semantics in Libras contributes to the advancement of the linguistic description of the language, as well as to pedagogical and training practices that involve its teaching and dissemination.

Keywords: Sign language linguistics; Phonology; Semantics; Linguistic parameters; Brazilian Sign Language.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Sinal CAPÍTULO.....	21
Imagem 2 - Configuração de mão 13.....	23
Imagem 3 - Sinal SENTIR.....	23
Imagem 4 - Sinal COMER.....	25
Imagem 5 - Sinal LIVRO.....	26
Imagem 6 - Sinal LIVRO DIGITAL.....	27
Imagem 7 - Sinal CABEÇA.....	29
Imagem 8 - Sinal ÁRVORE em Libras, LBS e LIS.....	29
Imagem 9 - Sinal JOGAR.....	31
Imagem 10 - Sinal PREPARAR.....	41
Imagem 11 - Sinal FAMÍLIA.....	42
Imagem 12 - Sinal AMANHÃ.....	42
Imagem 13 - Sinal ALUNO.....	43
Imagem 14 - Sinal SEMANA.....	44
Imagem 15 - Sinal SABER.....	44
Imagem 16 - Sinal NÃO LEMBRAR.....	45
Imagem 17 - Sinal GOSTAR.....	46
Imagem 18 - Sinal ODIAR.....	47
Imagem 19 - Sinal EU.....	47
Imagem 20 - Sinal VOCÊ.....	48
Imagem 21 - Sinal ENSINAR.....	48
Imagem 22 - Sinal PROCURAR.....	49
Imagem 23 - Sinal ENTREGAR.....	49
Imagem 24 - Sinal AVISAR.....	50
Imagem 25 - Sinal TRABALHAR.....	50
Imagem 26 - Sinal OLHAR.....	51
Imagem 27 - Sinal CORRER.....	51
Imagem 28 - Sinal de ESTUDAR.....	52
Imagem 29 - Sinal PENSAR.....	52
Imagem 30 - Sinal TELEVISÃO.....	54
Imagem 31 - Sinal COMPUTADOR.....	54
Imagem 32 - Sinal VER.....	54
Imagem 33 - Sinal LER.....	55
Imagem 34 - Sinal MORFOLOGIA.....	56
Imagem 35 - Sinal FARMÁCIA.....	56
Imagem 36 - Sinal DAR.....	59
Imagem 37 - Sinal ONTEM.....	60
Imagem 38 - Sinal IR.....	60
Imagem 39 - Sinal MENINA.....	61

Imagem 40 - Sinal PEGAR.....	61
Imagem 41 - Sinal MENINO.....	63
Imagem 42 - Sinal CADEIRA.....	64
Imagem 43 - Sinal REUNIÃO.....	74
Imagem 44 - Sinal IRMÃO.....	74
Imagem 45 - Sinal IGUAL.....	74
Imagem 46 - Sinal SÁBADO.....	75
Imagem 47 - Sinal APRENDER.....	75
Imagem 48 - Sinal OBRIGAD@.....	80
Imagem 49 - 2º Grau/Ensino Médio.....	97
Imagem 50 - sinal OBRIGADO.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Anotações em Trilhas.....	94
Tabela 2 - Ocorrências das categorias semânticas por diálogo analisado.....	94

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ASL	<i>American Sign Language</i>
CLs	Classificadores
CM	Configuração de mão
DV / DVs	Descritivos Visuais (classificadores)
ELAN	EUDICO <i>Linguistic Annotator</i>
ENM	Expressões não-manuais
ESLiN	Escola de Línguas, Literaturas e Culturas
GELES	Grupo de Estudos de Língua de Sinais
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L	Locação/Localização
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIB	Língua Britânica de Sinais
LIS	Língua Italiana de Sinais
LS	Língua de sinais
M	Movimento
O	Objeto
OM	Orientação da mão
OSV	Objeto + Sujeito + Verbo
OSVO	Objeto + Sujeito + Verbo + Objeto
PA	Ponto de Articulação
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
S	Sujeito
SLLS	<i>Sign Language Linguistics Society</i>

SOV	Sujeito + Objeto + Verbo
SSVO	Sujeito + Sujeito + Verbo + Objeto
SVO	Sujeito + Verbo + Objeto
TISLR	<i>Theoretical Issues In Sign Language Research</i>
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
V	Verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - ENTENDENDO AS LÍNGUAS DE SINAIS (LS)	18
1.1 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS GERAIS	18
1.1.1 Produtividade/recursividade	20
1.1.2 Dualidade	22
1.1.3 Descontinuidade	24
1.1.4 Arbitrariedade	25
1.1.5 Iconicidade	28
1.1.6 Linearidade/simultaneidade	30
1.2 MARCOS LINGÜÍSTICO-HISTÓRICOS DAS LS	32
1.3 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DAS LS	35
CAPÍTULO 2 - PROCESSOS ESTRUTURAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA LIBRAS	39
2.1 A MORFOLOGIA DA LIBRAS	40
2.2 A SINTAXE DA LIBRAS	57
2.3 A PRAGMÁTICA DA LIBRAS	70
2.4 A FONÉTICA E A FONOLOGIA DA LIBRAS	72
2.5 A SEMÂNTICA DA LIBRAS	83
CAPÍTULO 3 - ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	89
3.1 GERAÇÃO DOS DADOS	89
3.1.1 A obra	91
3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA E SEMÂNTICA	91
3.3 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A - ANÁLISE DIÁLOGO 1 ELAN	109
APÊNDICE B - ANÁLISE DIÁLOGO 2 ELAN	110
APÊNDICE C - ANÁLISE DIÁLOGO 3 ELAN	112
APÊNDICE D - ANÁLISE DIÁLOGO 4 ELAN	114

INTRODUÇÃO

Inicialmente, consideramos necessário evidenciarmos alguns conceitos primordiais que embasam as reflexões e análises apresentadas ao longo do trabalho. Dito isso, faremos um breve esclarecimento sobre o entendimento que temos sobre “língua”, uma vez que são defendidas diferentes teorias sobre esses termos.

Dentre as diferentes concepções existentes na história dos estudos linguísticos, destacamos quatro teorias amplamente discutidas sobre o conceito de língua: (i) a língua como instrumento de comunicação, ligada à estruturalistas como Ferdinand de Saussure (2021), que a entende como um sistema estruturado de signos utilizado pelos falantes; (ii) a língua como expressão do pensamento, enfatizando o vínculo entre linguagem e formação do espírito humano, relacionada ao idealismo linguístico de Humboldt (2021); (iii) a língua como interação, defendida sobretudo por correntes sociolinguísticas e enunciativo-discursivas, como as de Bakhtin (2010) e Benveniste (1995), que concebem a língua como prática social situada e construída nas relações entre sujeitos; e (iv) a língua como faculdade mental inata, proposta pelo gerativista Chomsky (1965), que a define como um sistema cognitivo internalizado, responsável pela competência linguística dos falantes e orientado por princípios universais.

Neste trabalho, o conceito de língua adotado fundamenta-se nas contribuições de Bakhtin (2010), uma vez que defende ser a língua indissociável das práticas enunciativas, constituindo-se na interação concreta entre sujeitos historicamente situados. Assim sendo, entendemos que a língua não existe como sistema abstrato isolado, mas como enunciação viva, permeada por valores, intenções e relações sociais. Essa perspectiva orienta a abordagem relacionada às línguas de sinais, especificamente a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), concebida como forma de interação social e construção de subjetividade nas comunidades surdas, permitindo, nas análises dos dados na dissertação, compreender a linguagem como atividade prática de significação e de constituição subjetiva no e pelo uso. Do ponto de vista histórico, a trajetória das línguas de sinais é marcada por longos períodos de restrições, atravessados por práticas de silenciamento e políticas educacionais que as desvalorizavam. Apesar desse cenário adverso, as comunidades surdas mantiveram práticas linguísticas próprias e

promoveram movimentos de resistência que foram fundamentais para a consolidação e posterior reconhecimento linguístico enquanto línguas (Oliveira; Moraes; Santos; Casarin, 2003). A Libras, neste caso, é notada como língua adicional, uma vez que amplia seu repertório linguístico e comunicativo.

Em relação à Libras, a legitimação jurídica foi instituída pela Lei nº 10.436 (Brasil, 2002), entrando em vigor em 24 de abril de 2002, resultado de décadas de reivindicação social e política, marcando a língua como símbolo de resistência, identidade e afirmação cultural da comunidade surda brasileira. Com esse reconhecimento legislativo, a Libras passa a ser respeitada, valorizada e entendida ainda mais como língua da comunidade surda.

As línguas de sinais, diferentemente das línguas vocais,¹ apresentam modalidade visuoespacial. O sinalizante utiliza o corpo para se comunicar. Nessa perspectiva, podemos afirmar que é uma língua natural. William Stokoe, na década de 1960, comprovou em seus estudos sobre a *American Sign Language* (ASL) que esta era dotada de todos os níveis linguísticos (Quadros, 2019). Sobre esse aspecto, a autora postula que

A Libras é uma língua dotada de todos os níveis de análise linguística:
 - unidades mínimas de ('fonemas'), que se combinam para formar palavras;
 - padrões prosódicos;
 - suas palavras se combinam para formar enunciados;
 - os enunciados apresentam proposições que podem ser analisadas do ponto de vista semântico, pragmático;
 - seus usos apresentam questões de ordem sociolinguística (Quadros, 2019, p. 25-26).

Quando se analisam os processos de coordenação na Libras, evidencia-se que a língua apresenta mecanismos sintáticos sofisticados, nos quais diferentes constituintes podem ser articulados em estruturas coordenadas regulares e sistemáticas. Esses achados demonstram que a sintaxe da Libras funciona com base em princípios comparáveis aos das línguas vocais, reforçando sua condição de língua natural plenamente desenvolvida. Nesse mesmo sentido, a língua apresenta regularidades próprias na organização das orações e na relação entre constituintes, revelando mecanismos internos de ordenação, marcações morfossintáticas e uso do espaço discursivo que operam de maneira sistemática. Tais características

¹ O termo "vocal" foi escolhido para indicar especificamente os idiomas que utilizam os órgãos vocais e o sistema auditivo. Essa escolha evita o uso de "língua oral" ou "oralidade" com o sentido de língua falada, já que as línguas de sinais também apresentam práticas orais (no sentido de não serem escritas) e podem possuir registros escritos (Silva, 2023).

reafirmam que a Libras apresenta uma gramática estruturada, coerente com o funcionamento das línguas naturais (Schlindwein; Aquino, 2021; Chiodi, 2025).

É possível identificar também uma espécie de classificação para as línguas de sinais. A primeira forma é de reunir as línguas de sinais próprias de comunidades surdas, desenvolvidas e utilizadas predominantemente por pessoas surdas. A segunda abrange as línguas de sinais compartilhadas por surdos e ouvintes em comunidades menores, nas quais o uso da modalidade gestual-visual se dissemina socialmente. Este segundo tipo tende a ser descrito pelos autores como línguas de sinais emergentes, devido ao seu processo particular de formação e consolidação (Campello; Quadros, 2023).

Quanto a exemplos situacionais de aspectos sociolinguísticos, os surdos que apresentam pouco contato com outros surdos e os nascidos em família ouvinte, os quais fazem uso de outra forma de comunicação ou de uma língua local, passam por uma fase de transição ao frequentar centros urbanos e iniciar a aquisição da Libras. Os indivíduos que pertencem a comunidades desligadas² e que não estão inseridos nessa situação, conseqüentemente não acessam a Libras, para isso, criam uma língua local.

No Brasil já foram catalogadas doze línguas de sinais (Quadros; Karnopp, 2004). Porém, devido ao número de usuários ser reduzido, isso evidencia certo risco de extinção dessas línguas de sinais locais. Soma-se a isso o fato de crianças surdas que passam a frequentar a escola levarem a Libras para seus locais de origem, o que pode fazer com que sua introdução não ocorra de forma aditiva, mas subtrativa (Quadros, 2019; Silva; Quadros, 2019). Nessa perspectiva, a Libras escolarizada e socialmente prestigiada tende a se sobrepor às formas linguísticas previamente desenvolvidas de modo não formal, contribuindo para o enfraquecimento e, eventualmente, para o desuso dessas línguas ou sinais da comunidade.

Em muitos contextos, torna-se igualmente necessária a realização de ações voltadas à manutenção linguística. As atividades de documentação e descrição costumam envolver a elaboração de diferentes modalidades de gramáticas, como esboços descritivos, gramáticas de referência e materiais de caráter pedagógico, além da produção de dicionários. No processo de documentação, também são

² Comunidades desligadas são grupos de surdos que vivem isolados do contato com outras pessoas surdas e, portanto, sem acesso à Libras ou à cultura surda (Quadros, 1997).

reunidos diversos tipos de textos, incluindo narrativas, contos, relatos e produções poéticas. No caso das línguas de sinais já institucionalizadas, tais procedimentos são amplamente consolidados e fazem parte do conjunto de práticas recorrentes no campo da linguística (Araújo; Oliveira; Rodrigues, 2022).

Em contrapartida, a Libras também sofre ameaças, e o fator principal é como é transmitida. Como destaca Quadros (2019), um número significativo de sujeitos surdos nascem em famílias ouvintes, as quais desconhecem a língua de sinais, isso faz com que haja uma reinvenção linguística comprometendo o desenvolvimento e aprendizado do ser, dado que normalmente não tem o contato surdo x surdo. Por esse motivo a Libras está em risco, uma vez que a sua herança só é repassada pelas comunidades surdas, ou seja, pelo próprio sujeito surdo.

De toda maneira, os sinalizantes estão em todos os lugares, sendo a grande maioria surdos, contudo também podem ser ouvintes. Os chamados nativos nascem de pais surdos e crescem em contato com a língua. O convívio entre surdos se dá através de associações ou encontros previamente combinados. Porém, os surdos que nascem em uma família ouvinte podem ter acesso tardio à língua, somente anos depois encontram a comunidade surda, e o sentimento de pertencimento é imediato. Esse contato e inserção no grupo resultam na identidade visual, em outras palavras, o recebimento de um sinal que corresponda a uma característica física ou profissional, identificando-o na comunidade surda (Quadros, 2019; Silva; Quadros, 2019).

Diante desse breve panorama sobre a complexidade estrutural e sociolinguística da Libras, esta pesquisa foi motivada pela necessidade de compreender de que maneira o ponto de articulação (abreviado como PA neste trabalho) contribui para a construção de significado na Libras, considerando sua relevância tanto como parâmetro fonológico quanto como elemento que organiza o espaço articulatório de forma funcional. Além disso, o estudo do PA se alinha à urgência de registrar e analisar fenômenos que afetam diretamente a vitalidade linguística das comunidades surdas no Brasil.

Assim sendo, o problema de pesquisa centrou-se na relação entre a fonologia e a semântica, buscando entender como o PA participa da distinção e categorização dos sinais. Essa reflexão levou à seguinte pergunta norteadora: de que modo o PA influencia os aspectos semânticos dos sinais da Libras e quais padrões podem ser identificados nessa interface?

Para responder essa questão, estabelecemos como objetivo geral: analisar como o PA influencia a construção de significados na Libras, a partir da verificação de padrões fonológicos visuais-espaciais. Como objetivos específicos, definimos: (i) investigar quais são os PAs catalogados nos referenciais teóricos; (ii) mapear os diferentes pontos de articulação presentes no corpus selecionado; (iii) identificar possíveis padrões de associação entre PA e significado, a partir das manifestações dessa relação na língua.

Quanto aos procedimentos metodológicos, adotamos uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-analítico, utilizando o *software* ELAN³ para anotação e segmentação dos dados presentes nos vídeos do corpus, o que permitirá examinar com precisão os parâmetros fonológicos e seus efeitos semânticos.

Nesse ínterim, o trabalho foi organizado em capítulos que acompanham o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro capítulo trata dos fundamentos teóricos gerais, aspectos históricos e legais das línguas de sinais. O segundo capítulo aborda os processos estruturais e de sentido da Libras, verificando as relações entre fonologia e semântica, discutindo como esses domínios interagem na estruturação dos sinais, para tanto a construção da fundamentação teórica organizou-se de maneira estratégica, seguindo a ordem: morfologia, sintaxe, pragmática, fonética e fonologia, e semântica, tendo como objetivo aproximar as áreas diretamente relacionadas nesta pesquisa, contribuindo à análise dos dados. O terceiro capítulo apresenta os encaminhamentos metodológicos, a descrição do corpus e os procedimentos de análise adotados. Por fim, o quarto capítulo é dedicado à análise dos dados e à discussão dos resultados, culminando nas considerações finais.

³ ELAN (EUDICO *Linguistic Annotator*) é uma ferramenta de anotação que permite criar, editar, visualizar e pesquisar anotações para dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvida no Instituto Max Planck de Psicolinguística, em Nijmegen, Holanda, com o objetivo de fornecer uma base tecnológica sólida para a anotação e exploração de gravações multimídia. O ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, línguas de sinais e gestos, mas também pode ser usado por qualquer pessoa que trabalhe com corpora de mídia, ou seja, com dados de vídeo e/ou áudio, para fins de anotação, análise e documentação. Para saber mais, acesse: <https://www.mpi.nl/corpus/html/elan/pr01.html>. Acesso em 15 jan. 2026

CAPÍTULO 1

ENTENDENDO AS LÍNGUAS DE SINAIS (LS)

A análise das línguas de sinais exige a compreensão integrada de diferentes aspectos linguísticos, sociais, históricos e político-legislativos, uma vez que essas dimensões se entrecruzam na constituição e no uso efetivo dessas línguas nas comunidades surdas. No âmbito linguístico, destacam-se elementos como a estrutura fonológica, morfológica, sintática e discursiva, que evidenciam a complexidade e a sua legitimidade como sistemas naturais de língua.

A dimensão social permite compreender como fatores como identidade, variação regional, contexto de uso, políticas linguísticas e práticas comunitárias influenciam a dinâmica dessas línguas. No que diz respeito aos aspectos históricos, apesar de não ser o foco dessa pesquisa, é importante lembrar como o Congresso de Milão, em 1880, trouxe drásticas imposições quanto à proibição das línguas de sinais. Isso fez com que os avanços nas pesquisas linguísticas fossem interrompidos, sendo estas retomadas somente a partir de 1960, como já citado.

Por fim, conhecer os aspectos político-legislativos esclarece o quanto as sociedades ouvintes ainda precisam aceitar que línguas de modalidades diferentes podem ocupar concomitantemente os mesmos espaços socioeducacionais. Dessa forma, apresentar esses eixos é fundamental para situar a língua de sinais não apenas como objeto estrutural, mas como fenômeno vivo, historicamente situado e socialmente compartilhado pelas comunidades surdas.

1.1 ASPECTOS LINGUÍSTICOS GERAIS

A linguagem humana tem sido objeto de interesse de múltiplas disciplinas, como a Filosofia, Psicologia, Semiótica, Antropologia, Sociologia, Fonoaudiologia, Educação e Linguística, cada uma abordando o fenômeno sob perspectivas distintas — desde suas relações com a lógica, a mente e os signos, até seu papel na constituição das sociedades e nos processos de ensino e aprendizagem. As línguas humanas apresentam ampla diversidade estrutural e funcional, seja nos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos, seja nos modos de produção — vocais ou visuais-espaciais, como ocorre nas línguas de sinais (Quadros; Karnopp, 2004).

No mesmo sentido, a trajetória histórica dessas línguas é marcada por processos de restrição e posterior reconhecimento científico, o que contribuiu para consolidar a compreensão de que tais línguas possuem estrutura própria e *status* pleno enquanto línguas naturais. Apesar de barreiras sociais e educacionais enfrentadas pelas comunidades surdas, as línguas de sinais sempre exibiram mecanismos linguísticos. Essa perspectiva amplia a noção de faculdade da linguagem, demonstrando que sistemas estruturados emergem sempre que indivíduos humanos interagem em comunidades socioculturais estáveis (Oliveira; Moraes; Santos; Casarin, 2003).

Apesar dessa diversidade, é possível identificar traços universais que caracterizam todas as línguas naturais, denominados pelos linguistas como *propriedades linguísticas*. Tais propriedades representam manifestações da faculdade da linguagem e estão presentes em qualquer língua humana, independentemente de sua modalidade (Campello; Quadros, 2023). O linguista Charles F. Hockett (1958) foi um dos primeiros a sistematizar essas propriedades no âmbito do estruturalismo norte-americano, sendo posteriormente acompanhado por autores como André Martinet (1971).

Para melhor compreensão, apresentamos as propriedades linguísticas: (i) produtividade/recursividade; (ii) dualidade; (iii) descontinuidade; (iv) arbitrariedade; (v) iconicidade; e (vi) linearidade/simultaneidade. No intuito de ilustrá-las a partir de uma perspectiva não oral-auditiva, a Libras é tomada como exemplo analítico, para demonstrar como essas propriedades universais se manifestam em línguas de modalidade visuoespacial. Isso contribui para a ampliação da teoria linguística, ao integrar diferentes modalidades de linguagem no reconhecimento das bases estruturais comuns a todas as línguas naturais (Campello; Quadros, 2023).

A reflexão sobre as propriedades universais das línguas naturais destaca a importância de se descrever sistematicamente as línguas de sinais. A análise gramatical de línguas sinalizadas não apenas reconhece sua legitimidade enquanto sistemas complexos de linguagem, mas também evidencia que tais línguas compartilham princípios estruturais fundamentais observados em todas as línguas humanas. Assim, ao ser defendida a necessidade de elaboração de gramáticas, as pesquisadoras reforçam a noção de que as propriedades linguísticas universais — tal como produtividade, arbitrariedade, iconicidade ou dualidade — não são exclusivas do domínio oral-auditivo, mas constituem manifestações da faculdade da

linguagem presente em qualquer comunidade linguística humana (Araújo; Oliveira; Rodrigues, 2022).

1.1.1 Produtividade/recursividade

A produtividade é a propriedade linguística que permite a construção e interpretação de expressões inéditas, não previamente registradas em repertórios linguísticos (Lyons, 2013). Essa capacidade não se limita à criação de novas sentenças, mas também abrange a formação de novas palavras ou sinais, sendo observada tanto em línguas vocais quanto em línguas de sinais. Está intimamente relacionada ao conceito de recursividade, caracterizada pela possibilidade de encadeamento infinito de estruturas linguísticas, conforme discutido em teorias linguísticas formais (Stumpf; Quadros, 2023).

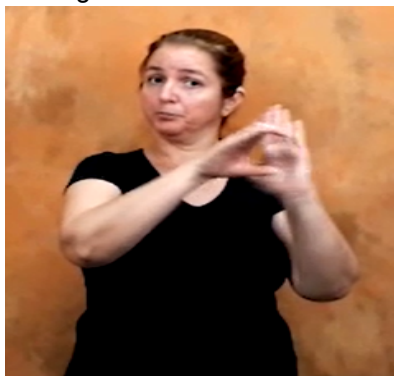
Essa propriedade é essencial no processo de aquisição da linguagem, sobretudo em crianças, que, mesmo com exposição limitada, demonstram a capacidade de compreender e produzir estruturas linguísticas inéditas. Tal fenômeno reforça a tese chomskiana de que a linguagem não é adquirida exclusivamente por meio da memorização ou da imitação, mas sim por uma capacidade inata do ser humano — a chamada faculdade da linguagem. A produtividade, nesse sentido, constitui um dos pilares da compreensão da natureza criativa e dinâmica das línguas humanas (Stumpf; Quadros, 2023).

No contexto da Libras, manifesta-se como um mecanismo para criação de novos itens lexicais, flexão morfológica e na construção sintática de enunciados. Ainda, pode ser observada, por exemplo, na formação de sinais relacionados a documentos formais, como CAPÍTULO (imagem 1) evidenciando o uso recorrente e sistemático de determinados arranjos fonético-fonológicos com valor semântico compartilhado (Silva; Quadros, 2023).

No que tange à produtividade da Libras, entendemos a capacidade da língua de combinar parâmetros fonológicos — configuração de mão (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), orientação da mão (OM) e expressões não manuais (ENM)— para gerar novos sinais e estruturas complexas. Esse sistema altamente combinatório permite a criação de novas formas de maneira economicamente motivada. Assim, a recursividade na Libras não depende apenas de construções

sintáticas tradicionais, mas também da própria plasticidade do espaço e dos recursos visuais que a língua oferece (Schlindwein; Aquino, 2021).

Imagem 1 - Sinal CAPÍTULO



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*, 2024)⁴

A produtividade linguística não se limita à gramática estrita, mas envolve também aspectos prosódicos, paralinguísticos e não vocais, tais como expressões faciais, movimentos oculares, gestuais e corporais, que desempenham papel fundamental na composição e interpretação das mensagens na Libras. Dessa forma, a produtividade na Libras deve ser compreendida em uma perspectiva multimodal, abrangendo tanto a geração de novos sinais e formas derivadas quanto a articulação fluente de estruturas sintáticas inéditas, interpretadas com naturalidade pelos usuários da língua. Trata-se, portanto, de um fenômeno dinâmico que reforça a complexidade e a completude da Libras como língua natural, plenamente capaz de expressar conteúdos abstratos e especializados (Lyons, 2013).

Estudos sobre línguas de sinais emergentes têm contribuído de maneira decisiva para a compreensão das propriedades linguísticas gerais que estruturam as línguas naturais. Mesmo em estágios iniciais de consolidação, essas línguas apresentam características fundamentais como arbitrariedade relativa, padrões fonológicos regulares, mecanismos de produtividade e expansão categorial. Ao analisar comunidades em que novas línguas sinalizadas se formam, Araujo, Oliveira e Rodrigues (2022) mostram que elementos icônicos gradualmente se estabilizam em estruturas mais convencionais, evidenciando o processo de gramaticalização típico das línguas humanas. Esses achados reforçam a perspectiva de que as propriedades universais da linguagem, como dualidade e recursividade, também

⁴ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/550378.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

emergem de forma espontânea em línguas sinalizadas, confirmando o caráter genuinamente linguístico desses sistemas.

Essas propriedades são atestadas na capacidade ilimitada da Libras de gerar textos e encaixar sentenças dentro de sentenças, complexificando o discurso. No contexto narrativo, a recursividade é frequentemente atingida por meio do uso estratégico do espaço de referência indexada, onde novos referentes (personagens e locais) são adicionados e reativados, permitindo a construção de cadeias de ações e eventos interligados. A complexidade sintática é também marcada pela combinação de sinais manuais com os marcadores não-manuais, que podem delimitar fronteiras de orações subordinadas ou cláusulas relativas, permitindo a geração de sentenças mais longas sem prejuízo da coesão. Dessa forma, a estrutura da narrativa em língua de sinais não só confirma a produtividade da Libras, mas também prova que a complexidade recursiva é inerente à modalidade visuoespacial (Sabanai, 2016).

1.1.2 Dualidade

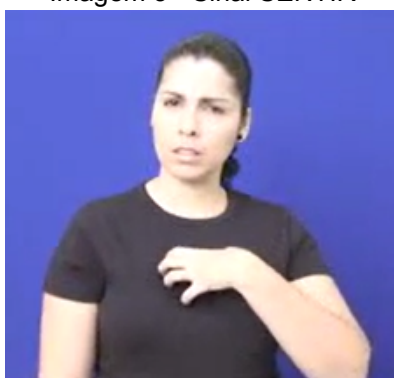
A dualidade é uma propriedade fundamental das línguas naturais que as distingue de outros sistemas de comunicação. Essa característica refere-se à capacidade de combinar unidades linguísticas menores, destituídas de significado por si mesmas, para formar unidades maiores e significativas, cada qual regida por regras específicas de organização (Quadros, 1997).

Nas línguas de sinais, como a Libras, esse princípio manifesta-se de maneira clara por meio da articulação de parâmetros fonológicos. Elementos como a configuração de mão 13 (imagem 2), o PA no tórax, a orientação da palma voltada para o tórax e movimentos retilíneos em direção ao tórax, quando articulados conjuntamente, formam o sinal SENTIR (imagem 3). Isoladamente, nenhum desses componentes possui significado. Contudo, ao serem combinados de acordo com as regras da língua, resultam em um sinal pleno de sentido (Silva; Almeida-Silva, 2023).

Imagem 2 - Configuração de mão 13

Fonte: (adaptado de INES, 2018)⁵

Imagem 3 - Sinal SENTIR

Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁶

Tal organização em níveis hierárquicos confirma que a dualidade está presente não apenas nas línguas vocais, mas também nas línguas visuoespaciais, reforçando a complexidade estrutural da Libras e sua equivalência com outras línguas naturais em termos de potencial expressivo e gramatical.

A Libras, assim como outras línguas naturais, organiza-se a partir de um inventário limitado de unidades discretas e não significativas (análogas a fonemas), que se articulam para formar unidades maiores e dotadas de significado, como sinais e morfemas. Esses, por sua vez, podem ser organizados em níveis superiores, como sintagmas, sentenças e textos. A primeira articulação da linguagem refere-se às unidades com significado (morfemas e palavras), enquanto a segunda diz respeito aos elementos combinatórios sem valor semântico próprio (parâmetros fonológicos), confirmando que a Libras opera de forma plenamente

⁵ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1kAXCzfzz9QckvHsfaijXjyabW2O_joQE/view. Acesso em: 15 fev. 2026

⁶ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/sentirSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026

compatível com os princípios estruturais das línguas humanas (Stumpff; Quadros; Pinheiro, 2023).

A propriedade de dualidade da linguagem humana permite a combinação de unidades mínimas sem sentido para formar unidades de sentido. O sinal materializado em Libras, enquanto “palavra”, atua no plano semântico, carregando a significação. A coerência textual na narrativa é sustentada através de regras sistemáticas de ordenação e uso espacial que transcendem o nível da palavra isolada. O uso do espaço tridimensional para estabelecer e manter referentes são manifestações que organizam os sinais para além de suas significações primárias, garantindo o fechamento e a articulação dos componentes textuais (Tamba, 2006; Sabanai, 2016).

1.1.3 Descontinuidade

Todas as línguas naturais compartilham a característica essencial de estarem sujeitas à variação e à mudança. Embora toda mudança linguística decorra de processos de variação, nem toda variação resulta necessariamente em mudança estrutural no sistema da língua (Labov, 2008). Nesse sentido, tem-se a noção de descontinuidade linguística como uma propriedade inerente às línguas naturais. Contrapõe-se à ideia de variação contínua, pois, apesar das semelhanças formais entre certos elementos linguísticos, mantém-se a identidade estrutural de cada forma dentro do sistema (Silva; Quadros, 2023).

Em outras palavras, mesmo diante da variação observada em usos e contextos, as línguas conservam unidades formais estáveis que asseguram a coesão do sistema linguístico ao longo do tempo. Essa propriedade reforça a complexidade das línguas naturais, que operam simultaneamente com estabilidade estrutural e flexibilidade (Labov, 2008).

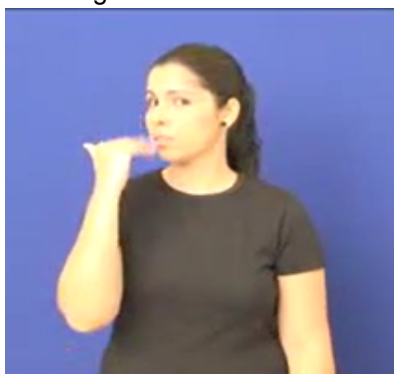
A relação entre forma e significado nas línguas naturais pode apresentar distinções mínimas formais que resultam em diferenças semânticas expressivas. Em contextos de uso mais espontâneo, podem ser ainda mais sutis ou até imperceptíveis (Silva; Almeida-Silva, 2023). Entretanto, na maioria das situações comunicativas há uma predominância estatística no uso de determinadas formas, o que reduz a ambiguidade mesmo em condições comunicacionais desfavoráveis. É

nesse ponto que se manifesta a propriedade da descontinuidade linguística: nos limites entre variação formal e distinção semântica.

Também o sinalizador não está limitado a descrever o que está presente no momento da enunciação; pelo contrário, estabelece um eixo temporal e um cenário virtual no espaço de sinalização. A recuperação desses referentes, bem como não alterar o recebimento da ideia, demonstra a capacidade da Libras de deslocar a referência do *aqui* e *agora* para o tempo, espaço e condição da história contada (Sabanai, 2016).

A descontinuidade, portanto, permite que pequenas alterações na forma não comprometam a inteligibilidade da mensagem, assegurando a estabilidade do sistema linguístico e reforçando a eficiência da comunicação. Mesmo em contextos com imprecisão na transmissão dos sinais, por exemplo, no sinal COMER (imagem 4) um leve aumento ou diminuição do movimento, ou uma pequena diferença no PA (mais próximo ou mais afastado da boca), não impede que o sinal seja reconhecido (Silva; Quadros, 2023).

Imagem 4 - Sinal COMER



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁷

1.1.4 Arbitrariedade

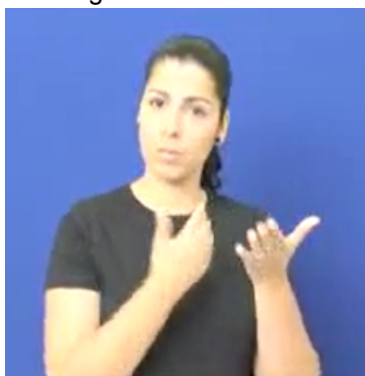
A arbitrariedade é uma das propriedades fundamentais das línguas naturais, referindo-se à ausência de uma relação necessária entre forma linguística e significado (Stumpf; Quadros; Pinheiro, 2023). O termo "arbitrário" designa algo que não pode ser explicado por princípios mais gerais, o que, para a linguística, aponta o caráter convencional dos signos linguísticos, ou seja, decorre do fato de que a

⁷ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/comerSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

relação entre significante e significado é convencional e socialmente compartilhada, não havendo motivação natural entre forma e sentido. Assim, o valor do signo não é determinado por características intrínsecas, mas pelas relações que estabelece com os demais signos do sistema linguístico (Saussure, 2021).

Nas línguas vocais, essa arbitrariedade é facilmente perceptível, como, por exemplo, na palavra “livro” em português. Já nas línguas de sinais, como a Libras, a relação entre forma e significado pode parecer mais transparente devido à presença da iconicidade, isto é, da semelhança perceptível entre o sinal e o objeto ou ação que ele representa. O sinal de LIVRO (imagem 5), em Libras, por exemplo, combina parâmetros manuais e não manuais que remetem ao ato de leitura, como a configuração das mãos imitando o abrir de um livro e o olhar direcionado ao sinal (Silva; Quadros, 2023).

Imagem 5 - Sinal LIVRO



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁸

Apesar disso, é incorreto assumir que todos os sinais em Libras são diretamente motivados por suas formas. A própria iconicidade, embora aparente transparência, também é convencional e, portanto, arbitrária (Silva; Quadros, 2023). Mudanças tecnológicas, como o uso de LIVROS DIGITAIS (imagem 6), não necessariamente alteram o sinal de LIVRO, o que evidencia a estabilidade convencional da forma. Além disso, sinais altamente icônicos, como os classificadores⁹, são de difícil aquisição, tanto para crianças surdas quanto para aprendizes de Libras como L2 (Quadros, 1997), o que reforça a complexidade envolvida entre forma e sentido.

⁸ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/livroSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

⁹ Em Libras, o classificador representa uma categoria de forma, tamanho, função ou movimento de um referente. Ele funciona para descrever objetos, pessoas, animais e ações, indicando como eles se movem, onde estão e quais são suas características físicas (Quadros, 1997).

Imagem 6 - Sinal LIVRO DIGITAL



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*, 2024)¹⁰

Mesmo nas línguas de modalidade visuoespacial, a relação entre significante e significado permanece predominantemente convencional. A reflexão sobre a arbitrariedade da estrutura gramatical nas línguas naturais permite desmistificar a ideia amplamente difundida de que deveria haver uma única língua de sinais universal. Tal concepção ignora o princípio fundamental de que as línguas, independentemente da modalidade — vocal ou sinalizada —, são construções sociais e culturais. Assim como as línguas vocais, as línguas de sinais estão intrinsecamente ligadas às comunidades que as utilizam, refletindo seus valores, costumes, história e experiências socioculturais (Silva; Quadros, 2023).

A discussão sobre as propriedades linguísticas da iconicidade e arbitrariedade adquire nuances particulares no estudo da narrativa em língua de sinais. Embora a Libras seja frequentemente associada à iconicidade em seu léxico (pela representação visual do referente), é no nível discursivo que essa dicotomia se equilibra pela gramaticalização dos elementos visuais. A iconicidade é explorada por meio de recursos como os classificadores, que representam a forma, o manuseio ou a característica de um objeto ou ser vivo. No entanto, o uso desses classificadores dentro da narrativa não é aleatório; sua posição, orientação e movimento são estritamente regidos por regras arbitrárias e sistemáticas da gramática da Libras. Portanto, a narrativa em sinais opera num contínuo onde a representação visual icônica é incorporada e controlada por uma estrutura sintática e discursiva que é puramente convencional, ou seja, arbitrária (Sabanai, 2016).

Portanto, a existência de múltiplas línguas de sinais ao redor do mundo é não apenas natural, mas necessária, dado que cada uma delas constitui um sistema

¹⁰ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/555045.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

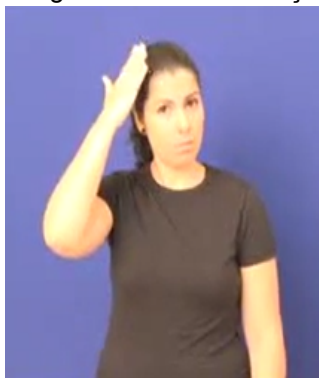
linguístico autônomo, com gramática própria e expressões culturais singulares. Essa diversidade linguística reflete a pluralidade das culturas surdas e reforça a natureza convencional e socialmente determinada das línguas.

1.1.5 Iconicidade

A iconicidade é frequentemente associada às línguas de sinais, sendo considerada uma de suas características mais marcantes. No entanto, essa propriedade não é exclusiva das línguas sinalizadas, uma vez que as línguas vocais também apresentam traços icônicos. O ponto central é que a iconicidade não exclui a arbitrariedade; ao contrário, ambas coexistem nos sistemas linguísticos naturais. Durante muito tempo, houve uma concepção equivocada de que as sinalizações seriam meras representações visuais ou “imagens no ar”. Essa visão foi superada quando os estudos linguísticos passaram a reconhecer os sinais como unidades linguísticas plenas, regidas por regras gramaticais e não apenas por motivações imagéticas (Silva; Quadros, 2023; Valli; Lucas, 2001).

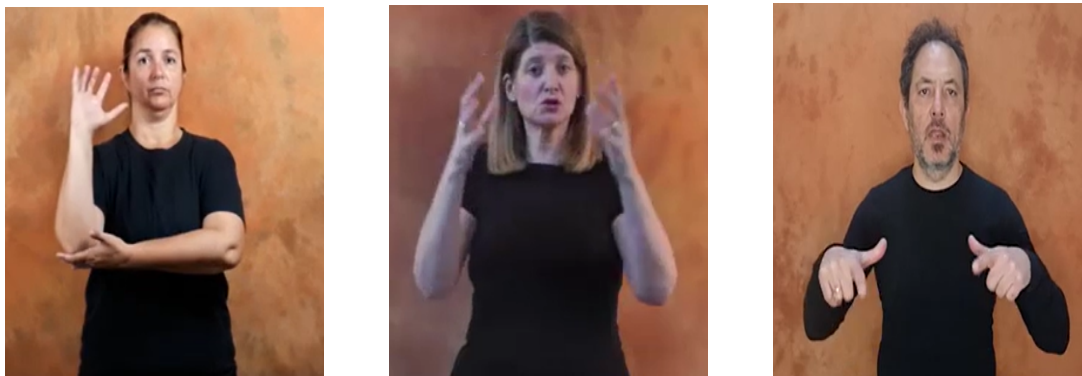
Além das diferentes possibilidades de realização da iconicidade, ressaltando que, embora haja certa transparência entre forma e significado, como no sinal de CABEÇA (imagem 7) na Libras, essa transparência é sempre mediada por convenções próprias de cada língua. Assim, mesmo quando há uma motivação icônica clara, os sinais são convencionais e variam. Para isso, exemplificamos com o sinal ÁRVORE em diferentes línguas de sinais: em Libras, na Língua Britânica de Sinais (LIB) e na Língua Italiana de Sinais (LIS) (imagem 8). O primeiro sinal apresenta o tronco e copa (Libras), o segundo apenas a copa de uma árvore (LIB) e no terceiro somente o tronco (LIS). A iconicidade nas línguas sinalizadas, embora presente, está subordinada às regras e à estrutura gramatical do sistema linguístico, funcionando como um recurso expressivo dentro de um conjunto de normas convencionais compartilhadas pela comunidade linguística (Silva; Almeida-Silva, 2023).

Imagem 7 - Sinal CABEÇA



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)¹¹

Imagem 8 - Sinal ÁRVORE em Libras, LBS e LIS.



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*)¹²

Ao analisar línguas de sinais emergentes, é possível perceber que, com o aumento da interação entre os usuários, os sinais passam gradualmente por processos de regularização formal, perdendo parte de sua transparência icônica e adquirindo configurações mais abstratas. Esse fenômeno confirma que todas as línguas humanas, independentemente da modalidade, tendem à gramaticalização e à estabilização estrutural ao longo do tempo (Araújo; Oliveira; Rodrigues, 2022).

Isso reflete uma relação intrínseca entre a modalidade visuoespacial e a estrutura gramatical dessas línguas. Ainda, os articuladores corporais, como mãos, olhar, expressões faciais e tronco, desempenham um papel central na construção do significado, aproveitando a visualidade para expressar relações sintáticas e semânticas complexas (Silva; Quadros, 2023).

¹¹ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/cabecaSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

¹² Disponíveis em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/486932.mp4>; <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/1/484306.mp4>; <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/17/671399.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

A organização espacial dos sinais e das sentenças, por exemplo, utiliza-se da iconicidade para tornar os sentidos mais transparentes. É possível observar também que elementos como o direcionamento do olhar e o posicionamento corporal podem funcionar como marcadores de orações distintas dentro de unidades complexas, revelando uma gramática visualmente articulada e altamente icônica. Assim, a iconicidade não é apenas uma característica superficial, mas um recurso linguístico sofisticado empregado na constituição estrutural (Quadros; Karnopp, 2004).

Muitos sinais apresentam motivações visuais claras, mas essas motivações não impedem que o sinal se afaste progressivamente da forma icônica à medida que é gramaticalizado. Assim, a Libras combina iconicidade e arbitrariedade em proporções distintas, revelando que a estrutura da língua não é derivada de uma simples mimese visual, mas de processos linguísticos sistemáticos que regulam a forma e o uso dos sinais. Essa perspectiva reforça que essa característica funciona como porta de entrada para o significado, mas não como princípio organizador exclusivo da língua (Schlindwein; Aquino, 2021).

1.1.6 Linearidade/simultaneidade

A linearidade é um princípio comum às línguas vocais, refletido na combinação sequencial de elementos. Na Libras, essa característica se manifesta em dois eixos distintos: o da linearidade e o da simultaneidade. No eixo linear, os sinais são produzidos em sequência, com movimentos e suspensões organizados sucessivamente para formar sinais e orações. Entretanto, a Libras também opera no eixo da simultaneidade, no qual múltiplos parâmetros, como CM, PA, M, OM, e ENM, são articulados simultaneamente durante a produção linguística. Ademais, é possível a execução paralela de sinais distintos por meio do uso independente das duas mãos, evidenciando a complexidade estrutural da língua (Quadros, 2019; Silva; Quadros, 2023).

A propriedade de linearidade/simultaneidade assume uma manifestação singular na modalidade visuoespacial. Enquanto as línguas vocais se apoiam majoritariamente na linearidade temporal para a articulação de fonemas e palavras, a Libras explora intensamente a simultaneidade de canais como ferramenta gramatical e discursiva. Na construção de uma narrativa, o sinalizador condensa informações ao mobilizar simultaneamente: (i) as mãos (para o léxico ou verbo

principal); (ii) o corpo e o olhar (para referenciar personagens ou indicar a direção da ação); e (iii) os marcadores não manuais (expressões faciais e movimentos da cabeça, que podem gramaticalizar aspectos como tempo, negação ou modalidade). Essa sobreposição de informações em canais distintos é um diferencial produtivo que reforça a natureza não-linear da produção linguística (Sabanai, 2016).

A simultaneidade é uma característica intrínseca das línguas sinalizadas (Silva; Almeida-Silva, 2023). Em Libras, o sinal JOGAR (imagem 9) ilustra essa propriedade ao incorporar, de forma simultânea, informações sobre o agente, a ação, o modo e a direção, cuja interpretação depende do contexto, mesmo que esses elementos não estejam explicitamente destacados. Assim, linearidade e simultaneidade são dimensões complementares e indissociáveis na análise linguística da Libras.

Imagem 9 - Sinal JOGAR



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*, 2024)¹³

Tendo isso em vista, a simultaneidade assume a função de um dos aspectos estruturais mais distintivos da Libras, manifestando-se na possibilidade de sobrepor informações por meio das duas mãos, das expressões faciais e da utilização do espaço. Não constitui um mero adorno expressivo, mas um princípio gramatical que permite à língua organizar múltiplas camadas de sentido ao mesmo tempo, diferentemente da linearidade estrita que caracteriza as línguas vocais. Desse modo, a Libras articula informações sintáticas, discursivas e pragmáticas de modo paralelo, oferecendo uma perspectiva ampliada sobre como a estrutura da língua pode funcionar fora do eixo linear (Schlindwein; Aquino, 2021).

Frente ao exposto sobre as propriedades linguísticas e ao reconhecimento oficial da Libras como língua nacional, podemos verificar um impulsionamento à

¹³ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/298934.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

pesquisa científica, favorecida também pelo uso de tecnologias especializadas. Ferramentas como o ELAN (sistema de anotação de vídeos), o *Signbank* (banco padronizado de sinais) e o Corpus de Libras (base de dados linguísticos) têm possibilitado análises mais refinadas e metodologicamente robustas. Esses recursos contribuem significativamente para a documentação, padronização e difusão do conhecimento sobre a Libras, ampliando o escopo da linguística das línguas de sinais e promovendo um “ganho surdo” ao trazer à tona aspectos, até então, pouco explorados nas línguas vocais (Silva; Quadros, 2023; Silva; Almeida-Silva, 2023).

Paralelamente, dentro da própria Linguística, observamos uma diversificação dos temas de pesquisa, com investigações emergentes em Sociolinguística, Políticas Linguísticas, Semântica, Pragmática, Análise do Discurso, Semiótica, dentre outras áreas do conhecimento, indo além dos campos tradicionalmente explorados como Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Silva e Quadros (2023) explicam que esse crescimento é impulsionado por dois fatores centrais: o avanço das tecnologias de análise linguística e a crescente participação de pesquisadores surdos, que oferecem uma perspectiva interna e legitimadora sobre a Libras.

1.2 MARCOS LINGUÍSTICO-HISTÓRICOS DAS LS

Desde os trabalhos pioneiros de Stokoe em 1960, as línguas de sinais têm conquistado crescente reconhecimento no campo científico, expandindo-se progressivamente para além da área educacional. Esse movimento de valorização tem se manifestado em diversas regiões do globo, com destaque para os continentes europeu e americano. Nesse cenário, políticas institucionais vêm sendo implementadas para fomentar o avanço das pesquisas, como exemplifica a atuação da *Sign Language Linguistics Society* (SLLS), organizadora do evento trienal *Theoretical Issues In Sign Language Research* (TISLR), refletindo a preocupação em estimular e descentralizar a produção acadêmica em regiões historicamente menos representadas (Silva; Quadros, 2023).

O linguista William Stokoe, no ano de 1960, apresentou uma análise linguística das línguas de sinais através da ASL. Ele esclareceu que um sinal era a combinação de unidades menores, nomeando-as como configuração de mão (usada neste trabalho como CM), localização (L) ou ponto de articulação (PA), sendo PA a

nomenclatura utilizada na pesquisa, e movimento (doravante M). Seus estudos se deram com a teoria da simultaneidade, ou seja, as unidades são feitas simultaneamente para produzir o sinal. Klima e Bellugi (1979) avançam nas análises linguísticas, adicionando a orientação da mão (daqui em diante OM), e Battison (1978) contribui, apresentando as expressões não-manuais (nomeado como ENM nesta pesquisa) como aspecto linguístico (Campello, 2023).

No Brasil, as primeiras investigações acadêmicas sobre a Libras são da década de 1980, com destaque para as contribuições pioneiras de Lucinda Ferreira-Brito e Tanya Felipe. Esse período marca o início de um percurso teórico-metodológico que resultou em uma ampla produção científica dedicada à descrição e análise da Libras. Ferreira-Brito é a responsável pelas primeiras publicações significativas, apresentando a Libras e a Língua de Sinais Urubu-Kaapor.¹⁴ Em seus estudos comparativos, a autora identificou diferenças estruturais marcantes entre as línguas, como a maior flexibilidade espacial observada na Urubu-Kaapor, em contraste com o espaço mais restrito da Libras. Ao mesmo tempo, notou semelhanças morfossintáticas, como o posicionamento de intensificadores e quantificadores após os nomes ou incorporados a eles. Isso foi fundamental na consolidação da Libras como objeto de estudo linguístico no cenário acadêmico (Silva; Quadros, 2023).

Ferreira-Brito (2010) apresenta um panorama das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos de Língua de Sinais (GELES), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), reunindo estudos de orientação e investigações próprias. Em 1987, Ferreira-Brito também investigou a produção pronominal comparativa entre a ASL e a Libras, identificando semelhanças formais e funcionais (Silva; Quadros, 2023).

No que diz respeito aos trabalhos de Tanya Felipe, estes também desempenharam papel decisivo no desenvolvimento dos estudos linguísticos da Libras no Brasil. Atuando na descrição formal da língua, Felipe (2007) dedicou-se especialmente à sistematização dos parâmetros fonológicos e morfológicos da Libras, evidenciando a organização interna dos sinais e demonstrando sua

¹⁴ A Língua de Sinais Urubu-Kaapor é uma língua de sinais indígena utilizada pelo povo Kaapor, no Maranhão, que surgiu a partir da presença histórica de pessoas surdas na comunidade. É compartilhada por surdos e ouvintes, sendo caracterizada como uma língua de sinais de vila. Possui estrutura linguística própria, distinta da Libras, e está integrada às práticas sociais e culturais do grupo, evidenciando a diversidade linguística das línguas de sinais no Brasil (Quadros; Karnopp, 2004).

complexidade estrutural. Suas pesquisas enfatizam como a combinação de CM, M, OM e PA compõe unidades significativas, contribuindo para a consolidação de uma abordagem fonológico-morfêmica da Libras. Além da produção teórica, a autora desenvolveu materiais didáticos e metodologias de ensino amplamente utilizados na formação de professores e intérpretes, o que favoreceu a difusão e legitimação da Libras no contexto educacional e acadêmico. Dessa forma, suas contribuições ampliaram o reconhecimento da Libras como língua natural, dotada de regras próprias e passível de análise científica sistemática (Quadros; Karnopp, 2004).

A partir da promulgação da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002) e do Decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005), observa-se um impulso significativo nas pesquisas em Libras no Brasil. A lei estabelece o reconhecimento oficial da Libras como meio legal de comunicação e expressão, assegurando sua legitimidade enquanto língua natural da comunidade surda. Esse reconhecimento jurídico não apenas atribui *status* de língua plena, com estrutura gramatical própria, mas também garante direitos linguísticos fundamentais aos sujeitos surdos, permitindo-lhes acessar informações, serviços públicos e educação de forma condizente com suas especificidades linguísticas e culturais. Nesse sentido, constitui um avanço político e social ao promover a valorização da identidade surda e fortalecer a luta pelo reconhecimento da diferença linguística no país.

Complementarmente, o Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005) regulamenta a referida lei e detalha os mecanismos pelos quais os direitos assegurados devem ser efetivamente implementados. No âmbito educacional, o decreto consolida o paradigma bilíngue, estabelecendo a Libras como primeira língua (L1) da pessoa surda e o português escrito como segunda língua (L2), orientando a organização de escolas e classes bilíngues, bem como o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Além disso, determina a obrigatoriedade do ensino de Libras nos cursos de formação de professores e profissionais da educação, como Pedagogia, Licenciaturas e Educação Especial, além de cursos da área da saúde, como Fonoaudiologia. Também regulamenta a formação, a certificação e a atuação de tradutores e intérpretes de Libras, consolidando sua presença em instituições públicas, educacionais e em serviços de atendimento ao público.

A criação do curso de Letras-Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2006, seguida por sua expansão para outras universidades, marca uma nova fase de institucionalização da Libras. De igual forma as

publicações, como a coleção “Estudos Surdos” (Quadros, 2006; Quadros, 2007), contribuíram para consolidar a Libras como objeto legítimo de investigação linguística (Campello, 2023). O surgimento de novos centros de pesquisa nas regiões nordeste e sul do país, juntamente com a disseminação dos cursos de Letras-Libras permitiram a formação de profissionais, como professores e intérpretes, fortalecendo a política de acessibilidade e bilinguismo. A ampliação das pesquisas refletiu na diversidade temática dos estudos (Campello; Quadros, 2023).

1.3 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DAS LS

A apresentação dos aspectos linguísticos, abordados progressivamente, demonstram os principais avanços teóricos relacionados à descrição linguística das línguas de sinais, com ênfase em sua estrutura sintática e nos efeitos da modalidade visuoespacial. Inicialmente, discutimos os estudos clássicos e contemporâneos sobre sequencialidade, simultaneidade e organização espacial. Em seguida, aprofundamos a análise das classes verbais, da concordância e dos mecanismos de coordenação, articulando contribuições de diferentes autores que evidenciam a complexidade gramatical.

Também são abordados aspectos narrativos, morfológicos e fonológicos, bem como discussões vinculadas à política linguística e às mudanças linguísticas. Por fim, destaca-se que questões relativas à fonologia e à semântica da Libras, embora mencionadas ao longo do capítulo para fins de contextualização teórica, serão tratadas de maneira detalhada em tópicos específicos posteriores, dada sua relevância e profundidade analítica para esta pesquisa.

Os linguistas têm buscado compreender quais princípios estruturais são compartilhados entre as línguas de sinais e as línguas vocais. A partir das contribuições dos estudos sobre universais linguísticos, entendidos como princípios e padrões que se manifestam em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, originalmente estabelecidos com base em diversas línguas vocais, as análises das línguas de sinais passaram a ser realizadas sob essa mesma perspectiva (Campello, 2023).

Nesse contexto, as pesquisas da década de 1960 foram essenciais para demonstrar que as línguas sinalizadas são línguas naturais, estruturadas e regidas

por regras, possibilitando identificar semelhanças tipológicas entre modalidades linguísticas distintas. Assim, reconhece-se que os aspectos linguísticos também se materializam nas línguas de sinais.

Um dos princípios fundamentais dessas análises é o entendimento de que a linguagem humana é restrita por normas cognitivas universais, compartilhadas tanto por línguas faladas quanto sinalizadas. Essas regularidades estruturais evidenciam que, apesar das diferenças entre sistemas linguísticos, como o português e a Libras, ambas as modalidades apresentam propriedades correspondentes (Quadros; Karnopp, 2004).

Nesse sentido, o modelo da sequencialidade, que descreve a organização interna do sinal e a dependência entre seus elementos constitutivos, as expressões faciais e movimentos corporais desempenham papel gramatical relevante, servindo como marcadores de advérbios e outros operadores linguísticos (Campello, 2023).

No campo da morfologia verbal da ASL, com repercussões diretas nas análises foram identificadas três classes gramaticais: (i) verbos simples; (ii) verbos de movimento; e (iii) verbos com flexão, evidenciando a sintaxe espacial como princípio organizador. Os verbos simples apresentam configuração e movimento fixos, sem flexão espacial ou direcionalidade, como em PENSAR, cuja forma permanece estável independentemente dos participantes (Quadros, 2019).

Os verbos de movimento (ou verbos direcionais) permitem marcar relações gramaticais por meio do deslocamento espacial, como em ENTREGAR, cujo movimento indica quem é agente e quem é paciente (Quadros; Karnopp, 2004). Já os verbos com flexão variam conforme número, aspecto ou modo, podendo apresentar reduplicação ou intensificação, como ocorre com o verbo ESTUDAR, que pode expressar ações habituais ou contínuas (Silva; Almeida-Silva, 2023).

Outro ponto relevante refere-se aos efeitos da modalidade visuoespacial. O espaço não é apenas um suporte semântico, mas um componente da própria unidade lexical. Isso ocorre porque pronomes, verbos direcionais e classificadores dependem diretamente do espaço para estabelecer referências gramaticais, o que torna o espaço parte constitutiva da forma e do significado dos sinais (Quadros, 2019). Assim, o espaço desempenha função gramatical e lexical simultaneamente, contribuindo para a representação de referentes, concordância e interpretação estrutural.

Destacam-se, também, os mecanismos de coordenação, demonstrando que justaposição, conectivos e marcações não manuais estruturam sentenças coordenadas de modo sistemático. Embora a Libras apresente flexibilidade na ordem dos constituintes, essa flexibilidade não implica ausência de regras; ao contrário, reflete princípios internos que articulam simultaneamente organização sintática e nuances semânticas. Assim, reafirma-se que a Libras possui mecanismos gramaticais robustos e regulares (Chiodi, 2025).

As construções que envolvem apontamentos indeterminados tem um modelo que ultrapassa limites tradicionalmente sintáticos, evidenciando a interação entre gestualidade e estrutura linguística. Tais construções combinam elementos linguísticos e gestuais, desafiando descrições estritamente morfológicas (Silva; Quadros, 2023).

Quanto à ordem dos constituintes, observa-se que a Libras é sistemática, mesmo no caso dos verbos manuais. Devido à modalidade visuoespacial, as línguas de sinais expressam múltiplas informações simultaneamente, diferentemente da linearidade predominante nas línguas vocais. A iconicidade também se destaca, manifestando-se no léxico, na estrutura gramatical e nos mecanismos de concordância (Silva; Quadros, 2023).

No campo discursivo, a representação espacial de cenas é essencial para a narrativa em Libras. O narrador organiza o espaço tridimensionalmente, distribuindo personagens, objetos e ações, variações de escala e movimentos corporais amplos para construir sequências altamente visuais. A narrativa frequentemente inicia pela construção do cenário antes mesmo da ordenação temporal, demonstrando a integração entre tempo e espaço na estruturação discursiva (Sabanai, 2016).

As derivações visuoespaciais seguem princípios organizacionais semelhantes aos das línguas vocais, com normas sintáticas que delimitam as alternativas de derivação. Com a CM é possível identificar processos como apagamento, assimilação e substituição, semelhantes aos observados na aquisição de línguas vocais (Quadros, 2019).

Ainda ocorrem mudanças fonológicas e morfológicas ao longo do tempo, desenvolvimento da linguagem em crianças surdas (L1 e L2) e os efeitos da modalidade visuoespacial, confirmando que as línguas de sinais compartilham propriedades universais com línguas vocais (Silva; Quadros, 2023). Tais investigações culminaram na consolidação acadêmica da Libras, com a elaboração

de gramáticas baseadas em corpora e a ampliação de estudos em universidades brasileiras. Essa consolidação reforça o objeto legítimo de investigação científica e evidencia a necessidade de compreender como categorias como estrutura gramatical, arbitrariedade, produtividade e dualidade se manifestam nas línguas sinalizadas, favorecendo o diálogo entre modalidades linguísticas e ampliando o escopo das teorias da linguagem.

CAPÍTULO 2

PROCESSOS ESTRUTURAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA LIBRAS

O estudo da Libras sob a perspectiva dos processos estruturais e da produção de sentido possibilita compreender como essa língua visuoespacial organiza unidades formais e semânticas de modo sistemático, revelando sua complexidade interna e seu funcionamento enquanto língua natural. A análise dos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático permite evidenciar que a Libras é um sistema linguístico completo, regido por princípios estruturais próprios e capaz de expressar desde noções básicas até abstrações complexas. Assim, investigar seus mecanismos internos é essencial para sustentar a compreensão científica da Libras como língua legítima, dotada de regras, padrões e variabilidade intrínseca (Quadros; Karnopp, 2004).

No plano fonológico e morfológico, observamos que a organização formal dos sinais envolve parâmetros articulatórios específicos, já citados anteriormente, que se combinam de maneira produtiva para gerar contrastes e constituir unidades lexicais. Esses elementos interagem com processos morfológicos, como derivação, composição e flexão espacial, que permitem ampliar o léxico, criar novos sinais e marcar relações gramaticais. Esses processos revelam que a Libras apresenta estruturas sistematizadas de formação de palavras, que operam de acordo com princípios semelhantes aos das línguas vocais, embora inscritos em uma modalidade que lhe confere características particulares (Silva; Quadros, 2023).

Já nos níveis sintático, semântico e pragmático, é possível observarmos como a Libras articula sinais em estruturas frasais, organiza relações argumentais e expressa nuances de significado em enunciados contextualizados. A gramática do espaço desempenha papel central nesse processo, permitindo não apenas a marcação de referentes, mas também o estabelecimento de relações coesivas e mecanismos discursivos visuais. A produção de sentido, portanto, não se limita à combinação de sinais, mas se constrói na interação entre forma, significado e uso, considerando fatores como contexto situacional, intenções comunicativas e práticas socioculturais das comunidades surdas. Dessa forma, a análise desses níveis evidencia que a Libras é uma língua dinâmica, capaz de produzir sentidos complexos por meio de uma articulação sofisticada entre suas estruturas linguísticas e suas condições de uso (Quadros, 2019).

2.1 A MORFOLOGIA DA LIBRAS

A morfologia trata de estudar a estruturação interna das palavras, ou seja, a união de elementos e suas diversas formas de apresentá-las, em número, gênero e pessoas, também responsável por formar as palavras a partir das unidades mínimas de significados. Por conta disso, diferentes processos assumem o papel para a formação de palavras, sendo eles: sufixação, prefixação, composição, abreviações, cruzamento de palavras e novos sentidos às já existentes. Ainda assim, existem restrições no momento dessa criação. Esse processo exemplifica os princípios das regras naturais que os sujeitos usam ao formar novas palavras (Quadros; Karnopp, 2004).

Os morfemas podem ser compreendidos como unidades mínimas de significados, divididos em: (i) presos, os quais não ocorrem isoladamente, como sufixos e prefixos; (ii) livres, estes constituem palavras/sinais; e (iii) dependentes ou ligados, realizados de forma simultânea por meio de modificações nos parâmetros fonológicos do sinal, como M, OM, PA e ENM, não ocorrendo de maneira autônoma, mas incorporados ao sinal-base para expressar informações gramaticais (Quadros, 2019). Os sinais apresentam categorias lexicais ou classes de palavras que utilizam o processo não-concatenativo em seu processo combinatório, visto que a raiz é preenchida com movimentos e contornos no espaço.

Apesar de não compor a morfologia da Libras, o alfabeto manual ou datilológico também é utilizado principalmente para soletrar palavras em português, quando não possui, ainda, um sinal correspondente. Não é uma representação direta da língua portuguesa, mas uma representação ortográfica dela (Quadros; Karnopp, 2004).

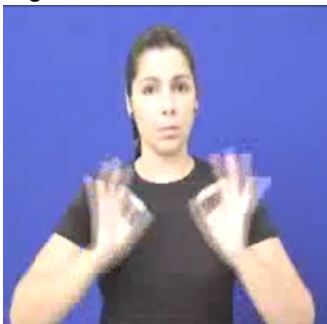
Outro aspecto morfológico da Libras, conforme Silva e Almeida-Silva (2023), diz respeito aos classificadores, os quais são formas complexas para expressar qualidades de um referente, usados também com o objetivo de especificar movimento e posição dos objetos, pessoas ou até mesmo para se referir a dimensões e formatos.

Quanto à formação de sinais, existem quatro maneiras: (i) a derivacional; (ii) a flexional; (iii) a aglutinação; e (iv) a incorporação. A derivacional tende a formar novos sinais seguindo uma mesma forma-base. A flexional consiste em inserir informação gramatical a uma palavra já existente, tendo as seguintes categorias:

gênero, número, tempo, aspecto, pessoa, caso. A aglutinação visa unir dois ou mais morfemas autônomos em um único sinal, mantendo a identificação formal das partes combinadas. A incorporação consiste em fundir um morfema dentro de outro, fazendo com que o elemento incorporado deixe de aparecer de forma independente, passando a integrar a estrutura interna do sinal (Silva; Quadros, 2023).

As autoras esclarecem que na língua portuguesa existe a derivação de palavras, com foco na nominalização, bem como a formação de compostos, incorporação de numerais e da negação. A primeira tende a os verbos criarem nomes, quando da colocação de afixos na forma base, como por exemplo o verbo PREPARAR (imagem 10), que vira o nome PREPARAÇÃO, incluindo o sufixo “-ção”. Percebemos, então, a diferença entre um morfema que é a base/primitiva e um morfema que se torna o produto/derivado.

Imagem 10 - Sinal PREPARAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)¹⁵

Um padrão semelhante também é observado na Libras. A partir da Língua de Sinais Americana, o que modifica a classe é o M, uma vez que a CM, o PA e a OM permanecem os mesmos. Os estudiosos notaram que ao repetir o M, a classe mudava, nomeando esse fato de reduplicação, que pode ser comparado com a nominalização do português. Na Libras, basta repetir o morfema-base, isto é o verbo, e terá o produto, em outras palavras, o nome (Quadros, 2019).

Outro modo de formação de sinais é a composição, que ocorre quando se juntam duas formas que já são existentes para criar um vocabulário novo.

Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção

¹⁵ Disponível em:

https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/prepararSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical (Quadros; Karnopp, 2004, p. 102).

A respeito disso, Quadros e Karnopp (2004) citam as três regras morfológicas para a composição, ou seja, criação de sinais compostos. Foram averiguadas na ASL, e são aplicáveis para Libras:

(i) regra do contato, se o sinal inclui único, primeiro, segundo, ou dois contatos (na mão passiva ou no corpo), logo ele permanecerá na formação do composto, exemplo: $HOMEM + CASA = FAMÍLIA$ (imagem 11);

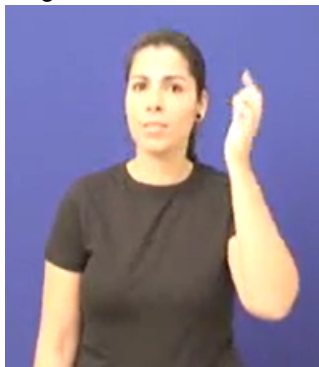
Imagem 11 - Sinal FAMÍLIA



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)¹⁶

(ii) regra da sequência única, consta que o movimento interno ou a repetição é eliminada, exemplificando com $DIA + SEGUINTE = AMANHÃ$ (imagem 12);

Imagem 12 - Sinal AMANHÃ



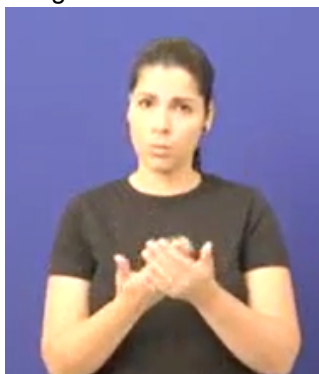
Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)¹⁷

¹⁶ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/familiaSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

¹⁷ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/amanhaSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

(iii) regra da antecipação da mão não-dominante, no momento em que dois sinais são combinados, ocorre a antecipação da mão passiva em relação ao segundo sinal, por exemplo, APRENDER+PESSOA=ALUNO (imagem 13). Quanto à composição, é possível perceber tanto no português como na Libras a distância do significado do todo em relação aos significados das partes (Silva; Almeida-Silva, 2023).

Imagem 13 - Sinal ALUNO



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)¹⁸

A respeito da realização de incorporação de numeral, basta modificar a CM de um, para dois, três e sucessivamente, sem alterar a orientação da mão, PA e expressão não-manual. Todavia, na Libras, o limite é até o número quatro; do cinco em diante, o numeral é feito separadamente do restante do sinal. Em consequência, são considerados morfemas presos, isto quer dizer que ocorrem com outro morfema. Em síntese, a CM não pode ser realizada sozinha, precisa de uma estrutura, baseada na orientação de mão, PA e, se necessário, expressão não-manual (Silva; Quadros, 2023).

Um exemplo claro de incorporação de numeral em Libras ocorre no sinal SEMANA (imagem 14). Quando há incorporação, basta substituir a CM pela do numeral desejado, por exemplo, SEMANA-1, SEMANA-2, SEMANA-3 ou SEMANA-4, mantendo exatamente a mesma orientação, o mesmo PA e o mesmo movimento do sinal base. Assim, SEMANA-2 significa “duas semanas”, SEMANA-3 significa “três semanas”, e assim por diante, respeitando o limite máximo de incorporação até o numeral quatro. A CM, nesses casos, funciona como um morfema preso, pois não ocorre isoladamente: ela depende da estrutura fonológica do sinal SEMANA para formar o composto (Silva; Quadros, 2023).

¹⁸ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/aluno1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026

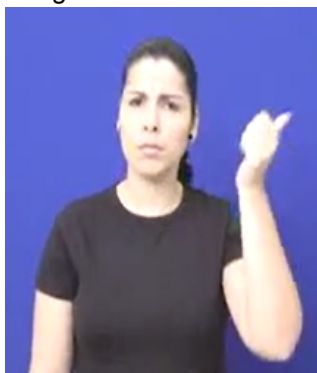
Imagem 14 - Sinal SEMANA



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*)¹⁹

As mesmas autoras também esclarecem a incorporação da negação, consistindo em que o elemento negado terá modificação em um dos parâmetros, na maioria dos casos no M. Ademais, conta com a marcação da expressão facial, apresentando ou não mudança dos outros parâmetros, sendo uma negação supras-segmental. Para exemplificar a incorporação da negação em Libras, analisamos SABER e NÃO-LEMBRAR. No sinal SABER (imagem 15), a mão dominante toca a testa de forma direta. Para formar NÃO-LEMBRAR (imagem 16), ocorre uma modificação no M: em vez de apenas tocar a testa, a mão realiza um afastamento rápido, acompanhado de expressão facial negativa (como sobrancelhas franzidas ou cabeça levemente sacudida). Assim, a negação é incorporada ao próprio sinal por meio da mudança de M e da ENM, constituindo uma negação supras-segmental (Silva; Almeida-Silva, 2023).

Imagem 15 - Sinal SABER

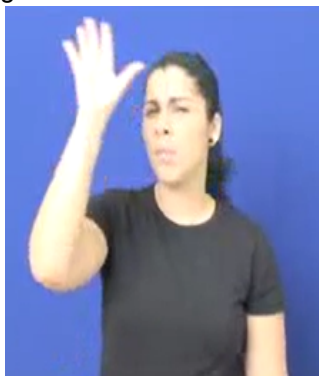


Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁰

¹⁹ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/556890.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

²⁰ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/saberSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 16 - Sinal NÃO LEMBRAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²¹

Em relação à flexão, existem oito formas: (i) pessoa/dêixis (modifica as referências de indivíduos no texto); (ii) número (identifica o singular, dual, plural e múltiplo); grau; modo; reciprocidade; foco temporal (evidencia aspectos temporais, como “início”, “aumento”); aspecto temporal (distinções de tempo, por exemplo, “regularmente”, “há muito tempo”); aspecto distributivo (distinções, exemplificando com “cada”, “para todos”) (Quadros, 2019).

A dêixis na Libras é feita a partir do apontamento dos elementos na frente do sinalizador. Em relação às formas verbais, se dão pelo início, fim do movimento e direção do verbo, com os pontos tidos de maneira prévia no espaço. Para fazer essa marcação, segundo Silva e Almeida-Silva (2023), pode ser de modo presente ou não-presente. O primeiro é feito à frente de quem sinaliza, representando a posição verídica do referente. No segundo, a marcação ocorre em regiões arbitrárias, seguindo uma estrutura no espaço para citar outra vez pelo apontamento ou flexão verbal. Todavia, caso tenham localizações específicas (por exemplo, mapa do Brasil, estados brasileiros), referem-se a posições topográficas.

Outra opção é o uso de sinais em determinado local; o verbo pode usar esse local do ponto parecido com o que se faz com a apontação. Vale esclarecer que a direção do olhar e a posição do corpo servem para estabelecer referentes. O primeiro serve para realizar a concordância acompanhando a flexão do verbo (Pimenta, 2012).

Os classificadores exercem um papel central na constituição das narrativas em Libras, funcionando como um mecanismo sofisticado de representação visual dos eventos. Eles não apenas descrevem as características físicas de entidades ou

²¹ Disponível em:

https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/lembrar_naoSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

objetos, mas também permitem representar movimentos, trajetórias e interações simultâneas entre participantes. Assim, a narrativa sinalizada se estrutura por meio de sequências imagéticas altamente dinâmicas, as quais contribuem para a construção de cenas tridimensionais e para a progressão narrativa, reforçando o caráter visuoespacial da Libras (Sabanai, 2016).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os verbos na Libras são classificados em: (i) verbos simples; (ii) verbos com concordância; (iii) verbos espaciais. Os verbos simples são aqueles que não se flexionam em número e pessoa, não incorporando afixos locativos; contudo, alguns deles têm flexão de aspecto. Os verbos com concordância flexionam em pessoa, número e aspecto, porém não têm incorporação de afixos locativos. Os verbos espaciais são os que possuem afixos locativos.

Souza (1998) também analisa os verbos psicológicos, como GOSTAR (imagem 17) e ODIAR (imagem 18), mostrando que esses verbos apresentam padrões de concordância particulares na Libras. Para o autor, a direção e o PA desses verbos indicam não apenas o experienciador, mas também o estímulo, configurando relações argumentais específicas. Esse tipo verbal reforça que a concordância na Libras não se limita a verbos transitivos prototípicos, mas integra diferentes categorias semânticas, demonstrando a complexidade do sistema verbal da língua.

Imagem 17 - Sinal GOSTAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²²

²² Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/gostarSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

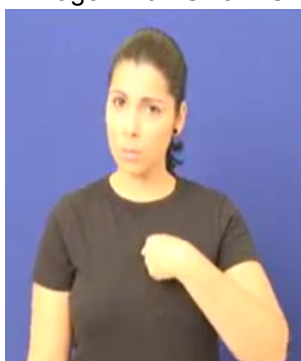
Imagem 18 - Sinal ODIAR



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*)²³

A respeito das flexões na Libras, a forma mais comum para marcar flexão de número é diferenciar o singular do plural por meio da repetição do sinal, por exemplo, ALUNO, realizado uma vez, ALUNOS, repetido duas vezes. Outra maneira é distinguir flexão do verbo para um, dois ou mais referentes, exemplificando com EU (imagem 19) - VOCÊ (imagem 20), movimento único direcionado do corpo do sinalizante ao ponto do interlocutor, EU-VOCÊ E VOCÊ: o mesmo verbo pode ser produzido duas vezes, cada uma direcionada para um referente distinto. Logo, os verbos com concordância se direcionam para pontos estabelecidos ou realizam referência generalizada, adicionando assim todos os referentes do discurso.

Imagem 19 - Sinal EU

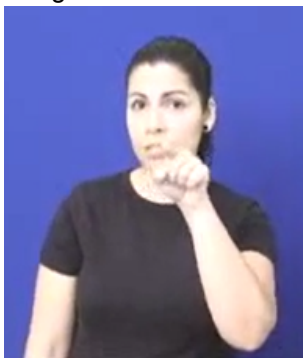


Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁴

²³ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/401179.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

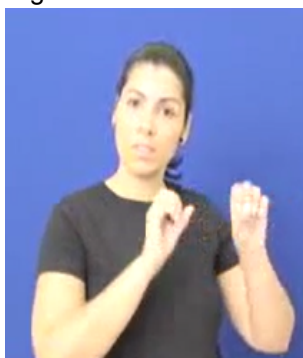
²⁴ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/euSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 20 - Sinal VOCÊ



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁵

Imagem 21 - Sinal ENSINAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁶

Quando um único movimento inclui todos os referentes na flexão sem especificidade, é dado o nome de flexão-múltipla, ENSINAR (imagem 21) (para um grupo), em vez de realizar ENSINAR direcionado a cada participante, o sinal é produzido com um M semicircular amplo, varrendo o espaço à frente do sinalizante, isso indica “ensinar para todos”, sem precisar especificar cada referente individualmente (Ferreira-Brito, 2010).

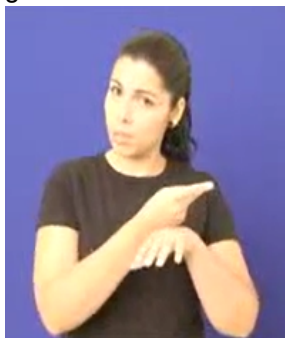
Outro ponto de interesse diz respeito à marcação em aspecto distributivo, que está relacionada à flexão de número nos verbos com concordância e espaciais. Algumas dessas formas de marcação são:

(i) exaustiva (repetindo exaustivamente), exemplificando com PROCURAR (imagem 22), sendo repetido várias vezes em diferentes direções do espaço, indicando “procurar por todos os lugares / todas as pessoas”;

²⁵ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/voceSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

²⁶ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/ensinarSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

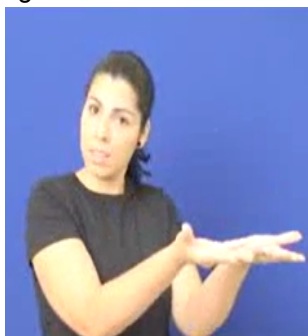
Imagem 22 - Sinal PROCURAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁷

(ii) distributiva específica (distribuição para referentes específicos), por exemplo, ENTREGAR (imagem 23), o sinal é direcionado primeiro para o referente A, depois para o referente B, e assim sucessivamente, cada movimento indo para um ponto estabelecido no espaço;

Imagem 23 - Sinal ENTREGAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁸

(iii) distributiva não-específica (distribuição para referentes indeterminados), conforme o exemplo AVISAR (imagem 24), o qual é realizado com movimentos curtos e distribuídos de maneira geral pelo espaço frontal, sem foco em pontos específicos, indicando “avisar várias pessoas indeterminadas” (Ferreira-Brito, 2010).

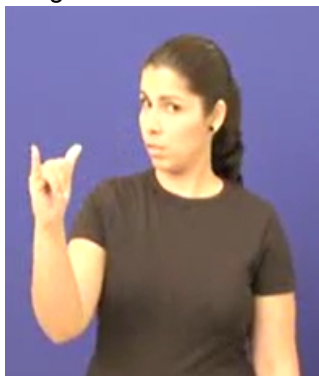
²⁷ Disponível em:

https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/procurarSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

²⁸ Disponível em:

https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/entregarSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

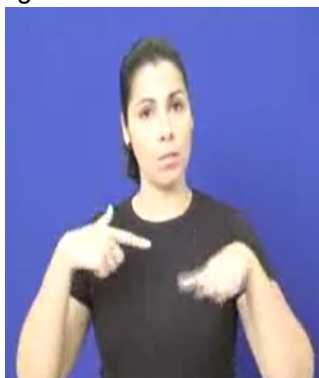
Imagem 24 - Sinal AVISAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)²⁹

Enquanto a marcação de reciprocidade trata da duplicação do sinal feita de modo simultâneo; a flexão de aspecto tem relação com as formas e a duração dos movimentos. Quanto ao foco e aspecto temporal, as marcações são distintas das de aspecto distributivo, dado que têm envolvimento com a distribuição temporal sem incluir a flexão de número. Algumas realizações são: (i) incessante (realizando a ação incessantemente), por exemplo, TRABALHAR (imagem 25), tendo repetição rápida e contínua do movimento, mostrando “trabalhar sem parar”;

Imagem 25 - Sinal TRABALHAR



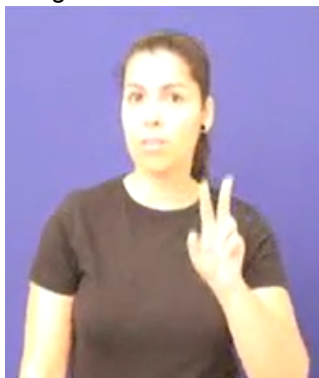
Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³⁰

(ii) ininterrupta (ação inicia e termina sem interrupções), como OLHAR (imagem 26), movimento longo e sustentado em direção ao alvo, indicando “olhar fixamente, sem interrupção”; (iii) habitual (recorrente), por exemplo, CORRER (imagem 27), movimento realizado duas ou três vezes, de forma estável, indicando “costuma correr / corre sempre”;

²⁹ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/avisarSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

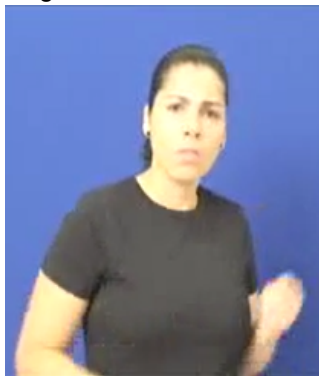
³⁰ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/trabalharSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 26 - Sinal OLHAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³¹

Imagem 27 - Sinal CORRER



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³²

(iv) contínua (recorrência sistemática), como no caso de ESTUDAR (imagem 28), repetição uniforme do movimento, sugerindo “estudar continuamente por um período prolongado”; (v) duracional (é durativa, permanente), exemplificando com o sinal PENSAR (imagem 29), movimento mantido sobre a testa, de maneira mais longa, indicando “pensar por muito tempo” (Quadros, 2019).

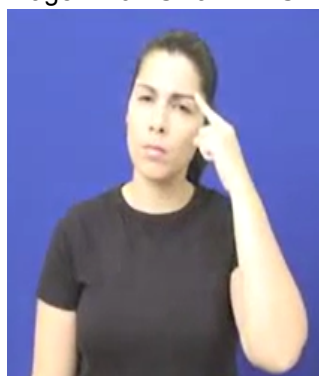
³¹ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/olharSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

³² Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/correr1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 28 - Sinal de ESTUDAR

Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³³

Imagem 29 - Sinal PENSAR

Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³⁴

A categoria dos classificadores nas línguas de sinais constitui uma classe polimórfica especializada. Sua natureza reside na combinação de morfemas articulados de forma simultânea e altamente complexa, que são inerentes à estrutura dessas línguas. A morfologia simultânea consiste na sobreposição de uma estrutura morfológica sobre a unidade canônica (PA-M-PA). Dessa forma, um movimento específico se adiciona ou se impõe ao já existente, definindo flexões de concordância, aspecto ou número. Essa característica é amplamente observada em diversas línguas de sinais (Quadros, 1997).

Como já mencionados, os classificadores constituem morfemas visuais que representam características, formas, movimentações ou funções dos referentes no espaço. Entre os principais tipos estão os classificadores descritivos, que indicam forma e tamanho; os classificadores especificadores, que detalham características particulares do objeto; os classificadores corporais, que representam partes do corpo

³³ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/estudarSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

³⁴ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/pensar2Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

ou ações realizadas por elas; os classificadores instrumentais, que mostram como um objeto é manipulado; e os classificadores pluralizadores, responsáveis por indicar a multiplicidade de elementos. Esses diferentes tipos permitem que a Libras construa representações visuais ricas e precisas, integrando descrição, movimento e estrutura espacial em um único sinal (Pimenta, 2012).

Também existem os descritivos visuais (DVs) ou descritivos imagéticos. Há diferentes tipos, sendo que o primeiro envolve combinações de configurações de mão para representar uma parte ou a totalidade de um objeto. A classificação de descritivos visuais de entidade demonstra que o objeto representado pertence a uma categoria cujos membros apresentam uma relação semântica evidente. Por exemplo, o DV é o mesmo para carro, ônibus e caminhão, nesse caso, utiliza-se uma CM em “C”, movimentada horizontalmente em frente ao corpo, simbolizando o formato e o deslocamento típico desses meios de transporte, pois todos compartilham o mesmo conceito de meio de transporte com quatro ou mais rodas (Silva; Quadros, 2023).

O objeto de referência apresenta qualidades intrínsecas de tamanho e forma que são representadas diretamente pela CM utilizada. A escolha do descritivo visual depende da posição e do M que a(s) pessoa(s) ou objeto(s) ocupa(m) no espaço. Este tipo de DV é construído por meio de configurações de mão combinadas com o objetivo de retratar uma atividade manual ou o ato de manipular um objeto. Ou seja, a forma da mão é configurada conforme o ato de tocar ou segurar um referente, como o celular ou o cartão de crédito, por exemplo (Quadros, 2019).

O quarto tipo de DV utiliza combinações de configurações de mão para representar o aspecto geométrico da forma visual de um objeto, sendo, por essa razão, equivalente aos classificadores de forma e tamanho. Exemplos: TELEVISÃO (imagem 30) ou COMPUTADOR (imagem 31), a partir do sinal VER (imagem 32) (que utiliza os dois olhos), podemos notar que a relação semântica da ação de ver é preservada. Essa raiz dá origem a um conjunto de outros sinais que estão ligados semanticamente ao conceito de VER, como LER (imagem 33). A noção de morfema preso foi estabelecida ao serem identificados elementos morfológicos que não podem existir isoladamente. Eles exigem a combinação com um morfema base para se manifestarem plenamente.

Imagem 30 - Sinal TELEVISÃO



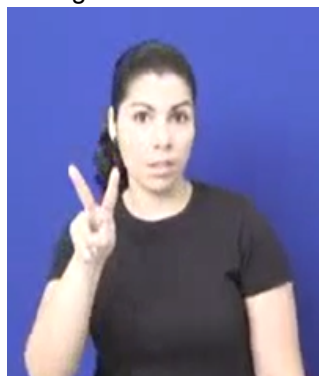
Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³⁵

Imagem 31 - Sinal COMPUTADOR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³⁶

Imagem 32 - Sinal VER



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³⁷

³⁵ Disponível em:

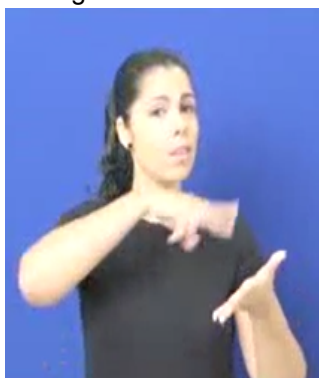
https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/televisaoSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

³⁶ Disponível em:

https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/computadorSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

³⁷ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/ver2Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 33 - Sinal LER



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)³⁸

Os sinais classificadores (ou descritivos visuais/imagéticos) apresentam uma natureza híbrida. Embora a lista de morfemas seja estável, a combinação morfológica desses elementos é mais instável, pois envolve a união icônica dos morfemas disponíveis no momento da produção. A restrição morfológica, contudo, se manifesta na forma como os morfemas constitutivos de cada tipo de classificador são previamente determinados em cada língua de sinais, indicando a atuação de um sistema flexional complexo (Ferreira-Brito, 2010).

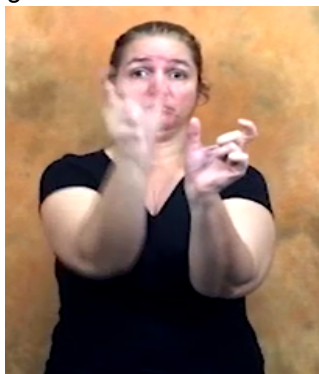
Em contraste com a flexão simultânea, a morfologia sequencial (ou derivacional) opera pelo encadeamento de elementos que funcionam como afixos. Esses elementos se ligam linearmente aos sinais, iniciando, assim, processos de gramaticalização na língua. O processo de gramaticalização da morfologia sequencial está historicamente ligado à forma como as línguas jovens se desenvolvem (Quadros, 2019). A capacidade de construção morfológica por meio de representações conceituais, baseadas na motivação icônica, é uma característica comum em línguas em estágio inicial de desenvolvimento. A causa fundamental dessa morfologia simultânea está intrinsecamente ligada à modalidade visuoespacial, ou seja, à utilização inerente do corpo (mãos, braços, tronco e face) na produção de palavras (Quadros; Karnopp, 2004).

Em um panorama de morfologia sequencial, as unidades terminológicas sinalizadas atuam como morfemas base. A partir delas, ocorre a derivação de novas unidades terminológicas na língua de sinais. O sinal MORFOLOGIA (imagem 34), por exemplo, tornou-se a raiz para a derivação de diversos outros sinais semanticamente relacionados. Ao analisar as configurações de mão, é possível

³⁸ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/ler1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

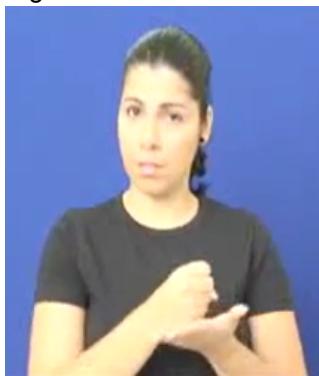
observar que elas podem se comportar como morfemas, assim como ocorre, por exemplo, com o morfema de gênero “a” em português. Um desses morfemas é o morfema -S (mão fechada), que em si é desprovido de significado. No entanto, ele se associa a um conceito relacionado à ação de “segurar-alguma-coisa” em diversos sinais e classificadores, como FARMÁCIA (imagem 35) (Quadros, 2019).

Imagem 34 - Sinal MORFOLOGIA



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*)³⁹

Imagem 35 - Sinal FARMÁCIA



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴⁰

A classificação dos descritivos visuais divide-se em três categorias principais: (i) configurações que representam objetos (totais ou parciais); (ii) configurações que representam instrumentos e manipulação; e (iii) configurações que descrevem características geométricas de objetos. A terceira categoria não representa um referente específico, ao passo que as duas primeiras sempre representam um referente que incorpora ações e/ou eventos. Os descritivos visuais incluem o aspecto da descrição do objeto via o corpo do sinalizante e o espaço onde os sinais

³⁹ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/552266.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

⁴⁰ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/farmaciaSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

são produzidos (descrições imagéticas). Essa organização dos DVs é composta por transferências, que se referem à habilidade de incorporar informações icônicas nos sinais e podem ser entendidas em quatro tipos distintos: (i) espacial; (ii) de localização; (iii) de movimento; e (iv) de incorporação (Quadros, 2019).

A transferência espacial refere-se à capacidade de trazer ao sinal todos os elementos constituintes de um espaço, incluindo o contexto onde o referente está situado, o ângulo de visão e a perspectiva geral. A transferência de localização envolve a incorporação de informações específicas de locais, tais como posições espaciais e indicações de lado (esquerdo/direito), permitindo detalhar a locação dos referentes. A transferência de movimento é característica de um referente (ou movimentos tipicamente associados ou metaforicamente representados), que é incorporado diretamente na produção do sinal. A transferência de incorporação é a possibilidade de incluir quaisquer tipos de transferência, mas limitando-as ao corpo do sinalizante como o espaço de representação (Quadros, 2019).

Outro ponto de estudo é em relação à formação de sinais em Libras. Isso se deve ao fato da existência de uma morfologia sequencial e uma morfologia simultânea, o que gera uma morfologia híbrida nas línguas de sinais (Quadros, 1997). Como a formação dos sinais não é o foco desta pesquisa, não apresentaremos maiores explicações.

Sabanai (2016) esclarece que a gramática da Libras não pode ser entendida separadamente dos usos discursivos, especialmente no gênero narrativo. Isso porque a estruturação das sentenças frequentemente depende das estratégias narrativas utilizadas, como o estabelecimento prévio de referentes, a organização espacial e o uso de expressões não manuais. A análise da Libras deve considerar o diálogo constante entre forma linguística e função discursiva, sobretudo quando se trata de narrativas produzidas por usuários proficientes. Diante do exposto, passamos à compreensão sobre a sintaxe da Libras.

2.2 A SINTAXE DA LIBRAS

A sintaxe trata da estrutura da frase (Quadros; Karnopp, 2004). Para isso, como esclarece Ferreira-Brito (2010), existe a estrutura que tem por objetivo dispor infinitas combinações para um número finito de possibilidades. Em outras palavras,

a sintaxe agrupa as palavras seguindo as normas que determinam as restrições, sendo esses princípios comuns aos humanos, evidenciando a regularidade das línguas.

A referenciação é fortemente marcada pela espacialidade, sobretudo pela necessidade de estabelecer e retomar pontos no espaço para garantir coesão. O uso de apontamentos, olhares direcionados e movimentos corporais possibilita a marcação de mudanças de foco narrativo, substituindo mecanismos tradicionais de coesão típicos de línguas vocais. Dessa forma, elementos não manuais, como expressões faciais e inclinação do tronco, desempenham papel fundamental na construção de continuidade discursiva (Sabanai, 2016).

A organização da Libras é feita de forma espacial, uma vez que seu sistema é gestual-visual. Por conta disso, é possível determinar relações gramaticais de diversas maneiras. No espaço em que é feita a sinalização, precisa-se estabelecer o nome e pronome, já que são essenciais para a relação sintática, ou seja, a referência do discurso requer um local para sinalização.

Como trazem Silva e Almeida-Silva (2023), essa referenciação ocorre por mecanismos espaciais: (i) fazer o sinal em um local particular, quando o sinal permite acompanhar o local estabelecido pelo referente; (ii) direcionar a cabeça, os olhos e, em algumas situações, o corpo em direção a um local específico junto com um sinal de substantivo ou apontação para o mesmo; (iii) utilizar apontamento antes de um referente particular; (iv) usar pronome em local específico; (v) utilizar classificador em local especificado; e (vi) contar com verbo direcional juntamente com os referentes colocados no espaço.

A Libras não apresenta marcadores morfológicos segmentais dedicados a indicar caso ou função gramatical, o que leva a língua a depender fortemente do espaço e da modulação verbal para definir relações sintáticas. Por isso, a organização espacial dos referentes é indispensável para garantir a clareza argumental, pois é o estabelecimento prévio de *loci* que possibilita ao verbo recuperar seus argumentos durante a enunciação. Esse mecanismo evidencia que o espaço cumpre função equivalente aos marcadores morfológicos das línguas vocais, consolidando-se como um operador sintático da língua (Souza, 1998).

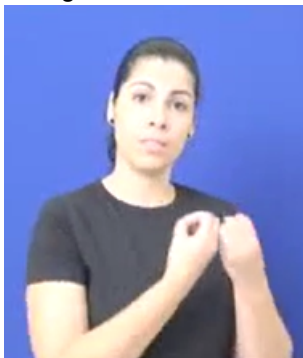
A coesão espacial não se limita ao estabelecimento inicial de referentes, mas envolve sua manutenção ao longo do discurso por meio da direção do olhar, de repetições espaciais e da consistência gestual. A Libras se sustenta em uma lógica

de coerência espacial que orienta a interpretação do enunciado e evita ambiguidades, funcionando como um sistema análogo aos mecanismos coesivos. Assim, a forma como o sinalizador distribui e retoma os referentes no espaço é fundamental para a progressão temática e para a clareza das relações sintáticas dentro da frase (Schlindwein; Aquino, 2021).

Nesse sentido, os verbos direcionais concordam com o sujeito e/ou objeto, tanto direto quanto indireto, fazendo com que, comumente, a direção do olhar acompanhe o movimento. Na Libras, os referentes são associados ao local (físico ou não) no espaço e, uma vez colocados, são mencionados posteriormente. Se os referentes estiverem no local, a localização segue a posição verídica do referente; caso estejam ausentes, são postos pontos abstratos no espaço, que podem vir a ser acompanhados de expressões faciais, estas consideradas gramaticais, sendo chamadas de marcações não-manuais (Quadros, 1997).

Algumas delas são: (i) marcação de concordância gramatical através da direção dos olhos, ao sinalizar DAR (imagem 36), o olhar acompanha o movimento da mão em direção ao referente estabelecido no espaço, concordando com o destinatário;

Imagem 36 - Sinal DAR

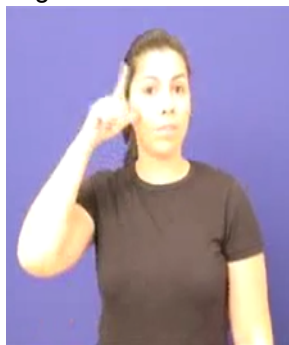


Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴¹

(ii) marcação associada com foco, ao enfatizar ONTEM (imagem 37), o sinal é acompanhado de sobrancelhas levantadas e leve inclinação do tronco para frente para indicar foco contrastivo; (iii) marcação de negativas, em NÃO-LEMBRAR, realiza-se movimento de cabeça em “negativo” (balançar horizontal) junto com expressão facial de reprovação;

⁴¹ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/darSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

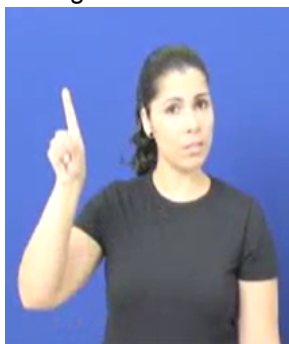
Imagem 37 - Sinal ONTEM



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴²

(iv) marcação de tópico, no caso de LIVRO, EU LER, o tópico LIVRO é acompanhado de sobrancelhas levantadas e pausa breve; (v) marcação de interrogativas, na pergunta VOCÊ IR? (imagem 38), o sinal VOCÊ é acompanhado de sobrancelhas abaixadas, cabeça levemente inclinada e olhar direcionado ao interlocutor (Silva; Quadros, 2019).

Imagem 38 - Sinal IR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴³

Dessa maneira, o espaço não atua apenas como um recurso discursivo, mas como um componente gramatical que organiza relações sintáticas complexas na Libras. O mapeamento de trajetórias e o uso sistemático de direções funcionam como mecanismos equivalentes, nas línguas vocais, às preposições, marcas de caso ou flexões verbais. Esses elementos espaciais estruturam predicações, distinguem participantes e estabelecem relações semânticas entre verbos e argumentos, permitindo que a língua articule informações simultaneamente e de modo altamente econômico. Assim sendo, o espaço cumpre um papel central na

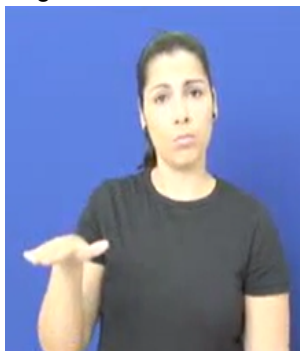
⁴² Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/ontemSm_Prog001.mp4
Acesso em: 15 jan. 2026.

⁴³ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/ir1Sm_Prog001.mp4.
Acesso em: 15 jan. 2026.

sintaxe da Libras, articulando-se com mecanismos manuais e não manuais para produzir construções gramaticais completas (Schlindwein; Aquino, 2021).

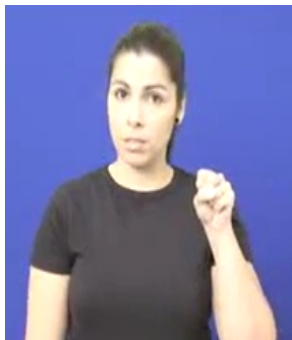
O fato de apresentar distintas formas de ordenar é um papel significativo nas línguas, contudo, cada língua elege uma que domina. Em estudos comparativos entre ASL e Libras, são perceptíveis as ordens SOV, SVO, OSV ou VSO. A ordem SOV eleva o objeto por causa da presença de verbos manuais, com aspecto e concordância, por exemplo, MENINA LIVRO PEGAR; a ordem SVO ocorre pelo fato de argumentos nulos serem possíveis, exemplificando com MENINA (imagem 39) PEGAR (imagem 40) LIVRO.

Imagem 39 - Sinal MENINA



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴⁴

Imagem 40 - Sinal PEGAR



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴⁵

A ordem OSV é resultado da topicalização, bem como o objeto se elevar devido à presença de verbos manuais e com aspecto, como em LIVRO MENINA PEGAR. Na ordem VSO, o verbo aparece primeiro, seguido do sujeito e, por fim, do objeto, podendo surgir em contextos pragmáticos específicos, principalmente

⁴⁴ Disponível em:

https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/menina1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

⁴⁵ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/pegar1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

quando o falante deseja enfatizar a ação antes de apresentar os participantes envolvidos, ou quando a estrutura verbal facilita essa antecipação, no caso da sinalização PEGAR MENINA LIVRO (Quadros; Karnopp, 2004).

Ao demonstrar que a sintaxe da Libras não pode ser compreendida apenas pela linearidade dos constituintes, mas pela interação entre ordenação e modalidade visuoespacial, a escolha entre SVO, OSV, SOV ou ordenações menos frequentes está diretamente ligada a fatores discursivos e referenciais, especialmente a forma como o sinalizador organiza a informação no espaço. A estrutura da sentença em Libras depende tanto da posição dos constituintes quanto do estabelecimento prévio de referentes, do uso de expressões não manuais e da relação entre verbo e espaço sintático. Dessa forma, a flexibilidade estruturante da Libras não representa falta de regras, mas uma adaptação da sintaxe às propriedades da língua (Schlindwein; Aquino, 2021).

Na Libras existe uma ordem mais básica ou comum, a saber, sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). As evidências que comprovam isso são a partir de orações simples, complexas contendo orações subordinadas, além da interação com advérbios, modais e auxiliares. As outras ordens são resultado de outras ferramentas gramaticais. Logo, a primeira afirmação possível é que todas as frases que seguem SVO são gramaticais. Quando existe verbo com concordância, em que há a concordância é feita manualmente, coexiste a marcação não-manual na sentença; em situações que não tem a concordância manual, a marcação é facultativa. A concordância associada à expressão não-manual é fundamental, já que tem por foco especificar modificações na ordem básica das frases (Quadros; Karnopp, 2004).

As ordenações OSV e SOV se dão no momento em que se apresenta algo extra, por exemplo, a concordância e ENM. Se compararmos as construídas com ENM com as sem essa característica, algo entre elas possibilita a movimentação dos constituintes. Não existindo esses traços, são agramaticais. Mesmo ocorrendo a SOV e OSV associadas às marcas não-manuais, tendo uma construção estrutural complexa na posição do objeto, não muda a ordem do objeto. Logo, a SOV não pode ser derivada se o objeto é uma oração subordinada, diferente das orações simples associadas às suas ENM. Com isso, fica em evidência que SOV tem mais de uma restrição, indicando, outra vez, que a SVO é a base da Libras (Quadros, 1997).

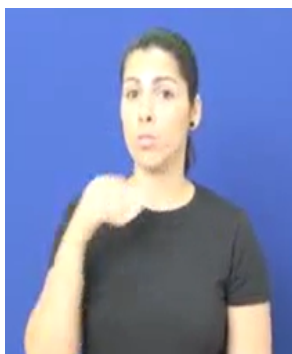
A topicalização constitui um dos mecanismos sintáticos mais produtivos da Libras para organizar a informação no discurso. O tópico é marcado por expressões não manuais específicas, como sobrelanceiras levantadas, leve pausa e inclinação de tronco, que funcionam como operadores sintáticos, delimitando seu escopo e distinguindo-o de construções de foco ou de interrogativas.

A topicalização não apenas reorganiza a ordem linear dos constituintes, mas também orienta o foco atencional do interlocutor, permitindo que o sinalizador estabeleça, logo no início, o domínio referencial sobre o qual a sentença será construída. Essa análise reforça a ideia de que a modalidade visuoespacial da Libras integra simultaneamente recursos sintáticos e discursivos, tornando o tópico uma ferramenta central na estruturação da informação (Schlindwein; Aquino, 2021).

Na Libras, os tópicos comumente estão relacionados com posições argumentais. Com isso, como abordam Quadros e Karnopp (2004), é possível topicalizar objeto e/ou sujeito. Através dessas possibilidades ordenatórias da topicalização, averiguam-se as derivações estruturais das frases em Libras. Isso significa a forma base SVO, resultando em outras ordenações, tais como SOV - MENINO (imagem 41) ENTREGAR CADEIRA (imagem 42), OSV (MENINO CADEIRA ENTREGAR, OSVO - CADEIRA MENINO ENTREGAR, SSVO - MENINO MENINO ENTREGAR CADEIRA.

As construções com foco, incluindo os verbos sem concordância, podem derivar estruturas SOV. As constituídas com foco são as que têm constituintes em dobro na mesma oração. Ocorre no momento em que o constituinte tem ênfase, porém de modo diferente ao que acontece em tópicos.

Imagem 41 - Sinal MENINO



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴⁶

⁴⁶

Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/menino1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 42 - Sinal CADEIRA



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴⁷

Na Libras é tido como foco. Como explicam Quadros e Karnopp (2004, p. 153) “o foco é gerado quando há uma informação interpretada com entonação mais marcada, ou seja, focalizada. Gramaticalmente, essa informação está associada a um traço de foco que licencia o apagamento de sua cópia”. Com a concordância verbal, é permitido elevar o objeto para uma posição mais alta, originando então a SOV.

Já a SVO deriva-se pela capacidade de se omitir sujeito e objeto nas construções com verbos com concordância. No caso da ordenação VOS há a possibilidade de se dar em situações em que o foco é contrastivo. Novamente, averigua-se que a ordem básica é SVO na Libras, por conta disso, SOV, VOS e OSV são derivadas da base. Por essa razão, essas modificações são resultado de operações sintáticas relacionadas a marcas, em síntese, concordância e marcas não-manuais (Silva; Quadros, 2023).

A apresentação das ordens alternativas e da variação estrutural em sentenças mais longas na Libras encontra suporte adicional nos estudos de Chiodi (2025). Em construções coordenadas, a interpretação semântica depende de como os blocos sintáticos são organizados espacialmente e prosodicamente. Isso significa que o encadeamento de orações não é apenas uma questão de ordem linear dos sinais, mas envolve também a articulação entre pausa, direcionamento corporal e continuidade referencial. Esses dados ampliam as discussões de Quadros (2019) sobre a flexibilidade sintática e evidenciam que a coordenação é mais uma

⁴⁷ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/cadeiraSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

estratégia que confirma a regularidade gramatical da língua na composição de períodos complexos.

As descrições sobre topicalização e foco apresentadas anteriormente dialogam também com fenômenos de ordem sintática mais ampla. Muitos casos de coordenação na língua utilizam justamente marcações não manuais associadas à estrutura informacional para delimitar a relação entre as proposições coordenadas. Assim, elementos como elevação de sobrancelhas, mudança direcional do olhar e pequenas pausas podem funcionar como operadores sintáticos que articulam duas unidades oracionais. Esses achados reforçam o papel discursivo-prosódico e demonstram que estruturas informacionais, como as de foco e tópico, não atuam isoladamente, mas integram-se a mecanismos coordenativos que organizam períodos complexos na Libras (Quadros; Karnopp, 2004; Chiodi, 2025).

Esses mesmos mecanismos desempenham papel central na construção de orações coordenadas em Libras. A coordenação não depende exclusivamente de conectivos lexicais, mas se apoia fortemente em recursos como marcações não manuais, pausas prosódicas, direcionalidade do olhar e manipulação espacial para indicar a relação entre proposições. Logo, diz respeito à organização espacial da referência e à função gramatical das expressões faciais (Quadros, 2019).

Ao articular sintaxe e semântica, incluindo as derivadas de foco ou elevação de constituintes, podemos verificar que funcionam como estratégias coordenativas, ampliando a compreensão sobre como enunciados multicausais são formados na língua. Essa perspectiva complementa e aprofunda os fenômenos apresentados anteriormente, revelando que a Libras emprega sistemas coordenativos regulares e sistemáticos, sustentados por princípios tanto estruturais quanto discursivos (Quadros; Karnopp, 2004; Chiodi, 2025).

No que diz respeito à assimetria dos verbos, podemos verificar quatro aspectos distintos: (i) os períodos que apresentam verbos com concordância aparentam maior liberdade para realização da ordenação do que os períodos que possuem verbos sem concordância; (ii) as marcas não-manuais são obrigatórias para os verbos com concordância e facultativos nos verbos sem concordância; (iii) os argumentos nulos, os quais contêm verbos com concordância se dão em contextos sintáticos opostos aos períodos que têm os verbos sem concordância; e (iv) há uma distribuição distinta da negação entre orações tendo verbos com ou sem concordância (Silva; Almeida-Silva, 2023).

Além dos verbos principais, há também os auxiliares, que têm caráter de “uma expressão pura de concordância estabelecida através do movimento de um ponto ao outro” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 163). Não são independentes, e sim um elemento que precisa ser sinalizado em conjunto com um verbo sem concordância. Com a direção do movimento, o auxiliar tem por função expressar a relação entre os argumentos da sentença, compensando, de certa forma, a ausência da concordância. Outro ponto importante é que só podem ser requeridos se houver ordens irregulares, que não sejam SVO. Sentenças com verbos auxiliares precisam se associar às marcas não-manuais de concordância, em outras palavras, a direção dos olhos deve acompanhar a do movimento.

Os verbos com concordância são semelhantes aos verbos auxiliares do inglês, bem como os sem concordância são parecidos com os principais da mesma língua. Assim sendo, podemos observar que: (i) os verbos sem concordância não precedem a negação; (ii) os verbos sem concordância só podem seguir a negação se tiver um auxiliar; (iii) os verbos principais não podem preceder advérbios adjuntos; (iv) os verbos principais podem ser omitidos em sentenças complexas através da identidade com sua forma pura, contudo, a omissão sem o auxiliar é proibida (Quadros; Karnopp, 2004).

Diante do exposto, verificamos que os verbos sem concordância possuem uma característica fonológica de afixação da desinência verbal durante o procedimento de derivação; enquanto os verbos com concordância são colocados completamente flexionados no processo de derivação, semelhantes, respectivamente, aos verbos principais e auxiliares no inglês. Em compensação, para a formação de frases com foco, algumas propriedades são necessárias. Primeiramente, o foco trata de construções duplicadas em que o elemento que passou por esse processo ocupa a posição final, para isso, apresenta construções em duplicata com modais, quantificadores e verbos, bem como interrogativos, negação e advérbios (Quadros, 1997).

A segunda propriedade é quando o foco envolve apenas núcleos, por esse motivo a posição do sujeito não pode ser duplicada. Isso também se dá em sintagmas interrogativos e adverbiais. Dito isso, entendemos que a duplicata só é realizada com os núcleos dos sintagmas. A terceira propriedade diz respeito à posição do sintagma, que em foco trata de uma projeção acima do sintagma nominal. Quando a informação é acentuada através da interpretação fonológica e

semântica colocada no lugar de núcleo com traço forte do foco, apresenta suas construções duplas. Vale ressaltar que as interrogativas também são inerentes focadas (Quadros, 2019).

A quarta propriedade é quando a presença do foco facilita o apagamento do primeiro elemento do desenvolvimento da duplicata. A quinta propriedade são as marcações não-manuais relacionadas com as partículas em foco que se espalham pelo elemento vazio. A sexta propriedade trata das construções de foco que apresentam restrições, às quais se aplicariam classes de normas de deslocamento, não possibilitando retirada de elementos de algumas configurações sintáticas. Na Libras não é possível ter partícula dupla na sentença relativa no final, portanto, é agramatical (Quadros; Karnopp, 2004).

Quanto à formação das interrogativas, verificamos outras seis propriedades: (i) os elementos narrativos podem se mover ou continuar no lugar original; (ii) as marcas não-manuais que estão desenvolvidas na interrogação se espalham pelo domínio; (iii) as partículas de perguntas no final são focalizadas assumindo lugar do núcleo da projeção, a presença desse foco licencia a exclusão da duplicata; (iv) a topicalização fica acima, já que a marcação não-manual em associação com a interrogação precisa seguir a marca não-manual de tópico, dessa maneira, as marcações também não co-ocorrem; (v) há uma distribuição em oração principal e subordinada; e (vi) as interrogativas, nas orações principais, apresentam um sinal distinto do sinal de oração subordinada. A marcação não-manual em associação com a interrogação subordinada é mais tensa do que a produzida com a principal, e também pode ser realizada com uma ou as duas mãos (Quadros, 2019).

A respeito disso, essas construções são divididas em: (i) questionar algo relacionado às palavras de dúvida (o que, como, onde, por que, quem); (ii) expressar dúvida e desconfiança; e (iii) observadas em orações subordinadas com expressões faciais diferenciadas. Isso facilita diferenciar a verdadeira oração subordinada da oração principal. Portanto, as construções duplas (com foco) são essenciais para justificar diversas derivações na Libras, incluindo as que modificam a ordem das palavras e interrogações (Quadros; Karnopp, 2004).

Nas línguas sinalizadas, a concordância precisa acontecer, em caráter obrigatório, com o objeto, mas com o sujeito é facultativo, dado que depende do verbo. Há algumas justificativas, de questões gramaticais, em relação à concordância: (i) as maneiras de primeira pessoa e não-primeira pessoa são

distintas; (ii) a marcação de numeral nos verbos apresenta diversas formas em distintas línguas de sinais; (iii) o auxiliar pode significar o relacionamento sujeito-verbo-objeto nas sentenças com verbos que não mostram concordância; (iv) a concordância verbal está sujeita a diferentes verbos considerando os valores semânticos dos argumentos, ressaltando, ainda, que a concordância verbal está em associação com os objetos diretos e indiretos (Ferreira-Brito, 2010 [1995]).

Mesmo na produção contínua de sinais, é viável recuperar os argumentos da conversa por meio de inferências contextuais. Quando um sinalizante usa uma sequência de verbos simples, sem reintrodução expressa do referente, isso é possível porque o elemento já foi introduzido anteriormente. Nesse cenário, a identificação do referente ocorre em um nível discursivo, e não por marcação sintática (Quadros, 2019).

A capacidade de identificar os argumentos de um verbo na língua de sinais está associada à ocorrência de construções com argumentos nulos. Nessas estruturas, o sujeito e/ou o objeto não precisam ser articulados explicitamente na frase, pois a sua retomada pode ser feita pelo discurso. Quando há verbos com concordância, a recuperação dos argumentos é auxiliada pela própria concordância marcada pelo movimento. Contudo, em verbos simples, depende exclusivamente do contexto discursivo, visto que não há indicações verbais que remetam às pessoas do discurso (Quadros, 1997).

A marcação de papéis argumentais na Libras depende de uma articulação complexa entre direcionalidade verbal, marcas não manuais e o estabelecimento de referentes no espaço. Nos verbos com concordância, o movimento direcional funciona como traço sintático que liga sujeito e objeto, reduzindo a necessidade de explicitação dos argumentos na superfície da sentença. Já nos verbos simples, a ausência dessa marca exige maior dependência do contexto discursivo para a identificação dos participantes (Schlindwein; Aquino, 2021).

Quanto ao uso dos pronomes nulos (elementos não sinalizados) nas línguas de sinais, é análogo ao que acontece no português. Eles podem ser facilmente recuperados na frase graças à marcação de concordância que o próprio verbo manifesta. Os verbos simples constituem o conjunto de verbos que não exibem marcas de concordância referentes a número ou pessoa. Contudo, eles ainda podem apresentar marcas relacionadas ao aspecto e à locação espacial. Os verbos com concordância são definidos pelo conjunto de verbos que manifestam as marcas

de concordância (locativo, número e pessoa) por meio do movimento direcional aplicado no sinal verbal (Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2019; Schlindwein; Aquino, 2021).

Os argumentos, em uma frase na língua de sinais, podem ser identificados por meio de três estratégias principais: a ordem das palavras na sentença, a utilização de argumentos nulos (que são inferidos pelo contexto) e o sistema de concordância verbal (aplicável apenas a um subconjunto de verbos). A ordem básica canônica na Libras é SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), como já explicitado. Essa ordem é observada em sentenças nas quais o verbo seleciona um argumento interno e um argumento externo sem que haja a presença de marcas sintáticas ou prosódicas adicionais. Ainda, é reconhecida a presença de um componente icônico (motivação visual) nos verbos, mas a análise do fenômeno deve ser baseada em critérios gramaticais. As locações espaciais não são arbitrárias, mas sim associadas à marcação de pessoa e número (Ferreira-Brito, 2010).

Os verbos direcionais representam um dos mecanismos mais produtivos de marcação sintática na Libras, pois realizam concordância simultânea com sujeito e objeto por meio do percurso espacial do sinal. Essa concordância não é apenas formal, mas semântica, uma vez que o movimento do verbo codifica o papel temático atribuído aos participantes. Assim, a Libras articula a relação sintático-semântica dos verbos de maneira integrada, permitindo que o direcionamento do sinal funcione como marcador de transitividade, valência e alinhamento gramatical (Silva; Quadros, 2023).

A narrativa em Libras se beneficia de um sistema refinado de alternância perspectival, no qual corpo e espaço são mobilizados para representar diferentes vozes, personagens e pontos de vista. Esse processo, que envolve mudanças sutis de orientação corporal e expressões faciais, permite que o narrador “incorpore” diferentes participantes da história, criando efeitos de dramatização e engajamento discursivo. Essa característica confirma a forte interdependência entre gramática e discurso na Libras, evidenciando que a construção de sentido não pode ser dissociada da performance visual (Sabanai, 2016).

2.3 A PRAGMÁTICA DA LIBRAS

Antes de abordarmos aspectos pragmáticos da Libras, é necessário retomarmos o que entendemos por pragmática. Enquanto área de estudo linguístico, a pragmática investiga como os significados são construídos no uso real de uma língua. Além de considerar o conteúdo explícito, considera também o contexto situacional, as intenções dos interlocutores e os conhecimentos compartilhados na interação. Ao examinar como os significados são ampliados, ajustados ou reinterpretados nas circunstâncias comunicativas, conceitos como atos de fala, implicaturas, pressuposições e gestão de referências revelam que compreender um enunciado envolve inferências, expectativas socioculturais e regras de uso que ultrapassam a estrutura formal de uma língua (Quadros; Karnopp, 2004; Raso, 2023).

A partir das contribuições de Austin (1962), a pragmática passou a compreender que dizer/sinalizar algo é também realizar ações no mundo. Com isso é apresentada a noção de “ato de fala”, descrevendo como enunciados podem assumir funções ilocucionárias⁴⁸ distintas, como afirmar, pedir, aconselhar, por exemplo, a depender da intenção comunicativa. Outra questão importante é a dimensão inferencial ao estudo dos significados com a proposta do Princípio da Cooperação e as máximas conversacionais.

Diante do exposto, compreendemos que a pragmática não se limita ao significado formal das palavras, mas envolve processos cognitivos e sociais que guiam a interpretação, tornando-a essencial na descrição de qualquer língua. No caso da Libras, os princípios pragmáticos tornam-se ainda mais complexos e ricos, pois a produção de sentido depende não apenas de escolhas lexicais e sintáticas, mas também do uso do corpo, expressões não manuais e da organização do espaço discursivo (Silva; Pacheco; Lessa-de-Oliveira, 2021).

Enquanto ramo da linguística dedicado ao estudo da linguagem no uso real e em contextos interacionais, considerando intenções do falante, contexto situacional, inferências, dêixis, atos de fala, a pragmática assume um papel central no entendimento de como a comunicação funciona na vida cotidiana. No caso da Libras, essa perspectiva pragmática permite investigar não apenas a estrutura formal da língua (sinais, CM, M), mas como esses sinais são utilizados em

⁴⁸ Funções ilocucionárias são as intenções comunicativas que um enunciado realiza (Austin, 1962).

interações concretas: quem se comunica, com que finalidade, em que contexto, que pistas visuais e contextuais são mobilizadas, e como significados são negociados ou construídos no uso (Ferreira; Benfatti, 2020; Raso, 2023).

A presença de aspectos pragmáticos nas análises sobre a estrutura argumental dos verbos em Libras é evidente quando se discute a ambiguidade interpretativa em sentenças com verbos reversíveis. De acordo com Quadros (2019, p. 118), “uma sentença com o verbo COMER, nesse caso, uma sentença com o verbo reversível, poderia gerar ambiguidade na interpretação”. Essa observação demonstra que a resolução do sentido não ocorre apenas no nível sintático ou semântico, mas depende fortemente do contexto de uso e da intenção comunicativa do sinalizador. Assim, a pragmática é o componente responsável por permitir que o interlocutor identifique, a partir da situação comunicativa, quem realiza e quem sofre a ação expressa pelo verbo.

No que tange à competência comunicativa, esta não se limita à seleção de sinais manuais ou estrutura gramatical, mas envolve o domínio dos recursos não-manuais (como expressões faciais, expressividade emocional, prosódia visual) que veiculam intenções, atitudes, emoções e ajudam a “colorir” o sentido dos enunciados conforme o contexto. Isso amplia a noção tradicional de pragmática (frequentemente associada a fala, entonação, implicaturas) para algo compatível com a modalidade visuoespacial das línguas de sinais (Cardoso, 2018).

Quadros (2019, p. 118) também destaca que “a restrição para a derivação dessas sentenças não é de ordem sintática, é uma semântica”. Complementa que “verbos extensivos/reversivos em Libras [...] podem colocar o objeto antes ou depois, e a interpretação depende do contexto”. Embora o comentário enfatize a dimensão semântica, ele também evidencia um fenômeno de natureza pragmática, pois a interpretação das estruturas depende da organização da informação no discurso, como o foco e o tópico, que são definidos conforme o contexto e os objetivos comunicativos do falante. Reforçando a relevância da pragmática, uma vez que a variação na ordem dos constituintes reflete diferentes efeitos discursivos e expressivos, vinculados à intenção comunicativa do sinalizador e à situação interacional em que o enunciado é produzido.

Dessa forma, a pragmática manifesta-se como o eixo interpretativo que permite compreender como o contexto, a intenção e a situação de uso influenciam o significado das sentenças na Libras, especialmente em casos de ambiguidade ou

flexibilidade sintática. Ela atua de modo complementar à semântica e à sintaxe, resolvendo ambiguidades e determinando o sentido final do enunciado em situações reais de comunicação (Jeremias, 2020).

Torna-se necessário enfatizar também que o aprendizado de uma língua de sinais vai além de aprender um “vocabulário de sinais”: envolve desenvolver sensibilidade ao contexto, à interação, aos recursos visuais e não manuais (como expressões faciais, corpo, espaço) e à dinâmica interacional típica da língua de sinais. Isso sugere que a competência pragmaticamente competente em Libras requer exposição a situações reais de uso — não apenas estudo formal ou listas de sinais, mas contato com falantes, conversas naturais, percepção do uso contextualizado (Ferreira; Benfatti, 2020).

2.4 A FONÉTICA E A FONOLOGIA DA LIBRAS

Outras áreas de interesse linguístico dizem respeito à fonética e à fonologia, as quais investigam os constituintes mínimos sem significação das línguas. A fonética descreve e analisa aspectos físicos e articulatórios dos sons/sinais, considerando sua produção, transmissão e percepção. Como explicita Moraes (2024), a fonologia se preocupa com os padrões abstratos que regem o funcionamento desses sons/sinais em cada língua, identificando unidades distintivas, processos de variação e regras que estruturam o sistema fonológico.

O entendimento dos componentes fonéticos e fonológicos da Libras é fundamental para orientar práticas pedagógicas mais adequadas no ensino da língua de sinais como segunda língua (L2). Embora não utilize sons em sua composição, a Libras estrutura-se por meio de parâmetros visuais que desempenham funções análogas às dos fones nas línguas vocais — entre eles, a CM, PA, M, OM e ENM (Ferreira; Sena; Silva, 2024).

Esses fundamentos, tradicionalmente descritos para as línguas vocais, também são aplicados às línguas sinalizadas, adaptados à modalidade gestual-visual, possibilitando compreender a fonética e a fonologia da Libras por meio dos parâmetros articulatórios dos sinais e de seu papel distintivo no sistema linguístico. Quadros (2019, p. 49) afirma que o “fato de elas se apresentarem na

modalidade visual-espacial implica uma estrutura fonética e fonológica pautada na articulação dos sinais, envolvendo braços, mãos, dedos, tronco e face”.

A fonética é tida como responsável por descrever as unidades mínimas dos sinais, a partir das bases visuais e fisiológicas, características físicas, de articulação e percepção da CM, PA, M, OM e ENM, investigando, assim, o aspecto material, sem focar na função que exercem (Quadros; Karnopp, 2004).

A unidade da fonética é o som da fala, o fone, e da fonologia é o fonema. Os sons produzidos são encaixados de acordo com suas propriedades, podendo ser: sonoros, surdos, orais, nasais, consoantes (labiais, alveolares, palatais, velares, uvulares, glotais, fricativas, oclusivas, africadas ou líquidas), *glides* ou vogais (língua alta, intermediária ou baixa, ântero-posterior, e lábios arredondados ou não arredondados). Para a descrição disso, é usado o alfabeto fonético internacional. Logo, a fonética busca elucidar a percepção e produção dos sons, analisando o aparelho fonador e o que ocorre com ele ao produzir o som, o efeito acústico e a recepção do ouvinte (Quadros, 2019).

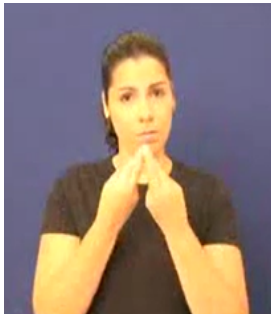
Os fonemas são elementos que distinguem palavras/sinais em relação ao seu significado, buscando interpretar os sons/parâmetros, explicando-os e descrevendo-os. As línguas apresentam números determinados de unidades fônicas, com o intuito de mostrar essa diferença de significados entre palavras. Esses fonemas, além de restritos em cada língua, também são lineares. Entretanto, os fonemas não são sons fonéticos e sim noções abstratas que se dão com sons/parâmetros através de regras fonológicas. Logo, melhora o entendimento das fonologias das línguas naturais (Ferreira-Brito, 2010).

Especificamente, a fonética das línguas de sinais trata de unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não manuais realizadas por meio de movimentos físicos, chamados de sinais. Em contrapartida, a fonologia analisa como se dão essas formas, a fim de observar contraste, isto é, propriedades que as diferem, trabalhando com a organização dos elementos fonológicos, visando descrevê-los e explicá-los (Alecim; Xavier, 2020; Silva; Xavier, 2019).

Para isso, a fonologia precisa elucidar as unidades mínimas formativas dos sinais, em seguida os padrões e variações, bem como distinções notadas e produzidas em relação às diferenças de significados. Algumas dessas divergências podem ser quanto à CM, por exemplo, os sinais REUNIÃO (imagem 43) e FAMÍLIA; ao M, por exemplo, os sinais IRMÃO (imagem 44) e IGUAL (imagem 45); ao PA, por

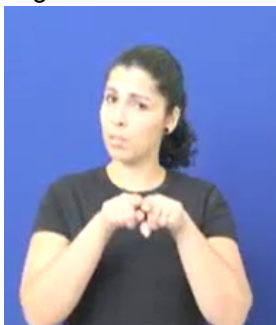
exemplo, os sinais SÁBADO (imagem 46) e APRENDER (imagem 47) (Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2019).

Imagem 43 - Sinal REUNIÃO



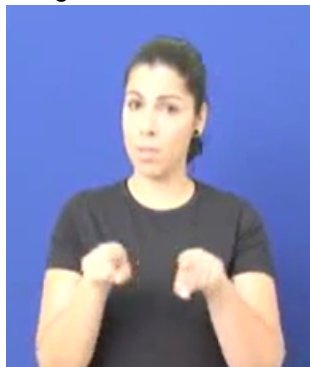
Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁴⁹

Imagem 44 - Sinal IRMÃO



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁵⁰

Imagem 45 - Sinal IGUAL



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁵¹

⁴⁹ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/reuniaoSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

⁵⁰ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/irmaoSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

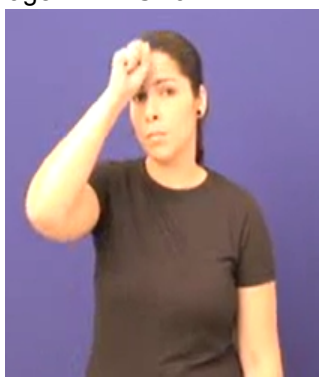
⁵¹ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/igual3Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 46 - Sinal SÁBADO



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁵²

Imagem 47 - Sinal APRENDER



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁵³

Dessa maneira, a fonologia se ocupa em estudar esses parâmetros focando na função, nas diferenças de significados e na formação de morfemas, sílabas e sinais. Como pontuam Quadros e Karnopp (2004, p. 84), “investiga as propriedades do sistema visuoespacial das línguas de sinais”.

Essa forma de estudo foi o que o pioneiro William Stokoe fez em 1960, quando propôs um modelo fonológico de análise dessas línguas a partir da ASL. Com isso, surgiram os três primeiros parâmetros linguísticos, CM, M, PA, como já foi explicitado anteriormente. Posteriormente foram adicionados dois parâmetros, OM e ENM (Silva; Xavier, 2020, 2023).

As línguas sinalizadas são predominantemente formadas por movimentos das mãos e braços, mas também incluem gestos da cabeça, face e tronco. Os estudos mais recentes sobre a fonologia das línguas de sinais mostram que a CM precisa ser descrita de forma precisa, incluindo características como amplitude, curvatura e

⁵² Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/sabadoSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

⁵³ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/aprenderSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

abertura dos dedos. Cada sinal possui apenas uma especificação de dedo selecionado, garantindo consistência na análise (Alecrim; Xavier, 2020; Ferreira; Sena; Silva, 2024).

Vale ressaltar que é adequado que a orientação da mão seja analisada em conjunto com a configuração, mostrando que esses dois elementos estão sempre relacionados. Da mesma forma, Friedman (1977) trata que o PA dos sinais ocorre em áreas específicas do corpo ou no espaço neutro, podendo ser diferenciado por traços como [alto] e [baixo]. Em relação ao movimento, pode ser classificado como direcional ou local (abrangendo abertura e mudanças de orientação). Além disso, podem se combinar ou ocorrer de forma independente, recebendo traços adicionais como [repetido] ou [alternado] (Quadros; Karnopp, 2004).

Ainda, diversos parâmetros articulatórios compõem a estrutura dos sinais, desempenhando papel central na distinção e na realização dos mesmos. A CM é um dos elementos fundamentais, podendo permanecer fixa ou variar entre diferentes sinais. A orientação das mãos está sempre associada à configuração e influencia diretamente a forma do sinal. Já o PA refere-se ao espaço próximo ao corpo ou ao espaço neutro em que o sinal é articulado, obedecendo a restrições específicas. O movimento pode ser direcional, local ou circular e funciona como um traço distintivo capaz de gerar pares mínimos, ou seja, sinais que diferem em um único parâmetro e possuem significados distintos (Quadros; Karnopp, 2004; Xavier; Silva, 2023).

No caso dos sinais articulados com duas mãos, duas condições principais são observadas. Na simetria, ambas as mãos realizam a mesma CM e M, podendo ser de forma espelhada ou alternada. Na dominância, uma das mãos assume o papel principal enquanto a outra se mantém secundária, podendo apresentar configuração diferente; a mão passiva pode funcionar como base ou até mesmo como morfema preso (Ferreira-Brito, 2010 [1995]).

Ademais, a Libras apresenta pares mínimos, evidenciando contrastes fonológicos semelhantes aos encontrados nas línguas vocais. Por fim, a variação na produção dos sinais pode ocorrer de maneira livre ou ser motivada por fatores fonético-fonológicos. Essa variação, contudo, não altera o significado do sinal, afetando apenas a forma de sua realização. Os sinais da Libras são estruturados a partir de parâmetros fonológicos específicos. Essas unidades mínimas permitem distinguir significados, analisar a variação linguística e compreender a organização interna da língua de sinais (Quadros, 2019).

Stokoe (1960), ao reivindicar o estatuto das línguas de sinais como línguas naturais, evidenciou suas semelhanças estruturais com as línguas vocais, sem deixar de reconhecer as especificidades decorrentes da modalidade visuoespacial. Uma dessas diferenças diz respeito à organização sublexical: enquanto nas línguas vocais os fonemas se articulam predominantemente de forma sequencial, nas línguas sinalizadas os componentes dos sinais tendem a ser produzidos simultaneamente. Ainda assim, é admitida a existência de elementos articulados em sequência, embora considerassem essa sequencialidade irrelevante do ponto de vista fonológico (Silva; Pacheco; Lessa-de-Oliveira, 2021).

Com base nessa crítica, houve uma distinção entre sinais unitários e sinais sequenciais na ASL. Os primeiros mantêm estáveis seus parâmetros formacionais (CM, PA e OM) durante toda a articulação, podendo ou não envolver movimento; já os sinais sequenciais, que constituem a maior parte do léxico, apresentam componentes articulatorios organizados em uma ordem fixa. Essa característica os aproxima, em certa medida, da organização sequencial típica das línguas vocais, embora a natureza visuoespacial das línguas sinalizadas lhes imponha características próprias. Essa sequencialidade é central para compreender a estrutura interna dos sinais, uma vez que muitos deles apresentam duas configurações de mão, dois movimentos ou duas localizações articuladas em ordem obrigatória (Quadros; Karnopp, 2004).

Então, as mudanças na configuração da mão poderiam ser analisadas como movimentos específicos como abrir ou fechar, interpretação que não dá conta da variedade de configurações finais possíveis, já que a mesma configuração inicial pode resultar em posturas distintas das mãos ao final da articulação. Apesar dessa limitação, o sistema notacional captava, de maneira indireta, certos aspectos sequenciais, o que já indicava a complexidade interna dos sinais (Alecrim; Xavier, 2020).

Outras evidências da importância da sequencialidade foram observadas inclusive nas marcações não manuais. Em *NOON* ('meio-dia'), por exemplo, a marcação facial (bochechas comprimidas) é mantida ao longo de todo o sinal, enquanto no sinal *GIVE-IN* ('ceder'), duas marcações distintas ocorrem em ordem fixa: inicia-se com lábios comprimidos enquanto a mão toca o esterno e, à medida que a mão se afasta, os lábios se abrem lentamente até permanecerem separados

ao final. A correspondência temporal entre ações manuais e faciais evidencia que a sequencialidade atravessa múltiplos níveis da sinalização (Silva; Quadros, 2023).

A partir dessas observações, notou-se que a produção dos sinais alterna entre momentos de movimento contínuo e momentos em que as mãos permanecem estáticas, sendo esta última condição muito mais frequente do que geralmente se supõe. O sinal *AGREE* ('concordar') ilustra bem essa estrutura tripartida: primeiro, a mão configurada em [G] toca a lateral da testa; depois, desloca-se até a frente do torso, onde encontra a outra mão parada; por fim, ambas permanecem estáticas. Para o autor, essa alternância sequencial corresponde a duas condições articulatórias fundamentais: a estabilidade dos parâmetros formacionais (nas suspensões) e sua modificação (nos movimentos) (Silva; Quadros, 2023).

Com base nisso, surgiu o modelo segmental no qual os sinais são compostos por segmentos do tipo suspensão (*hold*) ou movimento (*movement*), ou por sequências desses dois tipos. Cada segmento possui uma organização interna formada por dois feixes de traços: o feixe segmental, que descreve a atividade da mão (parada ou em movimento), e o feixe articulatorio, que codifica configuração, PA e orientação. Suspensões são definidas pela ausência de movimento e pela estabilidade desses parâmetros; movimentos, pela alteração de ao menos um traço articulatorio, exigindo, portanto, feixes articulatorios inicial e final (Quadros, 2019).

Para representar adequadamente a continuidade ou repetição de traços articulatorios entre segmentos, Ferreira, Sena e Silva (2024) previram uma matriz específica para marcar elementos não manuais, embora não tenham desenvolvido plenamente sua notação. Em sinais bimanuais, a atividade das duas mãos é representada separadamente, com a sequência segmental da mão dominante posicionada graficamente acima da não dominante.

O modelo da simultaneidade (na constituição interna de cada segmento) e sequencialidade (na organização dos segmentos no sinal), oferece uma descrição mais abrangente da fonologia das línguas sinalizadas. Ele possibilita, inclusive, postular contrastes fonológicos baseados exclusivamente na ordem dos segmentos — algo análogo ao que ocorre nas línguas vocais. Para os autores, um sistema fonológico eficaz precisa representar tanto os detalhes articulatorios quanto a estrutura abstrata subjacente. Assim, embora ainda em estágio intermediário entre uma descrição mais fonética e uma mais fonológica, o modelo segmental proposto

apresenta um caminho sólido para a compreensão dos processos fonológicos nas línguas de sinais (Quadros, 2019; Xavier; Silva, 2023).

Nesse modelo, os traços segmentais cumprem papel semelhante ao dos traços de classe maior nas línguas vocais: distinguem segmentos dinâmicos (movimentos) de segmentos estáticos (suspensões) e permitem decompor o fluxo contínuo da sinalização em unidades discretas. Esses traços também capturam características mais refinadas do movimento, distribuindo-se em cinco categorias: (i) traços de classe maior, que distinguem movimentos e suspensões; (ii) traços de contorno de movimento, que descrevem o formato da trajetória (retilínea, curva, circular etc.); (iii) traços de plano de contorno, que determinam o plano espacial do movimento; (iv) traços de qualidade, que representam intensidade, velocidade e regularidade; e (v) traços de movimentos locais, que codificam mudanças internas à CM. Em articulação com os feixes articulatorios, esses traços permitem representar de forma precisa a estrutura dos sinais e oferecem uma base fonológica coerente para a análise das línguas sinalizadas (Xavier, 2006; Silva; Xavier, 2020).

Ao aplicar esse modelo à Libras, Xavier (2006) demonstrou que muitos dos fenômenos fonético-fonológicos identificados na ASL, como a distinção entre segmentos estáticos e dinâmicos, a relevância da sequencialidade, a presença de movimentos locais, a organização dos sinais bimanuais e a participação das expressões não manuais, também podem ser observados na Libras, embora com especificidades próprias. Sua pesquisa classificou sistematicamente os sinais da Libras segundo critérios articulatorios como número de mãos, presença e tipo de movimento, ocorrências de movimentos locais, tipos de contato e uso de expressões não manuais, estruturando uma análise comparável àquela proposta para a ASL.

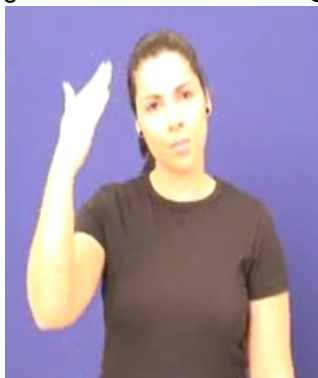
A comparação entre os resultados obtidos na ASL e os achados de Xavier (2006) para a Libras evidencia tanto pontos de convergência estruturais, confirmando que ambas as línguas compartilham princípios fonológicos gerais característicos de línguas sinalizadas, quanto aspectos particulares, que refletem caminhos diferentes de organização fonológica. Ao examinar dados da Libras, Xavier (2006, 2019) não apenas verifica fenômenos previstos pelo modelo da ASL, mas também contribui para ampliá-lo, especialmente no tocante ao comportamento das expressões não manuais, à caracterização dos movimentos locais e às restrições fonotáticas observadas na língua brasileira. Assim, torna-se possível compreender a Libras dentro de um quadro comparativo, identificando semelhanças

estruturais que reforçam sua natureza de língua natural e diferenças que constituem propriedades específicas do seu sistema fonológico.

Essa articulação teórica cria o cenário adequado para examinar detalhadamente como essas categorias, número de mãos, tipos de movimento, movimentos locais, contato, expressões não manuais, contrastividade e fonotaxe, se manifestam na Libras, permitindo uma descrição aprofundada da língua e uma comparação metodologicamente consistente com os estudos clássicos realizados para a ASL (Silva; Xavier, 2023).

Os estudos fonológicos das línguas naturais costumam abordar três aspectos principais do significante linguístico: (1) a contrastividade das unidades; (2) as regras de combinação dessas unidades, que juntas formam a fonotaxe; e (3) os processos fonológicos resultantes da interação entre as unidades fonológicas. Ao ser aplicada a perspectiva estruturalista, as línguas de sinais demonstraram ser línguas naturais. Seu principal argumento foi que são duplamente articuladas (Quadros, 2019). Além disso, foi mostrado que os itens lexicais da ASL são compostos por unidades menores que, embora não tenham significado por si mesmas, são distintivas em termos de significado. Esse princípio é aplicável também à Libras, conforme ilustrado pelos sinais traduzidos como OBRIGAD@ (imagem 48) e IDEIA (imagem 49), que são formados por CM, PA e M.

Imagem 48 - Sinal OBRIGAD@

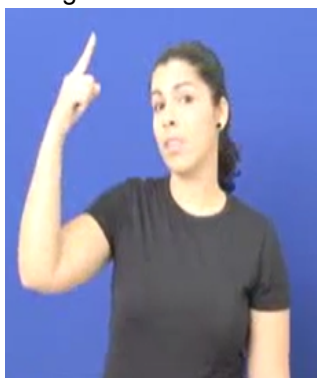


Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁵⁴

⁵⁴

Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/obrigado1Sm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

Imagem 49 - Sinal IDEIA



Fonte: (adaptado de Dicionário Ines)⁵⁵

Esses sinais formam um par mínimo, diferenciando-se apenas pela CM, o que permite analisar fonologicamente as línguas de sinais (Silva; Pacheco; Lessa-de-Oliveira, 2021).

A contrastividade nas configurações de mão da Libras manifesta-se de seis formas: (1) extensão ou não do polegar; (2) quantidade de dedos; (3) flexão ou não das articulações; (4) adução ou abdução dos dedos; (5) mudança ou não na configuração da mão; e (6) ordem das configurações. Além disso, os sinais da Libras podem também contrastar em outros parâmetros fonológicos, como o PA, OM e M, que pode variar em razão de: (1) presença ou ausência de movimento; (2) diferentes tipos de contorno de movimento; e (3) repetição do movimento. Outros pares mínimos podem ser baseados na presença ou ausência de expressões não manuais e no número de mãos utilizadas (Xavier, 2019).

Algumas condições fonológicas que se aplicam à Libras foram identificadas, como a restrição no número de PAs e CMs em um sinal. Um sinal simples pode apresentar no máximo duas localizações e até duas configurações de mão. No caso de sinais bimanuais equilibrados, a "condição de simetria" exige que as mãos apresentem a mesma CM, M, PA e OM espelhadas. Para sinais não equilibrados assimétricos, conhecidos como *sinais com dominância*, a mão passiva deve exibir uma das sete configurações não marcadas. Essas condições também se aplicam à Libras (Xavier, 2006).

Os sinais da Libras podem ser articulados com uma ou duas localizações, com a predominância de sinais articulados com duas localizações. Em relação ao número de configurações de mão, a maioria dos sinais da Libras é formada por uma

⁵⁵ Disponível em: https://dicionario.ines.gov.br/public/media/palavras/videos/ideiaSm_Prog001.mp4. Acesso em: 15 jan. 2026.

CM, embora também existam sinais com duas ou até três configurações. Sinais com três configurações estão relacionados à lexicalização da soletração manual de palavras em língua portuguesa (Xavier, 2006). Com base no estudo de Silva e Xavier (2020), foram identificados dezesseis processos fonológicos distintos na Libras, os quais foram organizados em quatro categorias principais. A primeira, denominada “geral”, engloba processos também encontrados em línguas vocais, como a assimilação — quando um sinal adota traços de sinais vizinhos — e a metátese, caracterizada pela inversão na sequência das unidades fonológicas.

As outras três categorias reúnem processos específicos das línguas de sinais. A segunda categoria abrange fenômenos relacionados à mão não dominante, como a antecipação, em que essa mão aparece precocemente durante a produção de um sinal feito com uma só mão, e a perseveração, quando permanece ativa mesmo após um sinal bimanual, durante a realização de sinais subsequentes monomanuais. Além desses, foram identificados congelamento (ausência de movimento), abaixamento (posição inferior em relação à mão dominante) e apagamento (não participação da mão que normalmente estaria envolvida em sinais bimanuais) (Xavier, 2006).

A terceira categoria contempla alterações de localização, como a ipsilateralização (deslocamento para o mesmo lado da mão dominante), a contralateralização (deslocamento para o lado oposto), a neutralização (centralização da articulação no espaço), o alçamento (elevação da localização) e a omissão de contato entre a(s) mão(s) e o corpo. Por fim, a quarta categoria envolve modificações no parâmetro de movimento, que podem se dar por inserção ou supressão. A exclusão do movimento pode acarretar a omissão da suspensão final de certos sinais, bem como a redução de rotações, oscilações ou repetições.

Também se observam variações quanto à distância do movimento em relação ao tronco, podendo haver distalização (maior afastamento) ou proximalização (maior aproximação) (Xavier, 2006). A forma primária de se articular essa língua são as mãos, à medida que há movimento no espaço que se encontra frente ao corpo, faz com que os sinais se articulem em locais desse espaço (Quadros; Karnopp, 2004).

2.5 A SEMÂNTICA DA LIBRAS

O campo da semântica abrange desde os significados convencionais associados às palavras, aos fenômenos mais complexos, como a composição do sentido em estruturas maiores, as inferências possíveis em diferentes contextos e as restrições que governam a interpretação das expressões linguísticas (Tamba, 2006). São considerados tanto aspectos formais quanto cognitivos, explicando como falantes e sinalizantes representam conceitos, categorizam experiências e constroem significados compartilhados. Esse arcabouço teórico constitui a base para compreender os processos semânticos presentes nas línguas de sinais, em especial a Libras, cuja modalidade gestual-visual apresenta especificidades na forma como relações lexicais, referenciação, iconicidade e construção de sentido são realizadas (Quadros; Karnopp, 2004). Para o trabalho, a ênfase foi na semântica lexical.

Logo, a complexidade se manifesta tanto nos aspectos estruturais da língua quanto em situações comunicativas reais. Ao investigar a interação entre sintaxe e semântica nos verbos da Libras, o significado emerge do uso e das intenções do falante, estando intrinsecamente ligado ao contexto em que o enunciado é produzido (Marinho Silva, 2011).

Como postula Tamba (2006, p. 7), “o sentido é dado imediato e fundamental de nossa experiência com as línguas”. Isso quer dizer que, a partir das vivências com a língua, é possível compreender a relação semântica dos elementos. Para ilustrar isso, se mencionar *manga* não relacionará com *manga de blusa*, ainda assim as minorias dos falantes expressarão corretamente seus sentidos nas distintas expressões.

O que se entende unanimemente é que a semântica é definida pelo seu objeto de estudo, ou seja, o entendimento pelas formas e estruturas significantes das línguas (Quadros, 2019). Todavia, seus modos de descrição são inúmeros, optando por mecanismos de análise e princípios de outros campos linguísticos. Portanto, sua análise desempenha um papel fundamental para compreender como os significados são organizados e interpretados pelos usuários da língua. Ao investigar fenômenos como sinonímias, antonímias, homonímias e polissemias, observa-se que a construção de sentido, tal como ocorre nas línguas vocais, depende tanto do contexto discursivo quanto dos elementos fonológicos que compõem o sinal. Parâmetros como CM, M e especialmente o PA influenciam

diretamente as distinções de significado e as relações estabelecidas entre diferentes sinais (Lima; Cruz, 2014).

Um fato que explica essa situação é que a história da semântica segue as teorias linguísticas, sendo divididas em quatro grandes períodos: linguística comparada, estrutural, das gramáticas formais e cognitiva. Durante o período evolucionista da linguística comparada, predomina a semântica lexical histórica; quanto à estrutural, aborda um viés lexical sincrônico; no que tange às gramáticas formais, apresenta, semanticamente, a frase e o discurso; por fim, nas ciências cognitivas, o conceito valoriza o sentido pela sua relação cognitiva mais forte do que as formas significantes das línguas (Chiodi, 2025).

Quanto ao período evolucionista, também tido como a semântica lexical histórica, deu-se a partir de 1883 com o pioneirismo de Bréal. Nota-se, que nesse momento, havia uma conceituação de evolução, a qual prestou uma função essencial no surgimento e desenvolvimento de uma ciência linguística das significações (Tamba, 2006).

1. a semântica tem por objeto o estudo da evolução das significações nas línguas;
2. essa evolução é comandada por leis gerais;
3. essas leis, próprias dos “fenômenos” semânticos, devem ser extraídas a partir de observações empíricas (Tamba, 2006, p. 15).

Por essa razão, fica evidente que o início da semântica tem influência no darwinismo (Souza, 1998), contudo buscando uma metodologia de observação própria. Em contrapartida, ao decorrer do tempo percebe-se um embate de concepções, uma considerada como a ciência das significações e a outra entendida como mudanças de significações nas palavras. No entanto, o objeto de estudo científico é a evolução do sentido das palavras.

No que diz respeito ao período estrutural, também compreendido como a semântica lexical sincrônica, dá-se a partir de 1931, rivalizando com a anterior, a evolutiva. A nova, de abordagem sincrônica, obteve sucesso europeu, assegurando o surgimento da linguística estrutural. Entende a palavra não somente como denominação, mas sim a forma como os termos de um sistema lexical retiram as significações diferenciais. Portanto, a semântica abordará como objeto de estudo o sincrônico das estruturas lexicais, criando, então, outra opção de análise, entretanto não desconsiderando ou desvalorizando a anterior. Logo, esse viés estrutural

mantém o léxico como campo de estudo através de uma nova abordagem, atentando a uma organização interna e buscando elementos sêmicos finitos (Ferrarezi, 2019).

Já as gramáticas formais, denominadas de semântica frástica, ocorreu a partir de 1963, tendo por característica principal a retirada do campo semântico do léxico para as frases, possuindo foco nas relações das estruturas sintáticas e semânticas da construção frasal. São averiguadas duas hipóteses, uma delas é a de trazer a língua para a abordagem formal, e a outra, uma gramática universal que orienta todas as línguas em questões linguísticas, tendo nesta uma competência inata, exemplificando com o fato de uma criança aprender qualquer língua (Chiodi, 2025).

Por último, a ciência da cognição, comumente chamada de semântica cognitiva, deu-se a partir de 1978. Inicialmente rejeitou postulados anteriores, principalmente a sintática autônoma das gramáticas e a semântica interpretativa. Contudo, tem por objetivo, como traz Tamba (2006, p. 41), “naturalizar o sentido linguístico vinculando-o ao funcionamento geral do cérebro”, por essa razão apresenta a relação de mente-cérebro.

Ademais, Tamba (2006) sintetiza que as teorias cognitivas são contrárias a uma semântica puramente linguística, apresentando a incapacidade de separar do entendimento humano. Da mesma forma, as teorias sociolinguísticas e pragmáticas negam a semântica retirada do contexto de uso ou, então, da relação sócio-histórica.

[...] Significações e formas linguísticas estão intimamente ligadas que quase não se pode distingui-las. E na medida em que o sentido só é acessível mediante a materialidade fônica ou gráfica das expressões, tendemos naturalmente a conceber o sentido segundo a imagem das formas significantes que o configuram. Assim, a semântica, enquanto estudo das significações linguísticas, tem uma importância de fato para o usuário (Tamba, 2006, p.51).

Tendo isso em vista, há uma relação indissociável entre forma linguística e significação, ou seja, o acesso ao sentido ocorre sempre por meio da materialidade fônica ou gráfica das expressões. Dessa forma, o significado não existe sem uma forma que o manifeste, o que leva o usuário da língua a compreender o sentido a partir das próprias estruturas significantes que o configuram. Nesse contexto, evidencia-se a relevância da semântica, pois, ao estudar as significações linguísticas, contribui diretamente para a compreensão dos processos de construção e interpretação de sentidos no uso real da linguagem (Quadros; Karnopp, 2004).

Nessa perspectiva, o valor semântico de expressões pode ser definido pela troca de semelhantes, desde que sejam compreendidos pelos falantes. Logo, essa troca, visando a um sentido parecido, evidencia, conforme Tamba (2006, p. 61), “a capacidade de se definir [...] umas às outras, apenas por identificação ou diferenciação de seu valor semântico”.

Com o foco no sentido, observa-se o estatuto dos termos ligados por um predicado semântico, sendo quatro unidades: (i) a palavra, integrando morfemas; (ii) grupo de palavras ou sintagma, distribuído em lexicalizado ou livre, integrando diversas palavras em uma configuração sintática de duas ou mais palavras; (iii) a frase, contando com palavras, sintagmas ou frases simples; (iv) o enunciado, em que o sentido total é dependente de contextos ou situações, por isso, as noções faladas de sentido compreendem distintas unidades semânticas (Quadros, 2019).

Segundo Tamba (2006, p. 70), “as palavras são um conjunto de formas fônicas e gráficas autônomas, estáveis, que constituem o léxico de uma língua”, com isso, nota-se um papel fundamental no reconhecimento e memorização, uma vez que é mais estável do que os sentidos. Para exemplificar, uma criança compartilha palavras com adultos igualmente, porém com usos e níveis diferentes, mas tende a ficar num nível igualitário através do domínio linguístico. No caráter semântico, palavras são os seres, coisas ou eventos nomeados com a função de identificar e diferenciar entre si.

Vale ressaltar que as palavras não retiram o significado somente da referência ou habilidade de denotar o objeto a partir da nomeação, além do sentido descritivo, o qual é capaz de determinar uma configuração mental (Ferrarezi, 2019).

Além disso, as unidades lexicais, compreendidas como denominações de objetos e termos do sistema, ou seja, a significação de caminhar tem relação com as características da atividade de deslocamento e com as semelhanças e diferenças que mantém com outros termos. Por essa razão, a denominação tem a possibilidade de assumir a função de designação ou evocar quando estiver ausente. Então, o conceito saussuriano do signo desaparece do campo semântico (Souza, 1998).

Em nível discursivo, a organização da narrativa em Libras transcende a mera justaposição de sinais. Evidencia que o espaço de sinalização é semanticamente e gramaticalmente ativo, sendo empregado para estabelecer o cenário (*setting*) e fixar os referentes (personagens e objetos) no campo visual. Consequentemente, a coesão textual é frequentemente mantida por estratégias espaciais. A principal delas

é a mudança de papel (*Role Shift*), um recurso em que o sinalizador assume, através do corpo e da expressão facial, a perspectiva e a fala de um personagem da narrativa. Essa técnica funciona como um mecanismo gramaticalizado de citação de voz direta, sendo essencial para diferenciar a voz do narrador da voz dos personagens e para conferir clareza à progressão textual na modalidade visuo-espacial (Sabanai, 2016).

À medida disso, Chiodi (2025) cita os estudos de significações semióticas e semânticas, em que o primeiro tem relação com o signo de Saussure, e, o segundo é a palavra. O fechamento da palavra tem por função o subsistema semântico autônomo, ou seja, a organização da frase é articulada através de conexões nos componentes.

A respeito da sinonímia, o sentido conotativo das unidades lexicais mantém o sentido denotativo, permanecendo a equivalência do referente. Diferentemente da antonímia, que trata de uma oposição binária, podendo ser entendida por pares de unidades lexicais bipolares e adicionar um termo contrário ou negativo ao seu lexical. Quanto à hiperonímia, é uma ordem hierárquica, tendo essa relação definida de modo verbal. A hiponímia assume a continuidade de subdivisão, podendo contar com mudança de unidade lexical ou adjunção determinante para construir uma denominação mais complexa. Por fim, a meronímia apresenta menos o caráter estrutural lexical comparado ao traço de definição de lexemas (Tamba, 2006).

Os conceitos da semântica lexical, como hiperonímia e meronímia, em relação à palavra e à frase, encontram uma realização estrutural no plano visuoespacial do discurso em Libras. Evidencia que, na narrativa, a coesão e a coerência semântica são mantidas pela referenciação espacial contínua. As relações de meronímia (parte-todo), por exemplo, podem ser representadas pela disposição de um objeto no espaço de sinalização e, subsequentemente, pela descrição de suas partes que estão relacionadas àquele ponto espacial.

Já a hiperonímia (relação de classe), pode ser estabelecida quando um sinal de categoria mais geral (hiperônimo) é seguido por uma série de hipônimos, que são fixados em diferentes pontos do espaço para distinção e posterior recuperação no texto. Desse modo, a organização semântica da narrativa não depende apenas da escolha lexical, mas também de uma distribuição espacial que reflete e mantém a hierarquia e as relações de sentido ao longo do discurso (Sabanai, 2016).

Portanto, Tamba (2006) finaliza seu estudo abordando que as palavras, junto com as ordenações frásticas e de enunciados, favorecem o desenvolvimento de significações próprias das línguas, sendo capazes de processar diversas informações semânticas de variadas formas.

Diante dos parâmetros fonológicos, já abordados, que estruturam a Libras, observa-se que cada um deles desempenha papel essencial na diferenciação dos sinais, funcionando em conjunto com os aspectos semânticos para a construção de significados precisos. Entre esses parâmetros, o PA se destaca como um elemento central, pois determina o espaço corporal ou neutro em que o sinal é produzido, influenciando diretamente sua percepção e interpretação. Sua análise evidencia a relação entre forma e significado na Libras, demonstrando como alterações nesse parâmetro podem afetar a distinção de sinais e a comunicação eficaz, sem comprometer a inteligibilidade da língua (Quadros, 2019).

Nesse contexto, esta pesquisa focaliza o PA e sua relação com aspectos semânticos dos sinais. Essa escolha se justifica por sua relevância na distinção de significados e na organização espacial dos sinais, sendo fundamental para compreender como os usuários de Libras estruturam e interpretam enunciados de forma precisa. Ao investigar o PA em diálogo com a semântica, espera-se contribuir para o entendimento das interações entre os traços fonológicos e os significados, oferecendo subsídios teóricos e práticos para análises linguísticas, ensino e desenvolvimento da competência comunicativa.

CAPÍTULO 3

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica de natureza qualitativa e quantitativa, articulando procedimentos descritivos, analíticos e interpretativos, conforme as perspectivas da linguística das línguas de sinais. Essa opção metodológica se fundamenta na necessidade de compreender, simultaneamente, as dimensões estruturais e funcionais da Libras, de modo a investigar como aspectos fonológicos, especialmente PA, relacionam-se aos significados evocados pelos sinais em diferentes contextos. A associação entre essas duas dimensões demanda um percurso investigativo que privilegia tanto a observação sistemática e descritiva quanto a interpretação dos padrões emergentes a partir dos dados.

A escolha de um enfoque qualitativo justifica-se pela especificidade do objeto de estudo, dado que a análise de sinais em Libras envolve compreender nuances gestuais, corporais e semânticas que não se reduzem a simples quantificações numéricas. Permitindo examinar de que maneira a localização do sinal no corpo do sinalizante revela, reforça ou dialoga com seu campo semântico. Por outro lado, a incorporação de procedimentos quantitativos tem como objetivo complementar essa compreensão, oferecendo uma visão sistemática da distribuição dos sinais no corpo e permitindo observar tendências numericamente verificáveis. Assim, as abordagens qualitativa e quantitativa se articulam de forma complementar, garantindo maior robustez à análise.

3.1 GERAÇÃO DOS DADOS

Os dados desta pesquisa foram elaborados a partir de quatro diálogos presentes nos primeiros quatro capítulos da obra *Aprenda Libras com Eficiência e Rapidez* (Veloso; Maia, 2009), com vendas acima de 45 mil exemplares⁵⁶, reconhecida pela comunidade acadêmica e pedagógica por sua relevância na

⁵⁶ Para saber mais, acesse:

<https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/07/29/isolado-no-trabalho-surd-o-cria-escola-para-ensinar-lingua-de-sinais.htm>. Acesso em: 15 jan. 2026.

formação de estudantes e profissionais. A escolha desse recorte do material fundamenta-se em quatro critérios principais: (a) sua circulação no curso livre de Libras, nível básico, da Escola de Línguas, Literaturas e Culturas (ESLiN), ofertado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); (b) sua organização pedagógica midiática, que facilita a identificação de parâmetros fonológicos; (c) sua representatividade quanto ao vocabulário básico necessário em situações de interação social, frequentemente lecionado em contextos de ensino; e (d) por ser produção literária de representantes das comunidades surdas, resultado de pesquisas da graduação em Letras Libras. É importante destacar que o foco do material é Libras como L2.

O processo de geração dos dados envolveu a identificação de todos os sinais presentes nos quatro diálogos, os quais são encontrados, por meio de CD ou *QRcode*, ao fim de cada capítulo do livro, com posterior listagem e registro sistemático do PA. Essa etapa foi conduzida de forma sistematizada, por meio da leitura e categorização dos sinais. Para cada sinal, foram registrados: (i) a identificação do sinal; (ii) o PA; (iii) o significado semântico; e (iv) o contexto em que está sendo utilizado.

Essa sistematização foi organizada com o *software* ELAN, desenvolvido para a anotação e análise de dados multimodais, amplamente utilizado em estudos linguísticos, especialmente em pesquisas envolvendo línguas de sinais, fala e gestos. Ele permite sincronizar vídeos e áudios com múltiplas trilhas de anotação, possibilitando registrar de forma detalhada diferentes aspectos da comunicação, como sinais manuais, expressões faciais, movimentos corporais, prosódia e interpretação semântica.

Uma das principais vantagens é a precisão temporal, permitindo marcar o início e o fim de eventos no vídeo, o que facilita o estudo de fenômenos linguísticos que dependem do tempo e da sequência dos sinais. O *software* também oferece flexibilidade na criação de camadas de anotação, que podem ser independentes ou inter-relacionadas, possibilitando analisar simultaneamente aspectos fonológicos, semânticos e pragmáticos. Além disso, os dados anotados podem ser exportados para outros formatos, permitindo análises estatísticas ou complementares.

No contexto da Libras, essa ferramenta se mostra especialmente útil para registrar e examinar parâmetros fonológicos, como CM, PA e M, bem como para identificar funções pragmáticas e atos de fala. Assim, o mecanismo integra vídeo,

áudio e anotação linguística, oferecendo um suporte metodológico robusto para pesquisas que buscam compreender a complexidade da comunicação visuoespacial.

3.1.1 A obra

O material selecionado para análise encontra-se organizado em quatro seções principais. A primeira seção apresenta a introdução, o prefácio e as considerações iniciais dos autores (p. 5-8). A segunda seção traz informações técnicas, aspectos culturais, orientações sobre comunicação e princípios gerais direcionados aos alunos (p. 9-18). Na terceira seção, são abordados o alfabeto datilológico, os números cardinais e ordinais, além de uma introdução à estrutura da Libras (p. 19-28). A quarta seção contém as 12 lições propriamente ditas, distribuídas em temas específicos e subdivididas em sinais e diálogos (p. 29-193). Ao final, o livro disponibiliza um índice remissivo (p. 194-199), referências bibliográficas e um índice de ilustrações (p. 200).

Os autores, Éden Veloso e Valdeci Maia, fazem parte da comunidade surda brasileira. Veloso, surdo de nascença, é formado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, com especialização em Educação Especial, voltada para a Educação Bilíngue de Surdos. Maia, que perdeu a audição aos dois anos, teve sua formação educacional no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), instituição federal referência no ensino bilíngue para surdos.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA E SEMÂNTICA

A segunda etapa metodológica corresponde ao processo de análise fonológica e semântica dos sinais selecionados. Essa análise teve como objetivo identificar possíveis correspondências sistemáticas entre o PA e o campo semântico associado ao sinal. A investigação foi orientada a partir do questionamento de que regiões específicas do corpo tendem a ser escolhidas como produção de sinais relacionados a determinadas categorias semânticas. A análise fonológica consistiu em examinar rigorosamente o PA dos sinais, classificando-os de acordo com as

cinco grandes regiões corporais: cabeça, tronco, abdômen, espaço neutro, e outras partes do corpo. Em seguida, foi conduzida a análise semântica, na qual os sinais foram estudados a partir de cada PA e identificados seus valores semânticos.

3.3 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A terceira etapa metodológica consistiu na tabulação e interpretação sistemática dos dados gerados. Os sinais foram organizados em quadros distribuídos por região corporal, indicando o número de ocorrências em cada categoria semântica. Essa tabulação permitiu observar a frequência de determinados padrões, bem como identificar regiões mais produtivas na formação de sinais e seus significados correspondentes. Os dados numéricos foram, então, relacionados à análise qualitativa para confirmar ou refutar a hipótese de correspondência sistemática entre PA e campo semântico. Além disso, a tabulação proporcionou o reconhecimento de regularidades e exceções.

Para corroborar o caráter científico deste trabalho, os sinais analisados nos quatro diálogos da obra foram confrontados e validados por meio de uma tabela comparativa, tomando como referência o Dicionário do INES, *Spread the Sign* e o banco de dados de sinais da UFSC, visto que são referências significativas para os estudos surdos. Esse procedimento metodológico permitiu verificar a correspondência formal e semântica dos sinais, assegurando maior rigor à análise. Ressalta-se ainda que, embora alguns sinais apresentem mais de uma variação registrada nesses bancos, tais variações não foram consideradas neste estudo, uma vez que se optou pela seleção da variação idêntica àquela utilizada na obra, garantindo coerência entre o corpus analisado e os dados de referência.

Um ponto de atenção é que algumas sinalizações não foram encontradas no Dicionário de Libras do INES ou as variações linguísticas dos sinais não eram parecidas com as usadas nos diálogos analisados, então os vídeos usados para a validação são do *Spread the Sign*, site com banco de sinais de diferentes línguas de sinais, como também foram validados pelo banco de sinais da UFSC. Dessa maneira justificamos as diferentes fontes utilizadas para a validação dos sinais analisados na obra referida.

3.4 RESULTADOS OBTIDOS E ANÁLISE

Os resultados apresentados a seguir derivam da análise dos dados levantados de quatro diálogos retirados das quatro primeiras unidades da obra *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*, examinados à luz da relação entre semântica e PA. Importante destacar a minutagem de cada diálogo: (i) diálogo 1 - 2'44"; (ii) diálogo 2 - 2'39"; (iii) diálogo 3 - 3'46"; e (iv) diálogo 4 - 3'50". A partir do levantamento quantitativo e qualitativo das ocorrências, foi possível sistematizar e evidenciar regularidades no uso dos pontos de articulação associados aos valores semânticos dos sinais.

Durante a análise, como já mencionado, os PAs foram agrupados em cinco grandes áreas, sendo (i) cabeça; (ii) tórax; (iii) abdômen; (iv) espaço neutro; e (v) outras partes do corpo. No entanto, o PA abdômen não teve nenhuma ocorrência, fazendo-nos refletir que o tórax tem maior incidência por ser a área de sinalização mais comum. Contudo, sinais relacionados a sensações de “fome” ou “dor de barriga”, por exemplo, são sinalizados no abdômen, porém não apareceram nos diálogos analisados para que pudéssemos verificar a relação PA e significação.

Foram determinadas 15 categorias para a tabulação e análise dos dados obtidos nos quatro diálogos, a saber: (i) afirmação/negação; (ii) localização; (iii) tempo; (iv) gradual/adição; (v) apresentação; (vi) soletração/numeral; (vii) conceitual; (viii) pessoa/referenciação; (ix) saudação; (x) cortesia; (xi) verbo cognitivo; (xii) verbo ação; (xiii) verbo fásico; (xiv) verbo psicológico; (xv) modificadores/conectores.

As trilhas de transcrição no *software* foram denominadas por: tradução; glosa/sinal; PA; Semântica; e demais trilhas foram nomeadas a partir dos personagens presentes em cada diálogo - porteiro, Éden e secretária (Apêndice A); Éden e secretária (Apêndice B); Éden e Valdeci (Apêndice C e D).

A quantidade de anotações realizadas na análise de cada diálogo foram obtidas por meio dos relatórios de estatísticas de anotações, geradas pelo *software ELAN*. A partir desses relatórios, os dados dos quatro diálogos a respeito de cada trilha foram organizados em uma tabela, conforme apresentado na sequência. Tivemos um total de 1.556 anotações, sendo 243 referentes ao diálogo 1; 298, ao diálogo 2; 487, ao diálogo 3 e 528, ao diálogo 4. Em relação às trilhas PA e Semântica, focos da pesquisa, obtivemos 438 e 300 anotações, respectivamente.

Tabela 1 - Anotações em Trilhas

Trilhas Diálogo	Tradução	Glosa/sinal	PA	Semântica	porteiro	Éden	secretária	Valdeci	total
1	21	46	65	46	14	34	17	—	243
2	18	68	72	68	—	29	43	—	298
3	25	63	168	63	—	126	—	42	487
4	16	123	133	123	—	49	—	84	528
TOTAL	80	300	438	300	14	238	60	126	1556

Fonte: elaborado pelas autoras

Tabela 2 - Ocorrências das categorias semânticas por diálogo analisado

categorias	Diálogos	1	2	3	4	TOTAL
(i) afirmação/negação		02	06	05	08	21
(ii) localização		02	01	07	30	40
(iii) tempo		02	07	01	15	25
(iv) gradual/adição		—	01	—	04	05
(v) apresentação		02	—	05	—	07
(vi) soletração/numeral		02	03	15	05	25
(vii) conceitual		06	21	09	10	46
(viii) pessoa/referenciação		07	08	10	18	43
(ix) saudação		10	03	02	02	17
(x) cortesia		06	02	01	03	12
(xi) verbo cognitivo		02	02	—	04	08
(xii) verbo ação		02	09	03	15	29
(xiii) verbo fásico		01	01	01	03	06
(xiv) verbo psicológico		02	02	01	01	06
(xv) modificadores/conectores		—	02	03	05	10
TOTAL		46	68	63	123	300

Fonte: Elaborado pelas autoras

A respeito das glosas e suas anotações semânticas, quanto ao aspecto morfológico, observamos que no diálogo 1 as 46 sinalizações correspondem a 2

datilologias; 6 sinais compostos; e 38 sinais simples, sendo 28 monoarticulados e 10 duplo-articulados. Nas 68 sinalizações do diálogo 2 foram verificados 5 sinais compostos e 63 sinais simples, sendo 46 monoarticulados e 17 duplo-articulados. No diálogo 3, das 63 sinalizações, 3 são sinais compostos e 60 são simples, sendo 56 monoarticulados e 4 duplo-articulados. E no diálogo 4, as 123 sinalizações estão distribuídas em 5 sinais compostos e 118 sinais simples, sendo 90 monoarticulados e 28 duplo-articulados.

Quanto à análise dos PAs, pudemos verificar que das 65 anotações realizadas no diálogo 1, 6 são na cabeça; 2 ocorrem na cabeça e tórax, concomitantemente; 1 é realizado no tórax; 35 são no espaço neutro em frente ao tórax; 12 correspondem ao espaço neutro da região da cabeça; e 9 são em outras partes do corpo. No diálogo 2, os 72 PAs estão distribuídos em 6 na cabeça; 1 cabeça e tórax, realizados simultaneamente; 6 espaço neutro na região cabeça; 29 espaço neutro região tórax; 25 outras partes do corpo; 5 tórax. No caso do diálogo 3, correspondem a 168 PAs: 4 cabeça; 1 cabeça e tórax realizado ao mesmo tempo; 2 espaço neutro com região próxima da cabeça; 137 espaço neutro com região do tórax; 15 outras partes do corpo; e 9 tórax. Já no diálogo 4, os PAs equivalem a 133 marcações, como: 14 cabeça; 1 cabeça e tórax feito junto; 2 espaço neutro com região cabeça; 74 espaço neutro com região perto do tórax; 32 outras partes do corpo; e 10 tórax.

À respeito do quantitativo das categorias temos estas ocorrências: 21 de (i) afirmação/negação; 40 de (ii) localização; 25 de (iii) tempo; 5 de (iv) gradual/adição; 7 de (v) apresentação; 25 de (vi) soletração/numeral; 46 de (vii) conceitual; 43 de (viii) pessoa/referenciação, 17 (ix) saudação; 12 de (x) cortesia; 8 de (xi) verbo cognitivo; 29 de (xii) verbo de ação; 6 de (xiii) verbo fásico; 6 de (xiv) verbo psicológico; e 10 de (xv) modificadores/conectores.

Esses dados evidenciam a predominância de sinais simples e monoarticulados nos quatro diálogos analisados, ao mesmo tempo em que revelam uma distribuição significativa de sinais duplo-articulados e compostos, demonstrando a diversidade estrutural presente nas produções sinalizadas. No que se refere aos parâmetros articulatórios, observa-se maior incidência de realizações no espaço neutro, sobretudo na região do tórax, indicando sua centralidade na organização espacial dos sinais. Além disso, a variedade de pontos de articulação identificados reforça a complexidade fonológico-morfológica da Libras e sua dinamicidade no uso

discursivo. Quanto às categorias semânticas, destacam-se as ocorrências relacionadas aos campos conceitual, de localização e de referência, o que evidencia a relevância desses elementos para a construção do sentido nos diálogos analisados.

Já nos sinais realizados na cabeça, foi possível perceber os valores semânticos dos sinais em relação ao PA: em VER, é notável que remete à visão; DESCULPA, referindo ao pesar; NÃO ENTENDI, APRENDIZAGEM, SABER, ENTENDI, fazendo menção ao conhecimento intelectual; AMANHÃ, SEGUNDA, QUARTA, SEXTA, remetendo o tempo indicado à memória; TELEFONE, relacionado à audição; PAI, MÃE, igualmente com a característica de benção, diferenciando apenas por uma característica física facial (barba e maquiagem, respectivamente); DIRETORIA, apresenta a ideia de autoridade intelectual; DIA, se tratando de sol; ELETRICIDADE, fazendo referência a raios; FALAR, sendo comunicação; e LEGAL, lembrando o início de um sorriso.

Podemos inferir que sinais com PA na cabeça ou partes do corpo que estejam na região da cabeça, como olhos, bochechas, testa, entre outros, designam significados que estão relacionados aos aspectos cerebrais como raciocínio, memória, conhecimento, observação, visão e intelectualidade. Há sinais que relacionam características físicas faciais, comuns na determinação de sinais relacionados a seres humanos, como nos sinais próprios (sinal de alguém a partir da característica física facial, como uso de brincos ou óculos, tipo de cabelo, tamanho ou cor dos olhos, por exemplo).

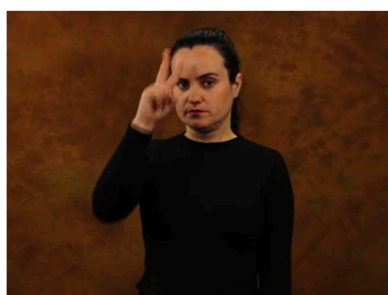
Contudo, cabe ressaltar que o sinal LEGAL não tem relação semântica direta com o PA bochecha, ainda que tenhamos compreendido a relação com sorriso. Pois algo ou situação que seja “legal” pode estar relacionado a alguma emoção de alegria ou satisfação, comuns de serem sinalizados na região torácica (região do coração). Dessa forma, inferimos que há exceções quanto à influência do PA na significação dos sinais, e que seria necessário uma análise mais criteriosa em relação aos PAs que por ventura apresentam exceções.

Outro ponto a destacar é que não obtivemos sinais com PA na boca a serem analisados, para verificarmos se há ou não influência na significação. Sinais como a cor “vermelho” ou “delicioso/gostoso” que apresentam PA idêntico, evidenciam que não há relação direta com a significação. No primeiro, a cor poderia ter PA em outra parte do corpo se relacionado ao sangue, como em “exame de sangue”; no

segundo, o PA indica relação com o paladar, indicando influência semântica se em sentido literal, como o sabor de algum alimento; porém quando o sinal é relacionado a um contexto diverso, como em “DIA GOSTOSO”, o PA passa a não ter relação semântica direta.

Já no PA tórax ou parte do corpo próxima, como ombro, foram averiguados as seguintes sinalizações com sua relação semântica: 2º GRAU, relacionado a nível intelectual; EU, com o significado de pessoa; COMIGO, TEM, ME, tendo noção de posse; ABRAÇOS, tratando de carinho. No caso do “2º grau”, inferimos que não há relação direta entre o PA e a significação do sinal, por se tratar de nível intelectual que deveria ser realizado na região da cabeça, como verificamos anteriormente. Porém uma variação encontrada para esse termo ocorre na testa, o que estaria comprovando a hipótese da influência entre PA e semântica.

Imagem 49 - 2º Grau/Ensino Médio⁵⁷



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*)

No espaço neutro percebemos os seguintes: AQUI, ESTA, ONDE, LONGE, sendo lugar; QUERO, indicando desejo; VOCÊ, ELA, SEU, uma referência; SEGUIR EM FRENTE, assumindo trajeto; EXPLICAR, com a noção de detalhar; COM LICENÇA, pedindo espaço; LIBRAS, fazendo menção a uma língua; NOME, assumindo a forma de apresentação; OK, CERTO, relacionado à compreensão; INFORMÁTICA, tendo o formato da tela de computador; AUTOMÓVEL, referente ao volante; NÃO TEM, tratando de posse; JÁ, AGORA, MUITO, sendo advérbio; QUANTO, sendo quantidade; DAR, com o intuito de entregar; ESCOLHEU, representando o ato de selecionar; COMPLETO, PRONTO, tratando de finalizado; VIRA, DIREITA, remetendo a direção; COMO, sendo pergunta; GRANDE, com intenção de transmitir a mensagem de tamanho; PREOCUPE, com noção de

⁵⁷ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/679367.mp4>. Acesso em: 16 jan. 2026.

problema; AUDITÓRIO, um lugar para ouvir e ver eventos; BIBLIOTECA, assumindo a forma de estante de livros; BONITO, remetendo a aparência da face; MOTO, referindo ao guidão; REFEITÓRIO, sendo o local de alimentação; e TCHAU, com referência de aceno.

Em todos esses casos acima, podemos verificar que o PA não tem nenhuma relação direta ou influência com o significado do sinal, sendo essa realizada pelas CMs e não pelo PA. Inferimos, portanto, que o PA “espaço neutro”, como a própria denominação indica, denota a neutralidade do lugar onde é realizado com o significado do sinal. Por exemplo, sinais que demonstram temporalidade, poderiam estar relacionados à memória, como observado anteriormente. Contudo, não é o que ocorre, talvez por se tratar de uma temporalidade imediata e pontual, diferentemente dos sinais anteriormente apresentados que indicam uma temporalidade que pode ser retomada e indicada com precisão.

Em outras partes do corpo, temos sinais realizados no “braço”, “antebraço” e “mão”, como em: CURSO, tratando de objeto; SECRETÁRIA, com referência a organização; COSTURA, a ação de costurar; MECÂNICO, já que é uma ferramenta; MARCENARIA, remetendo ao tronco da árvore, copa e cortar; SEGURANÇA TRABALHO, com a noção de segurar e puxar; GRÁFICA, com o intuito de objeto; PAGAR, com a ação de pagamento; MANHÃ, referente a tempo; PARCELADO, com ideia de divisão; INSCRIÇÃO, tratando de um formulário; ATÉ, transmitindo a noção de momento; FAZ, PERGUNTOU, semelhante a ação; ENDEREÇO, sendo lugar; ESCOLARIDADE, para formação intelectual; DOCUMENTO, averiguando objeto; IDENTIDADE, se referindo a digital; COMEÇA, trazendo menção de início; MOSTRO, para evidenciar; BANHEIRO, com ideia de tampo do vaso; SALA, OFICINA, MORA, sendo lugar; VÁRIOS, relacionado a quantidade; FREQUENTA, para entrar com frequência; HORA, averiguando o relógio; GUARDA, mostrando a semântica de colocar debaixo; RUA, para caminho.

Nestes casos, os PAs não apresentam influência com o significado dos sinais, uma vez que são utilizados como base para realização de algum sinal e não que apresentem uma relação semântica explícita, na maioria dos casos. Sobre as ocorrências apresentadas, não foi observada nenhuma influência direta do PA com os significados dos sinais.

É importante apresentar o sinal OBRIGAD@, que apresenta dois PAs simultaneamente - cabeça (testa) e tórax - realizado com as duas mãos, em que

cada uma assume um dos PAs relatados, a depender do sinalizante ser destro (mão direita dominante) ou sinistro (mão esquerda dominante). Este sinal, especificamente, pode ser analisado como tendo os dois PAs de influência na significação do sinal.

Imagem 50 - sinal OBRIGADO⁵⁸



Fonte: (adaptado de *Spread the Sign*)

Ao colocar uma das mãos na testa e a outra no tórax, infere-se que o sinalizante oferece o conhecimento (razão) e o coração (emoções) como forma de agradecer o atendimento ou ajuda recebida. Da mesma forma, o movimento retilíneo para frente de ambas as mãos indica o sinalizante dar seu conhecimento e suas emoções para auxiliar seu beneficiário no que for preciso.

Durante a interpretação desses dados, foi possível perceber que há uma relação significativa entre os PAs e os valores semânticos atribuídos aos sinais em Libras, nos quatro diálogos analisados da obra de Veloso e Maia (2019). Observamos que as regiões do corpo - cabeça e tórax - tendem a concentrar determinados campos de significação, o que reforça a ideia de que o PA não ocorre de forma aleatória, mas pode contribuir para a construção do sentido.

Nos sinais realizados na cabeça, verificamos predominância de significados ligados à cognição, reflexão, observação, percepção e temporalidade/memória, ações que são realizadas a partir da área cerebral. Sinais envolvendo olhos e boca estão relacionados aos sentidos da visão e paladar, confirmando a influência do PA na significação do sinal. Também aparecem sinais ligados a papéis sociais ou de identificação por característica física facial, como PAI, MÃE e DIRETOR,

⁵⁸ Disponível em: <https://media.spreadthesign.com/video/mp4/14/560823.mp4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

demonstrando que a região da cabeça concentra sentidos associados tanto a processos mentais quanto a aspectos sociais e de caracterização.

No tórax, os sinais apresentaram maior relação com identidade, posse e afetividade e emoções. Esses dados indicam que o tórax, por estar localizado na região central do corpo, pode assumir semanticamente uma relação com o “eu”, com sentimentos e com marcações de pertencimento.

O espaço neutro foi o que apresentou maior número de ocorrências, abrangendo significados diversos, principalmente relacionados à referência espacial, localização, direção, quantidade, ações e representação de objetos. Dessa forma, percebe-se que o espaço neutro exerce papel fundamental na organização espacial morfológica e sintática da Libras, mas que não apresenta influência semântica lexical específica na Libras. A referenciação espacial na Libras traz informações semânticas que estão diretamente relacionadas a aspectos sintáticos e de referência anafórica, sem que estejam apresentando o significado do sinal propriamente dito.

De modo geral, os dados indicam que há uma tendência de associação entre determinadas regiões do corpo e campos semânticos específicos, reforçando que o PA, enquanto parâmetro fonológico, pode desempenhar papel relevante na construção do significado na Libras, mas que, diante das análises realizadas, isso não é um padrão. A ausência de ocorrências no abdômen também chama atenção, sugerindo menor produtividade dessa região na amostra analisada, o que deixa uma lacuna a ser investigada.

Ao analisarmos os sinais dos 4 diálogos do material escolhido, convalidando-os a partir da investigação de suas ocorrências em dicionários virtuais, e buscando pesquisas que tratem da relação entre morfologia e semântica da Libras a partir do PA, muito ainda precisa ser pesquisado. As pesquisas pouco apresentam a relação entre subáreas da linguística como a proposta neste trabalho. São evidentes as investigações relacionadas especificamente à fonologia da Libras ou a outra subárea, como morfologia e sintaxe. Porém, os Estudos Surdos ainda precisam avançar no que diz respeito aos aspectos fonéticos, semânticos e pragmáticos da Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como propósito investigar a relação entre o PA e a construção de significados na Língua Brasileira de Sinais. Conforme apresentado na introdução, o problema de pesquisa centrou-se na seguinte questão: de que modo o PA influencia os aspectos semânticos dos sinais da Libras e quais padrões podem ser identificados nessa interface?

Ao longo do percurso teórico, evidenciou-se que os parâmetros fonológicos das línguas de sinais não operam de maneira isolada, mas podem se articular à semântica na constituição do significado. O PA, enquanto parâmetro que organiza o espaço corporal e neutro de produção do sinal, mostrou-se relevante por sua capacidade de atuar como elemento distintivo e, ao mesmo tempo, como pista cognitiva para a interpretação. Assim, a investigação proposta buscou verificar se haveria regularidades sistemáticas entre determinadas regiões corporais e campos semânticos específicos.

A análise dos quatro diálogos extraídos da obra *Aprenda Libras com Eficiência e Rapidez* (2019), realizada por meio de procedimentos qualitativos e quantitativos, com apoio do *software* ELAN, permitiu mapear os PAs recorrentes e relacioná-los à semântica dos sinais. Os resultados quantitativos, a partir da soma de dados dos quatro vídeos, permitiram observar 438 PAs e 300 verificações semânticas, juntamente com 80 traduções; 300 glosa/sinal; 438 sinais, ao todo, com os quatro personagens presentes. A partir disso foi possível obter um total de 1.556 anotações. Quanto às considerações qualitativas, foi notado que determinadas regiões corporais tendem a concentrar campos de significado específicos: a cabeça apresentou forte associação com domínios ligados à cognição, percepção, identidade e temporalidade; o tórax mostrou recorrência em sinais relacionados à identidade, posse e afetividade. Diferentemente do espaço neutro, que não se revelou produtivo como influenciador da significação, abrigando sinais de referenciação, localização, direção, quantidade e representação de objetos.

Esses achados confirmam parcialmente a hipótese inicial de que o PA não se distribui de forma aleatória, mas tende a apresentar alinhamentos com determinados domínios semânticos, ainda que não de maneira absoluta ou rígida. Quadros e Karnopp (2004) reforçam a compreensão de que, na Libras, a dimensão corporal e espacial é suporte físico da língua, assim como elemento estruturante da

significação, mas que não especificamente do PA. A organização do sentido, portanto, emerge da articulação entre forma, espaço e experiência corporal, evidenciando a natureza visuoespacial da língua.

O PA, neste contexto, pode ser concebido como unidade formal de influência fonológica em aspectos semânticos e um recurso que participa da construção de sentidos, atravessados por intenções comunicativas e interacionais, em aspectos sintáticos. Por conseguinte, a interface entre fonologia e semântica pode mostrar-se produtiva para compreender como os sinais são organizados e interpretados nas práticas reais de uso e no que diz respeito ao ensino da Libras.

No âmbito das contribuições, esta pesquisa colabora para o avanço dos estudos descritivos da Libras ao evidenciar empiricamente a relevância do PA na categorização semântica dos sinais. Também oferece subsídios para práticas pedagógicas, especialmente no ensino de Libras como L2, como trata Quadros (2019), ao destacar que a aprendizagem dos sinais envolve memorização lexical, fora a compreensão da lógica espacial e corporal.

Como limitação, reconhece-se que os dados se restringem a quatro diálogos da obra, o que não permite generalizações amplas. Dessa forma, sugere-se, para pesquisas futuras, a ampliação, isto é, a análise de diferentes gêneros discursivos e a investigação da interface do PA com outros parâmetros fonológicos, como configuração de mão e movimento, a fim de aprofundar a compreensão das relações entre forma e significado.

Por fim, reafirmamos que compreender o PA como elemento funcional e semanticamente relevante reforça a Libras como língua plena, dotada de organização interna complexa e sistemática. Ao evidenciar a articulação entre fonologia e semântica, este trabalho reforça a legitimidade linguística e amplia as possibilidades de investigação no campo dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Surdos, valorizando sua dimensão estrutural, social e interacional.

REFERÊNCIAS

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Análise da variação fonética em configurações de mão da Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 5, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/62908>. Acesso em: 27 nov. 2025.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F.; RODRIGUES, E. O. P. Por que escrever gramáticas de línguas de sinais emergentes. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 721–746, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/62084>. Acesso em: 27 nov. 2025.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995 [1954].

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 27 nov. 2025.

CAMPELLO, A. R. S.; QUADROS, R. M. A Libras e as Comunidades Surdas. *In*: SOUSA, A. M., *et. al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 3- A circulação da Libras e aspectos socio-históricos. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

CAMPELLO, A. R. S. História da Libras. *In*: SOUSA, A. M., *et. al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 3- A circulação da Libras e aspectos socio-históricos. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

CAMPELLO, A. R. S.; QUADROS, R. M. Cultura e Identidade surdas. *In*: SOUSA, A. M., *et. al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 3- A circulação da Libras e aspectos socio-históricos. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

CARDOSO, E. **A interface prosódia/pragmática nas expressões faciais das emoções dos surdos**. Orientador: Francisca Maria Carvalho. 2018. 57 p. Trabalho de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2018. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/handle/prefix/1063>. Acesso em: 27 nov. 2025.

CHIODI, S. C. P. **O estudo da coordenação na Língua Brasileira de Sinais: aspectos sintáticos e semânticos em análise**. 2025. 109 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2025.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

FELIPE. T. Libras em contexto: curso básico: Livro do Estudante. *In*: FELIPE. Tanya. **A língua brasileira de sinais**. 8. ed. Rio de Janeiro. Walprint Gráfica e editora, 2007. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/3244>. Acesso em: 27 nov. 2025

FERRAREZI JR., C. **Semântica**. São Paulo: Parábola, 2019.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995].

FERREIRA, J. O; SENA, M. T.; SILVA, L. C. Breve descrição dos aspectos fonéticos e fonológicos em Libras: suporte para o ensino de Libras como L2. **Realize Editora**, Campina Grande, p. 1-12, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/113815>>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FERREIRA, M. X.; BENFATTI, M. F. N. Aspectos pragmáticos da Libras como língua adicional. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 7 n. 2, p. 104-114, 2020. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/articloe/view/9754/5427. Acesso em: 27 nov. 2025

FRIEDMAN, L. A. **On the Other Hand: New Perspectives on American Sign Language**. London: Academic Press, 1977.

HOCKETT, C. F. **A course in modern linguistics**. New York: Macmillan, 1958.

HUMBOLDT, W. V. **Ensaio sobre língua e linguagem**. Tradução Hans Theo Harden; Orlene Lúcia de S. Carvalho. Uberlândia: EDUFU, 2021.

JEREMIAS, D. A. **Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras: uma motivação semântica e pragmática**. 2020. 215 p. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVRAS, E.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Aspectos da categorização de nome e verbo em Libras. **Signótica**, Goiânia, v. 32, p. 1-32, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/60885>. Acesso em: 27 nov. 2025.

LIMA, E. S.; CRUZ, R. T. Alguns aspectos semânticos da Libras: um estudo do léxico de seus sinais em suas relações de sinonímia, antonímia, homonímias, homógrafas e polissemia. In: XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 2014, João Pessoa, Paraíba. **Anais**. João Pessoa, Paraíba: Mundo Alfal, 2014. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0367-1.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

LYONS, J. **Linguagem e Linguística**: Uma Introdução. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MARINHO SILVA, M. P. A SEMÂNTICA COMO NEGOCIAÇÃO DOS SIGNIFICADOS EM LIBRAS. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 255-269, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639435>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Tradução de Jorge Morais Barbosa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1971.

MORAES, J. A. de. **Fonética**. São Paulo: Parábola, 2024.

OLIVEIRA, C. M.; MORAES, M. Z. de; SANTOS, T; CASARIN, M. M. Língua de Sinais: Uma História de Restrições e Conquistas. **Revista Espaço Aberto**, p.27-32, 2003. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/584/598>. Acesso em: 27 nov. 2025.

PIMENTA, N. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da Libras**. 2012. 165 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/wp-content/uploads/2023/07/EstudosSurdosI-ParteAeB-mesclado-miolo.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

QUADROS, R. M. **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/wp-content/uploads/2023/07/EstudosSurdosII-Miolo.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Artmed, São Paulo, 2004.

RASO, T. **Pragmática**. São Paulo: Parábola, 2023.

SABANAI, N. L. **Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras**. 2016. 120 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2016.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SCHLINDWEIN, A. F.; AQUINO, A. **Aspectos sintáticos da Libras**: aula 8. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, 2021. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/12242928072021Aula_08.pdf. Acesso em: 27 nov. 2025

SILVA, D.; ALMEIDA-SILVA, A. A Libras e outras Línguas de Sinais Brasileiras. In: SOUSA, A. M., *et al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 3- A circulação da Libras e aspectos socio-históricos. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil / Sign languages of isolated communities found in Brazil. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 22111–22127, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/4167>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SILVA, I. B. O.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Um panorama fonético-fonológico da língua brasileira de sinais-Libras. **Revista Philologus**, v. 27, n. 79, p. 1450-1467, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/134>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SILVA, J.; QUADROS, R. M. As pesquisas com Língua de Sinais. In: SOUSA, A. M., *et al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 2- Linguística e Libras. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

SILVA, R. C. **Os tradutores e intérpretes de Libras-português nas IES Federais do Brasil**: da avaliação à importância das competências tradutória e interpretativa. 2023. 237 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SILVA; A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na libras. **Humanidades e Inovação**, Campinas, v. 7, n. 26, p. 58-84,

2020. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SOUZA, T. A. F. **A Relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 1998. 159 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. Studies in Linguistics: Occasional Papers, n. 8. Buffalo: University of Buffalo, 1960.

STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; PINHEIRO, K. L. A Libras no mundo. *In*: SOUSA, A. M., *et al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 3- A circulação da Libras e aspectos socio-históricos. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. Políticas Linguísticas. *In*: SOUSA, A. M., *et al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 3- A circulação da Libras e aspectos socio-históricos. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

TAMBA, I. **A Semântica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: An Introduction**. 3. ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: MãosSinais, 2019.

XAVIER, A. N. A aprendizagem da língua escrita por crianças surdas. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/41707/30736>. Acesso em: 27 nov. 2025

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)**. 2006. 175 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18122007-135347/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

XAVIER, A. N.; SILVA, A. R. Fonética. *In*: SOUSA, A. M., *et al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 4- A Fonética e a Fonologia das Línguas de Sinais. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

XAVIER, A. N.; SILVA, A. R. Fonologia. *In*: SOUSA, A. M., *et al.* **GRAMÁTICA DA LIBRAS VOL 1**: Capítulo 4- A Fonética e a Fonologia das Línguas de Sinais. Rio de Janeiro: INES, 2023. 568 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1znIKuPoBrecogQp0IN109ZpdOTIt_mH3/view. Acesso em: 27 nov. 2025.

APÊNDICE A - ANÁLISE DIÁLOGO 1 ELAN

ELAN 7.0 - 1-DIÁLOGO_Gisele CORREÇÃO.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

1-DIÁLOGO (1) (video-converter.com).mp4

Silenciar Solo

Velocidade: 90

00:00:40.050 Seleção: 00:01:56.140 - 00:02:06.320 10180

00:00:20.000 00:00:25.000 00:00:30.000 00:00:35.000 00:00:40.000 00:00:45.000 00:00:50.000 00:00:55.000 00:01:00.000 00:01:05.000 00:01:10.000 00:01:15.000 00:01:20.000

tradução (21) BOA TAR BOA TAR AQUI S-E-N-A-I? SIM EU QUERO VOCÊ SE VER SECRETÁRIA, ELA EXPLICAR C OB DE NAD

glosa/sinal (1) PA [B] B [E] [ES] E [ESP] E [E] [ESP] T [ES] OUT [ES] ESP N [C] OUT [ES] ESP [OUT] ESP [CAB] OUT

semântica (21) N [N] NU [N] LOC [P] IN [OBJ] PE [LOCA] VI [ORG] PE [COM] OBJ [PES] AG

sinal porteiro (17) TA [J] SIM VQ [SEGU] VE [SEC] EL [EXPL] CUR [VOC] DE N

sinal Eden (27) T [B] J AQU [S] [E] O [CUR] OB

sinal secretária (19) DE N

ELAN 7.0 - 1-DIÁLOGO_Gisele CORREÇÃO.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

1-DIÁLOGO (1) (video-converter.com).mp4

Silenciar Solo

Velocidade: 90

00:01:35.496 Seleção: 00:01:56.140 - 00:02:06.320 10180

00:01:30.000 00:01:35.000 00:01:40.000 00:01:45.000 00:01:50.000 00:01:55.000 00:02:00.000 00:02:05.000 00:02:10.000 00:02:15.000 00:02:20.000 00:02:25.000 00:02:30.000

tradução (21) COM LICENÇA OUT QUERO CU NOM NOME E-D-E-N-V-E-L-O-S- DESCUL É-D-E-N-V-E-L-O-S-O (ditando devagar) OK, EN VOCÊ COMEÇA CURSO LIB OBRIGAD DE NADA

glosa/sinal (1) ESP N [E] E [E] E [OU] ES [E] E [ES] E [E] E [E] E [CA] CABE [CAB] [ES] OU OUT [E] C OUT [CAB] ES [OUT] ESP

semântica (21) PEDIR N IN [OB] LIN A P AP PE COM COM PE AC [OBJE] U DI NULO AGR AC ACE

sinal porteiro (17) COM L [O] J O CU [LIB] NO [E] D [V] U [O] OBR TC

sinal Eden (27) COM L [O] J O CU [LIB] NO [E] D [V] U [O] OBR TC

sinal secretária (19) DE N VO CO CUR U A NOIT J DE TCH

APÊNDICE B - ANÁLISE DIÁLOGO 2 ELAN

ELAN 7.0 - 2-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

2-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

☐ Silenciar ☐ Solo

Velocidade: 50

Seleção: 00:01:30.782 - 00:01:31.182 400

00:00:32.170

00:00:15.000 00:00:20.000 00:00:25.000 00:00:30.000 00:00:35.000 00:00:40.000 00:00:45.000 00:00:50.000 00:00:55.000

tradução (19) BOM DIA! BOM QUERO SABER TEM CURSO: INFORMÁTICA, ELETRICIDADE, COSTURA, MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS, MARCENARIA, SE TEM GRÁFICA NÃO TE

glosa/sinal (6) SOL SO IN CO OBJET PO OBJET OBJETO - PROFESS PROFESS OBJE OBJET PROFESSÃO PROFESSÃO PROFESSÃO ACÁ PROFESS ACÁO

Semântica (64) C CABE CA E CA OUTRA TO OUTRA ESP NEU CABEÇA OUTRAS OUT ESP NE OUTRAS PAR OUTRAS PAR OUTRAS PAR TO OUTRAS ESP NE

PA (79) B DIA O SA CURS TEM GRÁFICA NÃO TE

sinal Eden (90) DIA TE CURS INFORMÁTICA ELETRICIDADE COSTURA MEC AUTOMARCENARIA SERRALHERIA SEGURANCA

sinal secretária (40) NÃO TE

ELAN 7.0 - 2-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

2-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

☐ Silenciar ☐ Solo

Velocidade: 50

Seleção: 00:01:30.782 - 00:01:31.182 400

00:01:01.403

00:01:00.000 00:01:05.000 00:01:10.000 00:01:15.000 00:01:20.000 00:01:25.000 00:01:30.000 00:01:35.000 00:01:40.000 00:01:45.000

tradução (19) EU ESCOLHI INFO DE MANHÃ, TARDE (APRENDIZAGEM) CURSO NOITE P 100 REAIS À VIST NÃO, PARCELAD OK, QUERO FAZER CUR EU V-O-U DAR INSCRIÇÃO P

glosa/sinal (6) A A O O ACÁ TEMP NULO CO OBJET OB NULO A ACÁ NULO AÇÃO - DI COM U AC OB OBJET PE ACÁ OBJET PES

Semântica (64) E E E O OUT OUTR ESP N CAB OUTR CABE OU OU O ESP ESP N ESP N ESP N OUTRAS ESP O OU ESP N T ES ESP OUT ESP

PA (79) J E IN C PAG CU NOI P QUA À VIST OK FA CU INFOR

sinal Eden (90) MANH TARDE APR CURS DE GR 100 REAIS NÃO PARCELA EU U DAR INSC VOC

sinal secretária (40)

ELAN 7.0 - 2-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

2-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

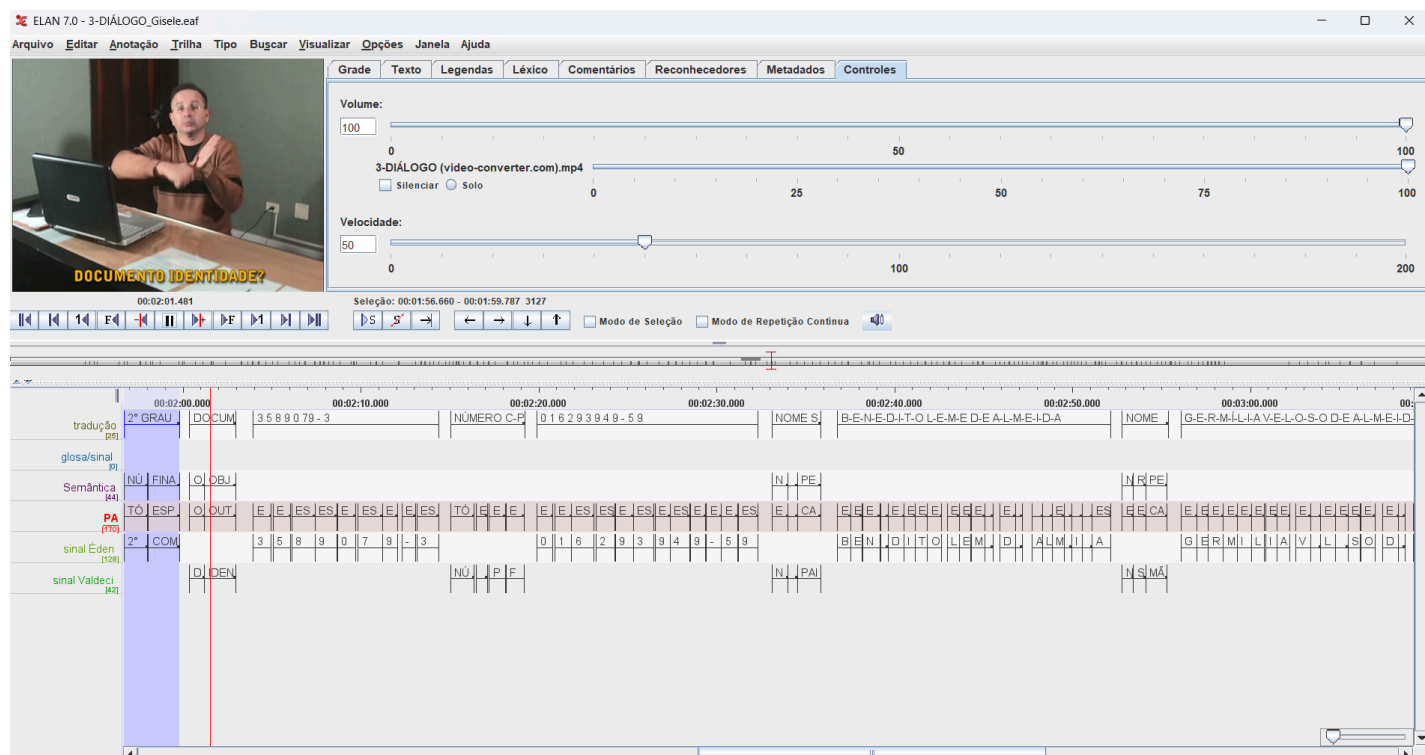
Silenciar Solo

Velocidade: 50

00:02:11.777 Seleção: 00:01:30.782 - 00:01:31.192 400

Modo de Seleção Modo de Repetição Contínua

	00:02:00.000	00:02:05.000	00:02:10.000	00:02:15.000	00:02:20.000	00:02:25.000	00:02:30.000	00:02:35.000	00:02:40.000
tradução [19]			PR	CERTO, VOCÊ VOLTA AQUI AMANHÃ CONVERSAR COMIGO. EU EXPLIC	ENTENDI, MUITO OBRIG	DE NADA, TCHAU. AT			
glosa/sinal [3]									
Semântica [64]			FINA	COMP PES NULO LO TEM	POSSE PE COM OB PESS	COMP A AG M TEM	ACE MOME		
PA [79]		E	ESP	ESP N ESP OUTR ES CABE OUTR TORAX ES ESP	OU ESP	CABE E CAB O CAB	OUTRA ESP OUTR		
sinal Édén [50]			PR			ENTE M OB AT AMA			
sinal secretária [66]		JQ		CERT VO VOLT AQ AMAN CONV COMIG EU EXPL CU VOCE			DE NAD TCHAU ATÉ		



ELAN 7.0 - 3-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100 0 50 100

3-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

☐ Silenciar ☐ Solo

Velocidade: 50 0 100 200

00:03:00.632 Seleção: 00:01:56.660 - 00:01:59.787 3127

Modo de Seleção Modo de Repetição Contínua

00:03:00.000 00:03:10.000 00:03:20.000 00:03:30.000 00:03:40.000 00:03:50.000 00:04:00.000

tradução (28) G-E-R-M-I-L-I-A-V-E-L-O-S-O D-E A-L-M-E-I-D-A PRONTO, AGORA VOCÊ VIRA DIREITA LÁ C. OB

glosa/sinal (9) FINA AD PES DIR DIR DIRE AC OBJE GR

Semântica (44) ESP ES ESP ESP ESP ESP OU OUT CA ES

PA (170) G E R M I L I A V L S O D A L M J I D A OB JO

sinal Eden (129) PRO AG VOC VIR DIR LÁ CQ CUR

sinal Valdeci (43)

APÊNDICE D - ANÁLISE DIÁLOGO 4 ELAN

ELAN 7.0 - 4-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

4-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

Velocidade: 60

00:01:43.868 Seleção: 00:02:35.450 - 00:02:36.360 910

ESTÁ OFICINA TEM VÁRIOS CURSOS

tradição [16] AH LEGAL, MUI ESTÁ OFICINA TEM VÁRIOS CURSOS. LÁ VOCÊ FREQU OK, ONDE REFEIT VOCE DESCE ESCADA. VER PRÉDIO. LÁ TEM REFEITÓRIO PERTO SALA PROFESSORES DIA, HORA EU COMEÇO FRE

glosa/sinal [8] SOR A APA LOC LOCAL POS QUA OBJE LOCA PES ENTRA CO PE LOCALIZA PESS NUL VER NULO LOC POS LOCALIZAÇÃO NUL LOC LETRA P LET REL P AC ENT OBJE D

Semântica [103] CAB E ESP ESP OUTRA TÔR OUT OUTR ESP ESP OUTRA ESP ES ESP NEU ESP N ESP CABE ESP NE ESP TÔR ESP NEU OUT ESP ESP NE CA OUT T OU OU OUTR C

PA [133] LEG M BOM OK O REFEITÓ DIA HOR E CO FR CURS

sinal Eden [49] EST OFICIN TEM VÁRI CURS LÁ VOC FREQU VOCE DES VER PRÉDIO LÁ TEM REFEITÓRIO PER SALA PROFES

sinal Valdeci [84]

ELAN 7.0 - 4-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100

4-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

Velocidade: 60

00:02:35.009 Seleção: 00:02:35.450 - 00:02:36.360 910

COMEÇA 19HS ATÉ 21HS

tradição [16] XUE SEGUNDA, QUARTA, SEXTA, COMEÇA 19h ATÉ 21h. VOCÊ MORA PERTO DAQU NÃO, EU MORO LONGE, EU VIM MOTO VOCE JÁ PERGUNTOU PORTEIRO, ONDE GU NÃO, EU GUARDEI MOTO RUA LÁ, MAS VOU FALA

glosa/sinal [8] DIA DIA DIA DA ACÁ MO RELO PE LO NU LOCALU P LO LOCALU P NU OBJET PES AC PER HOMEM DO PER CO OBJET P CO O LO LO F HOMEM DO C

Semântica [103] CAB CAB CABEQ OUT ESP NE OU ESP N OUTR ES OU OU ESP NE ES T OU ESP NE T ES ESP NE ESP ES OUT CABEÇA E ESP OU ESP NE E T OU ES O ESP OU T C CABEÇA E E

PA [133] SEG QUA SEXTA CO 19 ATÉ 21 HORA VO MO PE AQUI VO JÁ PER PORTEIRO ON GU MOTO

sinal Eden [49]

sinal Valdeci [84]

ELAN 7.0 - 4-DIÁLOGO_Gisele.eaf

Arquivo Editar Anotação Trilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajuda

Grade Texto Legendas Léxico Comentários Reconhecedores Metadados Controles

Volume: 100 0 50 100

4-DIÁLOGO (video-converter.com).mp4

☐ Silenciar ☒ Solo

Velocidade: 60 0 100 200

00:03:20.372 Seleção: 00:02:35.450 - 00:02:36.360 910

Modo de Seleção Modo de Repetição Contínua

tradução [16] OK, AGORA VOCÊ JÁ CONHECE AQUI, SEMANA QUE VEM VOCÊ COMEÇA CURSO. ME ENCON BOM, OB DE NADA, ABRAÇOS. TCHAU. ATÉ OUTRA ABRAÇ

glosa/sinal [6] COMPR ADV PE AD LO NUL NULO PES ACB OBJETO PO NUL LO AG CARIN ACEN MOM NU NULO CA AC

Semântica [103] ESP NE ESP ES ES CAB ES ESP ESP IV ESP OU OUTRAS TO OUT ES CAB CA OUTRA OUTR ESP OUT ES ESP NE OU ES

PA [133] BO OB AB TC

sinal Eden [49] OK AGO VOI JÁ CO AD SEM QUE VO CO CURSO ME ENC AQ DE NAD ABRA TCHA ATÉ OU SEMAN

sinal Valdeci [84]